

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI**  
**MADALENA RODRIGUES NOVA**

**VIAGEM E TURISMO: OS GUIAS DA CIDADE DE SÃO PAULO**  
**(1924 e 1954)**

**SÃO PAULO**  
**2009**

**MADALENA RODRIGUES NOVA**

**VIAGEM E TURISMO: OS GUIAS DA CIDADE DE SÃO PAULO  
(1924 e 1954)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sênia Regina Bastos.

**SÃO PAULO**

**2009**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

APROVADO EM 27/08/2009

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA DO ROSÁRIO ROFSEN SALES  
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. SENIA REGINA BASTOS  
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. YVONE AVELINO DIAS  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

## **DEDICATÓRIA**

Ao Fernando, Adriana e Claudia,  
porque são parte de mim e deste  
trabalho...

## AGRADECIMENTOS

Á Deus,

Ao Ricardo, pela paciência e companheirismo.

Aos meus filhos, Fernando, Adriana, Claudia e também a Gleice por que sempre encontraram tempo para me auxiliar.

À orientadora, amiga e professora Dr<sup>a</sup>. Sênia Regina Bastos, por não desistir de mim.

Agradeço a todos os professores do mestrado; em especial à professora Dr<sup>a</sup>. Ada Dencker e ao professor Dr. Raul Amaral.

À Alessandra da Silva Carvalho pela sua gentileza no atendimento e milhões de e-mails enviados para manter-me informada durante o curso.

Aos colegas de classe, com os quais dividi experiências e insegurança (no primeiro semestre), disciplinas, trabalhos e pesquisas.

A todos que conheci ao longo destes dois anos e de alguma forma contribuíram com este trabalho.

*Alguma coisa acontece no meu  
coração que só quando cruza a  
Ipiranga e a Avenida São João...*  
*Caetano Veloso – Sampa 1978*

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar guias turísticos da cidade de São Paulo, impressos e editados em português, em dois momentos, de forma a identificar as possibilidades de visitação, sugestões de entretenimento e informações necessárias aos deslocamentos dos visitantes ou moradores. Instrumentos da hospitalidade, cujo ato, envolve ações como recepção, hospedagem, restauração e entretenimento em categorias distintas que podem ser: doméstica, social e comercial. Também foram contemplados aspectos da hospitalidade urbana como acessibilidade, legibilidade e identidade na cidade de São Paulo. Os guias selecionados foram: Guia Ilustrado do Viajante de 1924, por ser o mais antigo título disponível para consulta ao qual se teve acesso e por ter sido editado tão logo se deram as comemorações do Centenário da Independência (1922) e Guia Turístico da Cidade de São Paulo e de seus Arredores de 1953, por se tratar de uma edição comemorativa do IV Centenário da cidade (1954). Para proceder à análise dos guias optou-se pela metodologia de análise de conteúdo. Embora, os guias retratem a cidade de São Paulo, de maneiras diferentes, um aspecto é comum aos dois: informam o visitante, mostrando o que de melhor há na cidade, respeitando-se os diferentes períodos e usando dos recursos disponíveis na época em que as obras foram editadas.

Palavras-chave: Guias turísticos. Hospitalidade. Turismo. Cidade de São Paulo.

## **ABSTRACT**

The research aimed to analyze tour guides of the city of São Paulo, printed and published in Portuguese, in different moments of the history, identifying places to visit, entertainment suggestions and information necessary for visitors or resident people. Instruments of hospitality whose act involves actions such as reception, accommodation, dining and entertainment, in different categories that can be: domestic, social and commercial, Were also discussed aspects about civic hospitality, such as accessibility, legibility and identity in São Paulo. The guides selected were the “Guia Ilustrado do Viajante” (Illustrated Traveller Guide), from 1924, because it was the most old available for this research, and it was published just after the celebration of Brazil Independence Centenary (1922). The other guide is the “Guia Turístico da Cidade de São Paulo e de seus Arredores” (Tourist Guide of São Paulo City and its Surroundings), from 1953, a special edition celebrating the city 4<sup>th</sup> Centenary (1954). The method used was the contents analysis, and, in despite of the guides paint Sao Paulo city in different ways, there is one common aspect: inform the visitor, showing the best on it, respecting the time and the available resources when they were edited.

Keywords: Tourist Guides. Hospitality. Tourism. Sao Paulo city.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Primeira folha do sumário .....	58
Fotografia 2 - Anúncio publicitário Chocolate Falchi.....	60
Fotografia 3 - Anúncio publicitário do Guaraná Champanhe Antarctica.....	61
Fotografia 4 - Anúncio publicitário de vendas de terrenos .....	62
Fotografia 5 - Primeira página do capítulo VII. ....	69
Fotografia 6 - Parque Tenente Siqueira Campos.....	70
Fotografia 7 - Regatas no rio Tietê.....	72
Fotografia 8 - Arquibancada do Jockey Club.....	73
Fotografia 9 - Vista frontal do Museu Paulista .....	74
Fotografia 10 - Hospital Santa Casa de Misericórdia.....	76
Fotografia 11 - Sexta parte – Dicionário de ruas.....	81
Fotografia 12 - Vale do anhangabaú e viaduto do chá .....	90
Fotografia 13 - Biblioteca municipal .....	95
Fotografia 14 - Praia de Itararé - São Vicente.....	102
Fotografia 15 - Pequenos mapas para passeios .....	105
Fotografia 16 - Mapa dos pontos turísticos da cidade de São Paulo .....	105

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os tempos e espaços da hospitalidade humana.....	36
Quadro 2 - Atividades relacionadas à hospitalidade .....	36
Quadro 3 - Intersecção de turismo e hospitalidade e estabelecimento de <i>trends</i> .....	37
Quadro 4 - Folha de rosto do guia .....	57
Quadro 5 - Área urbanizada na década de 20 da cidade de são paulo.....	108
Quadro 6 - Área urbanizada na década de 50 da cidade de são paulo.....	109
Quadro 7 - Parques .....	110
Quadro 8 - Praças .....	110
Quadro 9 - Largos.....	111
Quadro 10 - Ruas do centro histórico.....	111
Quadro 11 - Jardins .....	111
Quadro 12 - Clubes esportivos e sociais.....	112
Quadro 13 - Teatros.....	113
Quadro 14 - Cinemas .....	115
Quadro 15 - Monumentos, estatuas, hermas, bustos e esculturas.....	116
Quadro 16 - Museus .....	117
Quadro 17 - Edifícios religiosos.....	118
Quadro 18 - Estações balneárias e climáticas.....	119
Quadro 19 - Totalização das principais localidades da cidade para lazer e entretenimento. .	119

## **LISTA DE SIGLAS**

**AHMWL** – Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz

**CIVCCSP** – Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo

**ECA** – Escola de Comunicação e Arte

**IEB** – Instituto de Estudos Brasileiros

**IHGB** - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

**IHGP** – Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco

**IHGSP** – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

**MAM** – Museu de Arte Moderna

**MASP** – Museu de Arte de São Paulo

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**OMT** – Organização Mundial do Turismo

**USP** – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – VIAGENS E TURISMO .....</b>	<b>18</b>
1.1 A ORIGEM DOS GUIAS TURÍSTICOS .....	18
1.2 CONTEXTUALIZANDO VIAGENS E TURISMO.....	21
1.3 HOSPITALIDADE .....	32
<b>CAPÍTULO 2 – AS COMEMORAÇÕES NA CIDADE DE SÃO PAULO.....</b>	<b>39</b>
2.1 A CIDADE DE SÃO PAULO.....	39
2.2 AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NA CIDADE DE SÃO PAULO	43
2.3 O IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO.....	48
<b>CAPÍTULO 3 - OS GUIAS IMPRESSOS DA CIDADE DE SÃO PAULO .....</b>	<b>54</b>
3.1 HOSPITALIDADE NOS GUIAS DE VIAGENS E TURISMO.....	54
3.2 O GUIA ILLUSTRADO DO VIAJANTE (1924).....	56
3.3 O GUIA TURÍSTICO DA CIDADE DE SÃO PAULO E DE SEUS ARREDORES (1953).....	81
3.4 PALIMPSESTO .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>127</b>

## Introdução

A pesquisa teve como objetivo analisar dois guias turísticos da cidade de São Paulo. Foram observadas nos guias, as possibilidades de visitação na cidade e as demais informações de interesse de visitantes e moradores que possam contemplar aspectos da hospitalidade. A hospitalidade envolve ações como recepção, hospedagem, restauração e entretenimento em categorias distintas como doméstica, social, comercial e virtual, embora esta última não se aplique ao contexto da pesquisa, considerando-se o período de edição dos guias analisados. O interesse por este tema surgiu a partir de uma visita técnica ao centro de São Paulo, em que foi possível observar a mudança ocorrida nos últimos vinte e cinco anos, durante os quais, residi na cidade de Guarulhos, sem visitar o Centro, apesar de já conhecê-lo. Até esse momento não havia percebido a cidade da maneira como pude observar nesta visita, que, aliada às aulas despertaram minha atenção para a história da cidade; a formação em Turismo também contribuiu. Além disso, a partir desse momento, surgiu uma certa inquietação que se transformou em indagação acerca da hospitalidade numa cidade como São Paulo.

Os guias foram escolhidos mediante pesquisa exploratória em sites de busca, banco de dados, dissertações e artigos além de literatura sobre o assunto, porém, no *site* Dedalus da Universidade de São Paulo, onde puderam ser observados os acervos da Biblioteca da Escola de Comunicação e Arte - ECA, do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP além de outras ligadas a esta instituição, foi possível a localização do Guia Ilustrado do Viajante do ano de 1924 que chamou a atenção por ser o mais antigo encontrado e disponível para consulta, escrito pelo brasileiro Jacintho Silva.

Quanto ao Guia Turístico da Cidade de São Paulo e seus Arredores, das Edições Melhoramentos, escrito e editado em 1953, foi identificado no mesmo *site*, encontrava-se disponível para consulta em bibliotecas, contudo, infere-se uma maior tiragem, visto que pode ser adquirido em uma livraria do tipo sebo, o que foi feito por curiosidade e maior comodidade da pesquisadora. Apesar de ser mais atual que o primeiro, o seu estado de conservação não era tão bom. Este guia dispõe de informações para visitantes ou moradores e fazia parte de uma grande variedade de obras específicas para a comemoração do IV

Centenário da cidade entre as quais encontravam-se obras do escritor Affonso d'E. Taunay<sup>1</sup>. O guia em questão valoriza as mudanças ocorridas na cidade em virtude das comemorações dos 400 anos.

Para proceder à análise dos guias optou-se pela metodologia de análise de conteúdo, conforme Bauer (2002, p. 189), que sugere que os textos podem referir-se à pensamentos, sentimentos, planos e discussões, assim como as falas (entrevistas) das pessoas, podendo muitas vezes, transmitir mais do que imaginam, os autores dos discursos.

A leitura e anotações do Guia Ilustrado do Viajante, só puderam ser feitas no local, não sendo permitida fotocópia. Desta forma foi escolhida a Biblioteca do Museu Paulista pela acessibilidade, já que foram necessárias várias visitas para a pesquisa. Após a leitura e anotações mais importantes sua transcrição foi feita minuciosamente para que seu conteúdo pudesse ser analisado neste trabalho. As imagens foram permitidas pelo Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz, AHMWL, porém, foi permitido fotografar apenas dez por cento, da obra, ou seja, 30 fotografias, que não estão totalmente nítidas.

Os guias impressos constituem um meio de comunicação para quem pretende conhecer a cidade, visitante ou morador que necessite de informações específicas, fazendo a mediação entre o espaço público e o indivíduo tornando-se assim, instrumentos da hospitalidade urbana, registrando não só a existência dos monumentos, igrejas, jardins e outros locais de visitação, mas promovendo o conhecimento destes, e sugerindo sua preservação e valorização. O fato de serem escolhidos guias de diferentes épocas permitiu-nos conhecer duas cidades diferentes, usos e costumes diversos e como se deram os acontecimentos importantes para a cidade e suas mudanças, embora, estes nem sempre estivessem explícitos nos guias. O guia de 1924 retrata uma cidade que acabou de receber muitos imigrantes e estrangeiros, foi escrito após ocorrerem mudanças na cidade, além do advento do modernismo<sup>2</sup> e o Centenário da Independência, uma época que o Brasil precisava “firmar-se” como nação livre e construir uma identidade própria. No ano de 1954, São Paulo

---

<sup>1</sup> Afonso d'Escagnolle Taunay, professor, historiador, ensaísta, biógrafo, romancista, tradutor, lexicógrafo <http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/afonsodtaunay.htm>

<sup>2</sup> O modernismo foi um movimento literário e artístico do início do séc. XX, cujo objetivo era o rompimento com o tradicionalismo (parnasianismo, simbolismo e a arte acadêmica), a libertação estética, a experimentação constante e, independência cultural do país. Apesar da força do movimento literário modernista a base deste movimento se encontra nas artes plásticas, com destaque para a pintura. No Brasil, este movimento possui como marco simbólico a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, na cidade de São Paulo. em que se verificava também as comemorações do Centenário da Independência <http://www.infoescola.com/literatura/modernismo>.

precisava de uma identidade própria e de mostrar seu crescimento, segundo Lofêgo (2004) tudo foi programado para acontecer com as festividades e no ano do IV Centenário.

Foi observada a organização interna dos guias; a permanência ou não das sugestões dos atrativos e lugares para visitação de moradores ou viajantes, bem como o surgimento de novas opções, comparando-se as duas obras.

O desenvolvimento da pesquisa se fez em três capítulos assim dispostos: O primeiro, intitulado “Viagens e Turismo” compreendeu a origem dos guias turísticos bem como a contextualização das viagens, do turismo e da hospitalidade. Teve como referencial teórico Leitão Camargo (2002), que discorreu sobre a origem dos guias, as viagens e o turismo. Por sua vez, Choay (2006), apontou a atração que os monumentos exerciam sobre os viajantes, desde a antiguidade. Lima Camargo (2002), Grinover (2006), Lashley e Morrison (2004) e Montandon (2003) constituíram referências importantes da hospitalidade, trataram diferentes aspectos, nos quais incluiu-se a hospitalidade urbana.

O segundo capítulo intitulado “As comemorações da Cidade de São Paulo” contemplou a análise da cidade de São Paulo, as comemorações do Centenário da Independência do Brasil e do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Teve como marco teórico Reis (2004) que mostrou o crescimento da cidade de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, Brefe (2003), que discorreu sobre as festividades e comemorações do Centenário da Independência, assim como a preparação do Museu Paulista para a data comemorativa. Lofêgo (2004) contemplou a publicidade e a transformação realizadas em São Paulo por ocasião do IV Centenário.

O terceiro capítulo da pesquisa intitulado “Os guias impressos da cidade” foi composto pela abordagem da hospitalidade nos guias de viagem e turismo, centralizando a análise dos dois guias: O Guia Ilustrado do Viajante de 1924 e o Guia Turístico da Cidade de São Paulo e de seus Arredores (1953). Como referencial teórico utilizou-se Lima Camargo (2003), que abordou os domínios da hospitalidade e Raffestin (1997) que abordou a hospitalidade urbana.

O primeiro guia analisado, de 1924, contemplou monumentos erigidos para as comemorações do Centenário da Independência. A preocupação maior do autor era mostrar como “funcionava a cidade” dar informações às pessoas, viajantes ou moradores, este não se preocupou em comentar os eventos, mas sim, em falar da arquitetura dos prédios, da localização e do acesso aos lugares considerados pelo autor, importantes e dignos de visitação na época.

O segundo guia analisado foi o de 1953, quando a cidade se preparava para comemorar seus 400 anos e todos os trabalhos de divulgação da comissão organizadora do IV Centenário. Tudo girava em torno deste tema. Tomando-se como referência o guia de 1924, promoveu-se a comparação do que continuou sugestão ou não ou ainda do que surgiu no guia de 1953.

Desde a localização do Guia Ilustrado do Viajante, escrito por Jacintho Silva, no início da pesquisa, procurou-se identificar o autor, o que foi possível na obra de Hallewell (2005). Nesta obra, havia informações sobre o trabalho deste como assistente chefe de Julien Lansac, administrador da Casa Garnier, até 1903, seu trabalho na Casa Garraux (filial da Casa Garnier de 1860 a 1863, nesta época Livraria Acadêmica), como administrador de livros; e seu estabelecimento por conta própria em 1919, com a Casa Editora O Livro, que passou a ser ponto de encontro dos modernistas. As obras ali publicadas, a exemplo de Menotti Del Pichia e Cassiano Ricardo e de outros autores como Taunay e Alfredo Pujol, segundo Hallewell, (2005), eram impressas em pequenas edições, de cerca de mil exemplares. São Paulo presenciou em 1920, além do advento do modernismo, o crescimento da indústria editorial brasileira e Monteiro Lobato surgindo neste cenário; financiou por volta de 1917, sua obra intitulada Urupês, que vendeu, segundo ele, “mais do que o esperado”, além de escritor, tornou-se editor. A obra Guia Ilustrado do Viajante foi editada por Monteiro Lobato & Cia.

O guia do ano de 1953, escrito e editado por Edições Melhoramentos, informou sobre a maioria dos locais disponíveis na cidade de São Paulo, sobretudo, os monumentos e os locais de visitação, além de abordar as cidades circunvizinhas e muitos bairros não existentes no primeiro guia, elencou também as novas construções para presentear a cidade por seu IV Centenário como o Parque do Ibirapuera e a Catedral da Sé, (que deveria estar acabada para o Centenário da Independência) além da reforma do Teatro Municipal, contudo, o primeiro guia é mais detalhado em sua descrição, enquanto que o segundo enalteceu e valorizou a cidade. Neste guia percebeu-se ortografia diferente em relação ao primeiro e menor preocupação com os detalhes nas informações, com exceção do capítulo destinado aos Monumentos que observaram além do nome dos autores, a sua representatividade para a cidade e algumas fotos que estão mais nítidas em relação ao de 1924. Os quatro mapas que fazem parte da obra estão em bom estado, embora três deles sejam desenhos e não cartografias, o que não contribui muito nas informações.

Desta forma, entendemos, que os guias estudados, mostraram a cidade de maneiras diferentes, tendo em comum, a preocupação de fornecer informações aos deslocamentos necessários, desde recepção, entretenimento, acomodação e restauração, ações que

determinam hospitalidade, cada qual usando dos recursos disponíveis na época em que foram escritos e editados.

## Capítulo 1 – Viagens e Turismo

### 1.1 A origem dos guias turísticos

Os guias turísticos são, segundo Barreira (2005, p.2), um espaço peculiar de construção de narrativas. Aos que desejam conhecer uma cidade em pouco tempo, informam e mostram através de fotos e mapas os melhores lugares para se visitar, para restauração, ou para hospedagem ou ainda lugares para fazer compras (os guias mais modernos trazem símbolos destinados a auxiliar o entendimento das informações quanto a preços e instalações) destacando-se o cuidado de alguns com a disponibilidade de textos bilíngües.

Barreira (2005) problematiza a legitimação de cenários e emblemas da memória social contemplados nos guias, tornando conhecidos os monumentos, edifícios e locais relevantes para a história da cidade. Todavia, há que se considerar o viés ideológico que tal seleção comporta e que não é explicitada por estas publicações. Disponibilizados em formatos de livros, folhetos explicativos ou catálogos, as informações ali contempladas, variam de acordo com o momento social e político bem como ao território que extroverte como podemos perceber nos guias analisados nesse trabalho. Infere-se que o guia turístico seja obra literária de interesse de turistas ou viajantes, mas pode interessar também a pesquisadores, estudantes e profissionais das áreas de turismo, urbanismo, arquitetura e afins.

Segundo Leitão Camargo (2002), o guia turístico passou a ter esta denominação a partir da terceira década do século XIX, porém, na Antiguidade, existiram na Grécia os guias de viagens conhecidos como *periegeses*, considerados os precursores dos guias turísticos atuais, nestes manuscritos encontravam-se informações sobre as cidades, monumentos, modos de vida e costumes de seus habitantes e segundo Yasoshima e Oliveira (2002), eram utilizados pelos romanos em viagens à Grécia, sendo que o mais completo destes era Descrição da Grécia (*Periegesis Hellados*) escrito pelo viajante grego Pausânias, no período de 146 a 176. Na Idade Média, existiram manuscritos do ano de 1130 com o nome de Guia do Peregrino, destinados àqueles que faziam o caminho de Santiago de Compostela, descoberto no século IX, na Galícia, hoje território espanhol, conforme Leitão Camargo (2002). Segundo Barretto, (2003) o peregrino francês, Aymeric Picaud escreveu o roteiro da

viagem, indicando o caminho a partir da França, juntamente com histórias de Santiago, por volta do ano de 1140.

O guia inglês para cavalheiros praticantes do *Grand Tour*<sup>3</sup>, era impresso, no entanto, não se sabe em que escala e não se teve conhecimento de como era feita sua distribuição. O que deve ser considerado é que eram guias de viagem especializados, identificados pela finalidade da viagem: peregrinações, estudos ou comércio, de acordo com Leitão Camargo (2002, p. 64).

Morgan-Proux (2006, p.111) chamou a atenção para a elaboração de cadernos com anotações feitas pelos guias intérpretes (neste caso, os profissionais) durante as viagens nas montanhas dos Alpes franceses:

Mont Blanc, a antiga montanha maldita torna-se uma fonte de fascínio e de façanha esportiva [...] É necessário não só a perícia técnica dos guias em matéria de alpinismo, mas também o conhecimento que possuem da montanha, resultante de prática cotidiana [...] Aprende-se a vida dos camponeses nos cadernos que eles deixaram [...] Os cadernos são uma fascinante fonte de informações sobre a atividade de guia, que se torna uma prestação de serviço para uma clientela que deseja satisfazer seus desejos de conquista e lazer.

A autora destacou a natureza de tais anotações realizadas nos cadernos como a presença de encostas, montes e picos; os itinerários também foram descritos, com referência a modalidades de habitação, campos de pastoreio e outras curiosidades que possam atrair turistas, além do tempo de viagem ou passeio e até um pequeno vocabulário do idioma inglês. Acredita-se que tais cadernos escritos no século XVIII e não publicados, serviram como guias de viagem.

Ainda Morgan-Proux (2006, p.110), contemplou o viajante do século XVII, para quem tanto a montanha quanto o mar provocavam apenas horror e sua nova percepção diante da natureza que se deu no início do século XVIII, sobretudo, com o advento do romantismo. Leitão Camargo (2002, p.60) refere-se à literatura de viagens do século XVIII e também à literatura romântica que exaltavam não só a natureza, mas os monumentos, templos e ruínas:

---

<sup>3</sup> *Grand Tour* – termo utilizado pela primeira vez em 1670 por Richard Lassels, conforme Leitão Camargo (2002 p. 38)

As arenas, as termas, os templos, ainda que em ruínas ou ocupados para finalidade de moradia ou negócios passam a ser valorizados como locais dignos de visitação. Se já eram conhecidos e se sabia do seu valor econ mico, passam agora a ser objetos de culto nacional ou visitação.

Muitos escritores ficaram conhecidos por seus romances históricos como Chateaubriand, Victor Hugo, o escocês Walter Scott, George Sand, Sthendhal, Rousseau, entre outros. Os meios de reprodução das paisagens limitavam-se a desenhos ou pinturas, porém a partir do século XIX surgiu a fotografia e desenvolveu-se a técnica e arte dos cartazes. Por sua vez, guias impressos surgiram no século XIX, de acordo com Leitão Camargo (2002, p.65)

No século XIX, surgem os guias impressos, tais, como conhecemos hoje, com divulgação de informações, numa perspectiva de comunicação de massa, sem referência a uma camada social específica, porém, alguns guias são destinados a determinados públicos e finalidades... com o advento da locomotiva a vapor, a idéia de abrir nas estações de estradas de ferro, uma banca de livros e jornais espalhou-se rapidamente inicialmente em Londres e depois Paris, por volta de 1850.

O primeiro guia editado por *Karl Baedeker*, referia-se   viagem pelo Reno, *Rheinlande*, por volta de 1830, conforme Leitão Camargo (2002). Posteriormente, foi ampliando seu conjunto editorial com novos guias sobre Alemanha, Áustria etc., traduzidos para vários idiomas. A editora chegou até nossos dias e é uma das mais importantes, ainda em seu g nero de coleção de guias de viagens de todo o mundo, como *Guides Blue*, *Fodor*, *Nagel*, *Michelin* etc. Ainda no século XIX Thomas Cook também lançou um guia, o *Handbook of Trip* como observa Rejowsky (2002).

Segundo Leitão Camargo (2007), o Brasil ganhou visibilidade no mundo a partir de 1808 e até 1850, encontramos registros de viagens feitos por europeus. Finalmente, com as paisagens e atrativos naturais na literatura de viagens, passou a ser conhecido, o Estado do Rio de Janeiro, como núcleo receptor potencialmente, no entanto, muito distante de se tornar destinação, nessa primeira metade de século.

Scarrone (2007) informou sobre o primeiro guia escrito e editado no Brasil pelo alemão Revert Henry Klumb que chegou ao Brasil no ano de 1852 e começou a trabalhar no Rio de Janeiro; trouxe a técnica fotográfica chamada estereocopia (visualização de um objeto a partir de dois pontos de observação próximos). Depois, mudou-se para Petrópolis e tornou-se fotógrafo da família imperial, quando escreveu o guia intitulado “Doze Horas em Diligência: Guia Ilustrado do Viajante de Petrópolis a Juiz de Fora”, iniciado em 1861 e

finalizado em 1872. Segundo o próprio autor, o livro tinha por mérito somente o fato de ser o primeiro feito no país, como cita Scarrone (2007):

O livro não tem merecimento a não ser o de primeiro guia do viajante, feito no país, guia ilustrado de desenhos copiados da fotografia [...] A idéia primeira é de 1861, em 1863 trabalhei nela, em 1864, 1865 e 1866 acabei as vistas, em 1870 tratei da publicação com um editor e enfim em 1872 vejo-a realizada!

Segundo Scarrone, (2007), dois exemplares deste guia, se encontram na Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Contém, cada um, 85 páginas e 29 litografias que acompanham o texto, produzidas a partir de fotografias tiradas por Klumb, que elencam além das paisagens naturais, preços e horários de trem e outras curiosidades acompanhando o viajante durante os 144 quilômetros de percurso entre Petrópolis e Juiz de Fora.

Leitão Camargo (2007) considera a literatura de viagens, escrita por europeus, no século XIX, incluindo guias, almanaques, anúncios de jornal, vinhetas e ilustrações como uma possibilidade de se constatar oferta e serviços disponíveis da época.

## **1.2 Contextualizando viagens e turismo**

As viagens e os deslocamentos fazem parte da história do ser humano, confundindo-se com sua própria história, pois o homem sempre teve necessidade de deslocar-se, ora em busca de alimentos, ora para conquistar novas terras, ou empreender fugas, enfim, para sua sobrevivência.

Os gregos e os romanos, dentre outros povos, tiveram importante papel na história das viagens. Os primeiros realizavam viagens por motivos de saúde, peregrinações ou em virtude dos jogos olímpicos. Cunha (1997, p. 63) destaca que a hospitalidade constituía uma prática de imposição moral e dever, visto que compreendia o ato honroso de receber os estrangeiros que chegavam à cidade.

Na Antiguidade, os viajantes visitavam os monumentos conhecidos como as sete maravilhas do mundo antigo: As Pirâmides de Gizé (no Egito, construídas em 2550 a.C., monumentos que podem ser vistos ainda hoje); Os Jardins Suspensos da Babilônia (na Mesopotâmia, atual Iraque, construídos em 600 a.C.); O Templo de Ártemis, (na Turquia, construído em 550 a.C.); A Estátua de Zeus (na Grécia, construída em 500 a.C.), O Mausoléu

em Halicarnassus (na Turquia, construído em 353 a.C.); O Farol de Alexandria (no Egito, construído em 280 a.C.); O Colosso de Rodas (na Grécia, construído em 280 a.C.). Além da função utilitária ou religiosa, Yasoshima e Oliveira (2002) destacam que os monumentos foram construídos para atrair visitantes da aristocracia, da escolástica e com tendências artísticas; os autores pontuam o registro de nomes próprios nos monumentos (inscrições) o que consistia em uma forma predatória que danificava o bem.

Choay (2006, p.17) enfatiza sobre o sentido original do termo monumento, em latim *monumentum*, que deriva de *monere*: “advertir, lembrar”, aquilo que traz à lembrança alguma coisa. Desta forma, todo monumento é edificado para rememorar um fato ou alguém, um sacrifício, uma vitória ou uma perda.

Uma vez que o monumento atua sobre a memória, faz lembrar um passado marcado por uma história, uma comunidade ou povo, conforme Choay (2006, p.18), contribuindo para a manutenção e preservação da identidade desse povo, comunidade étnica, nacional ou familiar, trata-se de um monumento histórico. Quanto à preservação, móveis ou imóveis, na Antiguidade, não desempenhavam papel de monumentos históricos e eram preservados somente se reutilizados como moradia ou igreja. Alguns exemplos citados por Choay (2006, p. 40) foram o Palácio Imperial de Treves transformado em uma catedral no século IX e o templo de Augusto e Lúvia que se transformou na igreja de Notre Dame de la Vie, na mesma época.

Em Roma, o Coliseu teve seus arcos fechados e ocupados por habitações, oficinas ou depósitos, enquanto na arena foi construída uma igreja, no século XI; nesta época teatros e anfiteatros foram destruídos, fechados ou transformados em habitações e igrejas, em parte, pelo proselitismo cristão e também pelo desinteresse e indiferença em relação aos monumentos. Era comum, aproveitarem partes dos monumentos em ruínas, em novas obras, por economia ou ainda como parte da decoração (CHOAY 2006, p. 35-36),

Os romanos, (no período de 509 a.C a 27 a.C.), também empreendiam viagens por motivos vários, entre os quais, o controle do vasto império que estimulava o comércio e gerava recursos financeiros, de acordo com Yasoshima e Oliveira (2002, p.25). A prática do *otium*, que consistia em diversas atividades de lazer à beira-mar, no verão, geralmente ao redor da baía de Nápoles, era outro motivo para viagens:

A viagem de lazer antiga implicava a variedade e a diversidade dos momentos. Os passeios, as leituras e as conversações se alternavam com a pesca e os banhos sulfurosos. Cícero afirmava que era graças ao *otium* que a vida valia a pena ser vivida.

Embora os gregos aproveitassem as fontes termais para realizar curas há mais de 4.000 anos, surgiram no ano 25 a.C., as instalações termais, em Roma. Segundo Cunha (1997) iniciaram-se as atividades nos centros de atração e visitação que se espalharam por diversos países, muitos existentes até hoje como: Ischia, Abano ou Chiancciano, na Itália; Vichy, Mont-Dore ou Évian, na França; São Pedro ou Luso em Portugal e Bath na Inglaterra. Além do termalismo, outras atrações como espetáculos teatrais, jogos de circo e corridas de carro serviam de entretenimento aos viajantes.

Os viajantes romanos tinham grande interesse pela história e religião da Grécia, sendo influenciados por sua cultura, sobretudo na arte, pintura e na arquitetura. Embora houvesse o interesse do homem por monumentos e objetos de arte do passado desde a Antiguidade e na Idade Média, o olhar deste não era de um historiador ou preservador, conforme Choay (2006, p. 31). Os gregos não colecionavam os seus objetos de arte, porém, estes ficaram conhecidos através de Pausânias, Políbio e Plínio<sup>4</sup> e eram procurados, escolhidos e adquiridos por sua qualidade intrínseca. Ainda, Choay (2006, p. 33) argumenta sobre os objetos gregos espoliados pelos exércitos romanos, o que fez com que surgissem os colecionadores que se anteciparam aos museus:

Os objetos gregos espoliados pelos exércitos romanos começam por entrar discretamente no interior de algumas residências patrícias, mas seu *status* muda no momento em que Agripa<sup>5</sup> pede que as obras entesouradas no recôndito dos templos sejam expostas à vista de todos, à luz viva das ruas e dos grandes espaços públicos[...]

Por volta do século III, o Império Romano passava por uma enorme crise, econômica e política. No ano de 395, o imperador Teodósio dividiu-o em: Império Romano do Ocidente, com capital em Roma e Império Romano do Oriente (Império Bizantino), com capital em Constantinopla. Em 476, chegou ao fim o Império Romano do Ocidente, após a invasão dos bárbaros, enquanto Constantinopla (atual Istambul) teve sua queda definitiva no ano de 1453, após ser tomada pelos turcos.

---

<sup>4</sup> Escritores, historiadores e viajantes gregos (<http://netsaber.com.br/biografias>).

<sup>5</sup> Marco Vipsânio Agripa – administrador, construtor de aquedutos, termas, templo do Panteão, elaborou o mapa do mundo antigo durante viagens no período de 18 a 12 a.C. (<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MarcuVAg.html>).

Com o fim do Império Romano do Ocidente e da Antiguidade surgiu uma nova época: A Idade Média. Esta tinha como características a economia ruralista, o enfraquecimento do comércio, supremacia da igreja Católica e sistema de produção feudal. Os poucos deslocamentos eram peregrinações e feiras, associadas à celebração de festas religiosas, quando se destacaram as Cruzadas<sup>6</sup>. O incentivo da Igreja fazia aumentar progressivamente as peregrinações (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002).

Os destinos destas peregrinações eram o Santo Sepulcro, em Jerusalém, construído no ano 326, estes peregrinos eram chamados “palmeiros”; as visitas à Roma, sede da Igreja Católica era atividade obrigatória, daí o nome “romeiros”, contudo, conforme Barbosa (2002), o peregrino fazia a viagem sujeito a todas as intempéries e dificuldades do caminho, podiam ser vítimas de saques e seqüestros além da lentidão e incerteza. No século IX é encontrada a tumba de Santiago de Compostela, tendo início as peregrinações àquela cidade pelos jacobitas ou jacobeus<sup>7</sup>. As peregrinações à cidade de Meca, também devem ser lembradas visto que atraí milhões de fiéis até hoje (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002).

Nos séculos XII e XIV as peregrinações haviam se tornado um amplo fenômeno servido por uma indústria crescente de redes de hospedarias para viajantes, mantidas por religiosos e por manuais de indulgência produzidos em massa. Essas peregrinações incluíam freqüentemente uma mescla de devoções religiosas, cultura e prazer. No século XV haviam excursões organizadas que iam de Veneza à Terra Santa (FEIFER, 1985, p. 29 apud URRY, 1996, p. 19).

O Renascimento Europeu, do século XIII ao XVII, representou o fim do domínio da igreja e o desejo de explorar, conhecer e entender o mundo, quando muitos se deslocaram para ver e conhecer monumentos, ruínas, artefatos e objetos antigos, para através destes saber como viveram outras civilizações, além de símbolos e representações de outras culturas, conforme Choay (2006, p. 51-52):

---

<sup>6</sup> As Cruzadas (1096-1270) foram expedições organizadas pela Igreja, cuja finalidade era reconquistar Jerusalém do domínio muçulmano. (<http://suapesquisa.com/idademedia>).

<sup>7</sup> O nome próprio do Apóstolo São Tiago em francês é Jacques, latinização de Jacob.

[...] A literatura dos humanistas sobre o conhecimento e o prazer propiciados pelas obras da Antiguidade faz que se espere que sejam conservadas, de forma deliberada e organizada. Esta assume formas diferentes, segundo se trate de objetos móveis ou de edifícios. De um lado, moedas, inscrições, esculturas e fragmentos diversos, colecionados pelos artistas humanistas e príncipes italianos, são conservados no *studioli*, nas antecâmaras, nas *cortile* e nos jardins de suas residências...Por outro lado, a conservação dos edifícios (monumentos, grandes equipamentos e outros), tem lugar, necessariamente *in situ*... Está na dependência do domínio público e político, envolve mecanismos edíficos, econômicos, sociais[...]

No século XVIII surgiu um outro tipo de viajante, o *grand tourist*, praticante do *Grand Tour*, expressão pela qual foram denominadas as viagens aristocráticas pelo continente europeu. O *grand tourist* foi assim descrito por Salgueiro (2002, p. 291).

Trata-se aqui, não do viajante de expedições de guerras e conquistas, não do missionário ou do peregrino, e nem do estudioso ou cientista natural, ou do diplomata em missão oficial, mas sim do *grand tourist*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens [...]

Tornaram-se freqüentes as viagens por prazer, sobretudo, após o Tratado de Paz de Utrecht em 1715<sup>8</sup> e conforme Urry (1996), o *Grand Tour* já atendia além da aristocracia e fidalguia, os filhos da classe média profissional.

Alguns ilustres viajantes realizaram o *Grand Tour*, eram intelectuais, filósofos, viajantes, entre os quais Johann W. Goethe, (1749-1832) que lamentava a destruição do tempo e da ação humana sobre as relíquias, mas surpreendeu-se em Roma e conforme Salgueiro, (2002, p. 294):

[...] Noutras partes tem-se de procurar o que é significativo; aqui ele se impõe sobremaneira, inundando-nos. Caminhando-se, parando aqui e ali, por toda parte descortinam-se à nossa frente paisagens de todos os tipos, palácios e ruínas, jardins e matas, amplidão e exigüidade, casinhas, estábulos, arcos do triunfo, colunas, e com freqüência, tudo junto e tão próximo que se poderia desenhar o conjunto numa única folha de papel. Mil lápis seriam necessários para registrá-lo, de nada nos vale uma única pena! E, quando a noite chega, está-se exausto de tanto contemplar e admirar.

---

<sup>8</sup> São chamados tratados de paz de Utrecht os acordos que, firmados na cidade de Utrecht, nos Países Baixos, (1713-1715), puseram fim à guerra da sucessão espanhola (1701–1714), na qual entraram em conflito interesses de várias potências europeias ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Utrecht](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Utrecht)).

Os relatos de viagem eram as formas usuais de guias da época. No final do século XVIII, já podiam ser encontrados guias impressos com informações sobre locais célebres e informações sobre arquitetura, artes e antiguidades que atraíam os viajantes. Os transportes e as acomodações ainda não eram confortáveis, porém, conforme Salgueiro (2002, p. 300), os sacrifícios da viagem eram recompensados quando os viajantes conheciam os monumentos antigos, antes vistos apenas nos livros, descritos ou desenhados nos diários por outros.

Sob o olhar de viajantes que viam no estudo dos antigos, o sentido maior de sua viagem, monumentos puderam ser localizados, identificados e estudados, para serem por fim tornados conhecidos do público em obras ilustradas e pioneiras de arqueologia e de história da arte e da arquitetura.

Quanto aos guias analisados neste trabalho, contemplam monumentos segundo os conceitos de Choay (2006) como pode ser observado no guia de 1924, que elencou monumentos construídos para servirem de “suportes de memória”, ou para “trazer à lembrança fato ou personagem histórico” por exemplo, o Monumento à Independência, estátuas e hermas de Olavo Bilac, de Carlos Gomes, o Museu Paulista, mas também faz referências, a locais que servem ao entretenimento e lazer como: praças, parques, jardins e teatros. Quanto à Penitenciária do Estado, às estações de trens, aos mercados público e central, aos Correios e Telégrafos, ainda residências e escolas, que têm suas funções específicas, o autor nomeia-os e dá destaque no guia em virtude da arquitetura monumental, pois não eram lugares de entretenimento e alguns deles, tampouco poderiam estar disponíveis à visita. Outros lugares citados que podiam servir à visita, porém, com funções específicas foram as igrejas, os cemitérios e o Instituto Butantã assim como hospitais e asilos.

O guia de 1953, também chamou a atenção para monumentos erigidos conforme os mesmos conceitos. Citaram suas inscrições, deram detalhes dos materiais com os quais foram construídos, autores, datas de inauguração e sua representatividade histórica para a cidade e além de lugares para entretenimento, visto que é um guia turístico, citaram os cemitérios (sugerindo visitas aos mais antigos para apreciar a arquitetura e nomes famosos nas lápides), como fazem alguns guias contemporâneos.

Vale ressaltar um importante aspecto que diz respeito à relação lazer/trabalho entre o *Grand tour* e o turismo de lazer dos dias de hoje, já que os *grand tourists* eram abastados e não dependiam de suas economias para custear suas viagens, o que ocorre com o turista moderno, do chamado turismo de massa que se expandiu na Europa no século XIX e

permanece até hoje, inclusive no Brasil, cujas viagens fazem parte do consumo moderno, respeitando-se o perfil dos viajantes (SALGUEIRO, 2002, p. 308).

Em 1840, Thomas Cook, considerado o primeiro agente de viagens do mundo, segundo Barbosa (2002), consolidou as viagens de turismo, organizando no ano seguinte uma viagem de trem em larga escala e assim transportou cerca de 570 pessoas de Leicester a Loughborough. A partir daí, popularizou-se o Turismo, já que as viagens tornaram-se acessíveis a um número maior de pessoas, contudo, só no século XX, começaram a ser feitas estatísticas sobre o Turismo. A Organização das Nações Unidas – ONU e a Organização Mundial do Turismo - OMT definiram Turismo como deslocamento temporário de pessoas fora de seu lugar habitual por períodos de tempos variáveis, desde que não exercessem atividade remunerada no lugar de visitação.

Outros autores definem de maneira diferenciada o turismo: como um fenômeno social entre sociedades distintas (PADILHA, 1994, p. 19), ou como um sistema interligado por um conjunto de subsistemas (MOLINA, 1997, p. 13). Alguns analisaram sob uma perspectiva econômica (MIDDLETON, 1998). Ryan (1991 apud BURNS, 2002, p.51) conceituou de forma humanista e voltada para a experiência, dando espaço tanto para o anfitrião quanto para o convidado:

O turismo diz respeito, essencialmente à experiência do lugar. O produto do turismo não é o destino do turista, mas diz respeito à experiência daquele lugar e do que ali ocorre (o que consiste de) uma série de interações internas e externas.

Quanto ao Brasil, no período do século XVI ao século XIX, os viajantes que aqui passaram, deixaram relatos que integraram a “literatura de viagens” constituindo uma “literatura de testemunhos”, visto que decorriam de suas próprias experiências.<sup>9</sup>

A presença de viajantes estrangeiros e seus relatos publicados sobre o Brasil, datam do século XVI. Existem mais de 260 obras, em várias línguas, onde os autores falam dos habitantes, vida social, usos e costumes, fauna, flora e outros aspectos da antiga colônia portuguesa [...]

No século XVI, Hans Staden relatou sua viagem, intitulada “Viagem ao Brasil” (1557), e Jean de Léry, “Viagem à terra do Brasil” (1574). Embora até a chegada da corte

---

<sup>9</sup> Conforme site [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br).

portuguesa, em 1808 ao Rio de Janeiro, a entrada de estrangeiros estivesse limitada, por aqui chegaram soldados, religiosos, corsários ou meros curiosos, pois, os escritos passados de mão em mão, alimentavam, segundo Schwarcz (2008), narrativas extravagantes, imaginárias e sobrenaturais de muitos viajantes acerca do Brasil. Alguns relatos específicos da Crônica da Companhia de Jesus, de 1663, por Simão de Vasconcelos, que deixou impressões sobre a travessia da serra do Mar em direção à vila de São Paulo citavam, conforme Leitão Camargo (2007, p. 66).

O mais do espaço não é caminhar, é trepar de pés e mãos aferrados às raízes das árvores e, por entre quebradas tais, e tais despenhadeiros, eu confesso de mim que a primeira vez que passei por aqui me tremeram as carnes, olhando para baixo. A profundidade dos vales é espantosa; a diversidade dos montes uns sobre os outros tira a esperança de chegar ao fim; quando cuidais que chegais ao cume de um achai-vos ao pé de outro não menor [...]

Em 1865, passados dois séculos, Alfredo d'Escagnolle Taunay<sup>10</sup>, descreveu o mesmo local de forma totalmente diferente, citando as belezas da serra, pois se dirigia a São Paulo em diligência, identificando até mesmo as flores e nomeando-as, comparando o verde da serra com a Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde nasceu.

Na literatura de viagens, muitas imagens do Rio de Janeiro, repetiam-se, já eram atrativos inventados ou em processo: eram imagens da Baía de Guanabara, da Floresta da Tijuca, do Jardim Botânico e do Passeio Público.

Conforme Leitão Camargo (2007), no início do século XIX, os portos se abriram para o comércio e também para a circulação dos homens. O Brasil foi retratado por meio da literatura e desenhos que as ilustravam, eram paisagens desconhecidas aos estrangeiros como a natureza tropical, algo pitoresco e exótico, estes descreviam e desenhavam as águas, os rios, as montanhas, as rochas, a fauna e flora, sobretudo as aves, com cores e efeitos monumentais. Alguns escreveram sobre o nordeste brasileiro, destacando-se Henry Koster autor de "*Travels in Brazil*", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco - IHGP - e editado como livro apenas em 1942, com tradução de Luiz da Câmara Cascudo, e título "Viagens ao nordeste do Brasil". O alemão Johan Moritz Rugendas,

---

<sup>10</sup> Engenheiro, geógrafo e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, seguiu a carreira militar, na qual chegou ao posto de major. Após participar da guerra do Paraguai desligou-se do Exército para atuar na política e nas letras. Foi deputado, senador e presidente das províncias de Santa Catarina (1876) e do Paraná (1885). Visconde de Taunay e pai de Affonso d'E. Taunay  
([http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_alfredo\\_descagnolle\\_taubay.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_alfredo_descagnolle_taubay.htm)).

cuja obra, também do século XIX, “Viagem Pitoresca através do Brasil”, foi traduzida e editada no país por volta de 1940<sup>11</sup>.

Segundo Belluzzo (1994) os viajantes Thomas Ludley (1802) e John Mawe (1807), reuniram informações em um livro, que supostamente seria das riquezas do Brasil. Na Província de São Paulo, um dos pioneiros foi Gustavo Beyer (1813) que publicou uma obra intitulada “A viagem de São Paulo do verão de 1813”. Segundo seu olhar sobre o novo meio físico-cultural “a capitania de São Paulo era tida como um paraíso do Brasil por causa de sua altitude, seu ar saudável e fresco e seus habitantes hospitaleiros”; Jean Baptiste Debret, 1827, autor da aquarela “O umbigo de São Paulo” onde retratou o Pátio do Colégio, além de outras feitas na vila de Itu e no Salto de Itu; outros viajantes que se destacaram foram Hercules Florence (desenhista da expedição do cônsul russo Langsdorff em 1826), Saint Hilaire (1819) que por seus relatos deu origem à fama das “coisas exageradas” da cidade de Itu e Daniel Kidder, (1837) conhecido também por seus relatos.<sup>12</sup>

Solha (2002, p.159) aponta a rusticidade dos equipamentos e serviços de hospedagem, restauração e transportes, com os quais se atendiam os viajantes. Embora o detalhamento destes não seja essencialmente o objetivo da pesquisa, algumas considerações sobre os equipamentos de hospedagem, restauração e transportes, no entanto, foram feitas neste capítulo. Conforme Trigo (2002), os primeiros empreendimentos hoteleiros começaram a ser implantados no Brasil em 1820, perto dos portos e estações, e em 1854, surgiram em São Paulo considerados “bons hotéis”: o Hotel 4 Estações, Hotel da Itália e Hotel de France. Nesta década, também outros nomes como Hotel Paulistano, Hotel do Universo e Hotel da Providência, que se destacavam por seus restaurantes, conforme Silva (2007)<sup>13</sup>. Para os imigrantes com destino ao interior do estado, para a lavoura, instalou-se a Hospedaria dos Imigrantes, na Rua Antonio de Queiroz Telles, em São Paulo, no ano de 1887. A partir de 1920, surgiram as primeiras iniciativas governamentais para incentivar a construção de hotéis como Glória, Copacabana Palace, no Rio de Janeiro; Esplanada e Terminus em São Paulo, (os três últimos citados no guia de 1924) entre outros.

No ano da Independência, o país possuía centenas de portos naturais, rústicos ou improvisados, porém, o desembarque de passageiros ou de cargas era feito por botes até as praias. Somente em 1892, foram inauguradas as instalações do porto de Santos e, em 1902,

---

<sup>11</sup> Conforme site [www.fundaj.com.br](http://www.fundaj.com.br)

<sup>12</sup> Oliveira e Hessel (2005) conforme site [http://www.itu.com.br/colunistas.asp?cod\\_conteudo=7052](http://www.itu.com.br/colunistas.asp?cod_conteudo=7052)

<sup>13</sup> SILVA, Siwla Helena, Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

promulgou-se a primeira legislação para regular a atuação portuária em todo o país (TRIGO 2002).

No que se refere aos transportes ferroviários, em meados do século XIX surgiram os bondes puxados por animais e os trens. Data de 1836 a concessão para a construção de uma estrada de ferro de Santos ao planalto paulista. Mas, somente em 1865 os trilhos da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí subiram a serra do Mar e, no início do século XX, São Paulo passou a contar com três linhas ferroviárias com ponto inicial na cidade ou que a cruzavam: a Santos-Jundiaí atravessava a capital e tinha na Estação da Luz, seu ponto de referência; os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana buscavam o interior a partir de uma antiga estação onde mais tarde fora construída a Estação Júlio Prestes<sup>14</sup> (cujas mercadorias eram transferidas dos trens da Sorocabana para os da São Paulo Railway); os trens da Estrada de Ferro São Paulo – Rio de Janeiro, mais tarde incorporada à Central do Brasil, saíam da estação do Norte no Brás em direção à cidade de Cruzeiro (estado de São Paulo) e faziam conexão com a Estrada de Ferro D. Pedro II, rumo ao Rio de Janeiro (SAES, 2004, p.216).

Bastos (1996) aponta problemas no trânsito na área central da cidade, nos anos da década de 70 do século XIX, já que o transporte de cargas era feito por carroças e carrinhos, onde era transportado todo tipo de carga, desde importados até dejetos. A atividade atraía muitos imigrantes que por não se adaptarem aos serviços nas lavouras de café vinham para a capital da Província a fim de trabalhar por conta própria. Os passageiros eram transportados por *tilburis*<sup>15</sup>, *vitórias*<sup>16</sup> e *cupês*<sup>17</sup>, geralmente carros de aluguel ou próprio, conforme Stiel, (1978 apud Bastos 1996). Os transportes rodoviários, cujos primeiros registros da organização em São Paulo se deram por volta de 1865, aos poucos foram sendo trocados por bondes puxados por animais e, posteriormente, elétricos. Data de 1911 o primeiro ônibus motorizado do Brasil fabricado em São Paulo.

Quanto ao transporte aéreo, somente na década de 1930, foram criadas as primeiras empresas: Varig e Sindicato Condor (mais tarde Cruzeiro do Sul) empresas com base em iniciativa e capitais alemães.

No que se refere à restauração, somente a partir de 1847, apareceram registros de dois estabelecimentos em São Paulo, ambos de proprietários franceses: Charles Fischer e Frederic

---

<sup>14</sup> A Estação Julio Prestes, hoje abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica de São Paulo, inaugurada em 1938. Cf. *Sala São Paulo: café, ferrovia e a metrópole*, São Paulo, Retrato Imaginário, 2001.

<sup>15</sup> Carros com dois assentos, sem boléia, com capota e puxados por um animal (STIEL, 1978).

<sup>16</sup> Espécie de carruagem fechada de 4 rodas descobertas (STIEL, 1978).

<sup>17</sup> Carruagem fechada, de 4 rodas e geralmente de 2 lugares (STIEL, 1978).

Fontaine. O estabelecimento de Charles, além dos serviços de alimentação, era uma hospedaria e casa de banhos, de nome Serêa Paulista. Os pequenos estabelecimentos foram citados também como estalagens conforme Silva (2007), eram malvistas pela sociedade, freqüentados em geral por viajantes ou estudantes. Estes ofereciam refeições simples, conhecidas à época de “mesa redonda”<sup>18</sup> ou então “encomenda”<sup>19</sup> e só mais tarde, por volta de 1856, passaram a ser denominados “restaurants”. Surgem nestes anos estabelecimentos, com serviços de alimentação, porém, a maior parte deles, localizavam-se em hotéis ou hospedarias e o cardápio simples, começou a mudar, sendo servidos pratos da cozinha francesa e italiana.

Por volta de 1860 surgiram cafés, confeitarias e sorveterias, embora houvesse grande diversidade na venda de produtos nestes estabelecimentos, desde secos e molhados e importados além dos doces e refrescos. Os estudantes, empregados e negociantes que em 1850, conforme Martins, (2003) freqüentavam o primeiro local de venda de café - a Casa de Maria Punga<sup>20</sup> - à Rua Imperatriz, (atual XV de Novembro), buscaram outros espaços de convivência e de consumo de alimentos e bebidas. Assim, o final do século XIX, viu surgirem muitos estabelecimentos parecidos aos restaurantes de Paris, sobretudo após 1870 (SILVA, 2007). Nestes anos, conforme Araújo, (2006) devido ao processo imigratório a população da cidade ultrapassava 31.000 habitantes.

Nas primeiras décadas do século XX, São Paulo, viveu um momento de nítida modernização com a incorporação de mudanças tecnológicas da Segunda Revolução Industrial (SAES, 2004 p.226). Diante do aumento da infra-estrutura, com o crescimento da indústria e comércio, aumentou o número de viajantes e visitantes à cidade, vindos do interior do estado para compras ou lazer, tais como os banhos nas praias de Santos, conforme Reis, (2004).

---

<sup>18</sup> Mesa redonda – tratava-se de pratos simples oferecidos a preço fixo no local. (Silva 2007 p. 94)

<sup>19</sup> Encomenda – o pedido era feito anteriormente com preço combinado para retirada e consumo na casa do cliente. (Silva, 2007 p.94)

<sup>20</sup> Maria Emilia Vieira (SILVA, Siwla Helena Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo, 2007).

### 1.3 Hospitalidade

Montandon (2003, p.131), argumenta sobre a hospitalidade ontem e hoje<sup>21</sup>, ressaltando as diferentes sociedades, tempos e lugares nas quais se insere:

Sem dúvida o belo arco íris da hospitalidade da forma como o denomina Jabès, não possui mais em nossos dias o mesmo brilho que ele conheceu outrora, quando Ulisses, ao atravessar os mares, fazia de cada uma de suas aventuras a prova da hospitalidade, tanto para o herói quanto para o anfitrião (que não sabia se estava recebendo o filho de um rei ou um pirata). Assim tratava-se de conhecer a que tipo de humanidade ele pertencia, se ele reverenciava os ritos e os deuses, ou se era um ser sem fé e sem lei, um selvagem. Quando Ulisses aporta a uma nova costa, vem a sua mente a mesma pergunta, incessantemente: Encontrarei brutos, selvagens sem justiça, ou homens hospitaleiros, tementes aos deuses?

Porquanto, isto não significa que a verdadeira hospitalidade não possa ser exercida no meio urbano, e que esta é sim, uma maneira de viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis que inclui o instante da chegada do visitante à casa do anfitrião até o momento da sua partida. A hospitalidade envolve, portanto, recepção, alimentação, entretenimento e hospedagem (MONTANDON 2003, p.132).

Lima Camargo (2003, p.16), define hospitalidade como um ato humano que pode ser exercido em ambiente doméstico, público, comercial e até virtual, embora este último, não se insira no contexto da pesquisa. Implica, segundo ele, na recepção de pessoas, na hospedagem, na alimentação e no entretenimento. Esclarece, quando se refere aos hotéis e restaurantes, que não se pode pensar nestes estabelecimentos como receptores da hospitalidade, mas sim, que cabe à cidade este papel, ou seja:

Os hotéis e restaurantes já sabem que sua responsabilidade não é apenas hospedar, mas entreter, fornecer alternativas de ocupação aos hóspedes; por isso eles são os maiores interessados na produção de eventos, da mesma forma alguns hoteleiros mais informados já perceberam que não é o hotel que atrai o hóspede para a visita. Os *resorts* não são exceção já que podem ser definidos como endereços de lazer com hospedagem e alimentação incluídas.

---

<sup>21</sup> Título original: *Hospitalité Hier et Aujourd'Hui*. Conferência proferida em 22 de novembro de 2002 na Universidade Anhembi Morumbi. Texto traduzido por André de Souza.

Os domínios da hospitalidade envolvem, reflexões e estudos diversos de acordo com as diferentes culturas, tempo e espaços em que podem ocorrer. A hospitalidade no domínio doméstico que do ponto de vista histórico é a mais complexa e cheia de significados; a pública, que acontece em decorrência do direito de ir e vir; a comercial ocorre em parte pelo surgimento do turismo e a virtual, que o autor, esclarece que emissor e receptor da mensagem podem ser considerados respectivamente, anfitrião e visitante, sugerindo o quadro abaixo para melhor entendimento:

<b>Categorias</b>	<b>Recepcionar</b>	<b>Hospedar</b>	<b>Alimentar</b>	<b>Entreter</b>
<b>Doméstico</b>	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual.	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas.	Receber em casa para refeições e banquetes.	Receber para recepções e festas.
<b>Público</b>	A recepção em espaços e órgão públicos de livre acesso.	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país, incluindo hospitais, casas de saúde, presídios...	A gastronomia local.	Espaços públicos de lazer e eventos.
<b>Comercial</b>	Os serviços profissionais de recepção.	Hotéis.	A restauração.	Eventos e espetáculos. Espaços privados de lazer.
<b>Virtual</b>	Folhetos, cartazes, <i>folders</i> , Internet, telefone, <i>e-mail</i> .	<i>Sites</i> e hospedeiros de <i>sites</i> .	Programa na mídia e <i>sites</i> de gastronomia.	Jogos e entretenimento na mídia.

Quadro 1 - Os tempos e espaços da hospitalidade humana

Fonte: Camargo (2003 p. 19)

Nos guias analisados pudemos observar como se apresentaram estas categorias, visto que por se tratar de guias de viagens e de turismo, estiveram explícitos os domínios público e comercial. Na categoria: domínio público encontram-se informações sobre os órgãos municipais, estaduais e federais, incluindo-se a guarda-civil, guarda noturna bem como de todas delegacias de policia e serviço de corpo de bombeiros para casos específicos; quanto a hospedagem foram citadas casas de saúde, como Santa Casa de Misericórdia, Asilos dos Inválidos, Hospital das Clínicas e a Hospedaria dos Imigrantes; na categoria domínio comercial, foram citados os hotéis entre os quais Terminus, Esplanada, Plaza, São Paulo e pensões no Centro e próximo as estações de trens. Praticamente todos estabelecimentos de

restauração citados, inserem-se no domínio comercial, por tratar-se de restaurantes, cafés, bares, entre os quais Gigetto, Bar Brahma, Fasano; contudo, os mercados públicos e as feiras livres também foram citados, opções consideradas menos dispendiosas. Quanto ao domínio virtual ainda não está inserido no contexto dos guias analisados visto que no Brasil, a Internet começou a ser utilizada na década de 90 do século XX <sup>22</sup>. A maior parte das informações se referem ao entretenimento, os guias citam os museus como o Paulista, o de Arte de São Paulo, as praças da Sé e da República, o Jardim da Luz e o Parque do Ibirapuera, também os monumentos às Bandeiras e à Independência. O Parque da Cantareira e o Pico do Jaraguá são contemplados, além de estações climáticas e balneárias no entorno da cidade de São Paulo no guia do ano de 1953, bem como a Represa de Santo Amaro.

Para Lima Camargo (2007), hospitalidade urbana consiste de instâncias regidas pela dádiva e pelo negócio. Pela dádiva, explica, pode ser convertida num investimento de ordem estética em ruas, praças, monumentos e infra-estrutura de recepção e circulação para uma cidade ficar mais atraente e acolhedora para os que nela vivem ou para os que a visitam.

De acordo com estudos de Grinover (2006, p. 29-32) são observados três aspectos fundamentais sobre o fato de uma cidade ser ou não hospitaleira que são acessibilidade, legibilidade e identidade.

A hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade, é uma lei universal. Acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço. A hospitalidade, como diz Jacques Godbout (1997), é um dom do espaço; espaço a ser lido, habitado, atravessado ou contemplado.

A acessibilidade trata de proporcionar aos indivíduos ou grupos sociais alcance aos serviços prestados na cidade, na medida em que é dada igualdade de oportunidades a todos, moradores ou visitantes, neste caso, refere-se à acessibilidade física tangível, compreendendo os meios de transportes, sistema de infra-estrutura e à localização do espaço das atividades ou serviços urbanos, como educação, saúde, trabalho, segurança etc. os quais possibilitem ao indivíduo viver na cidade ou conhecê-la, considerando-se as exigências de uma vida moderna (levando-se em conta os limites da capacidade dos equipamentos urbanos e a distribuição de renda do indivíduo). Desta forma, o acesso à cidade a todos é o conceito que orienta a

---

<sup>22</sup>Conforme: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1351/A-evolucao-da-internet-no-Brasil-e-a-dificuldade-de-sua-regulamentacao>

possibilidade de uma política urbana correta (GRINOVER, 2006, p.38). A acessibilidade intangível trata do acesso à cultura, informação ou sistema de lazer que atenda a um direito do indivíduo à cidadania, criando condições de sociabilidade e uma boa qualidade de vida.

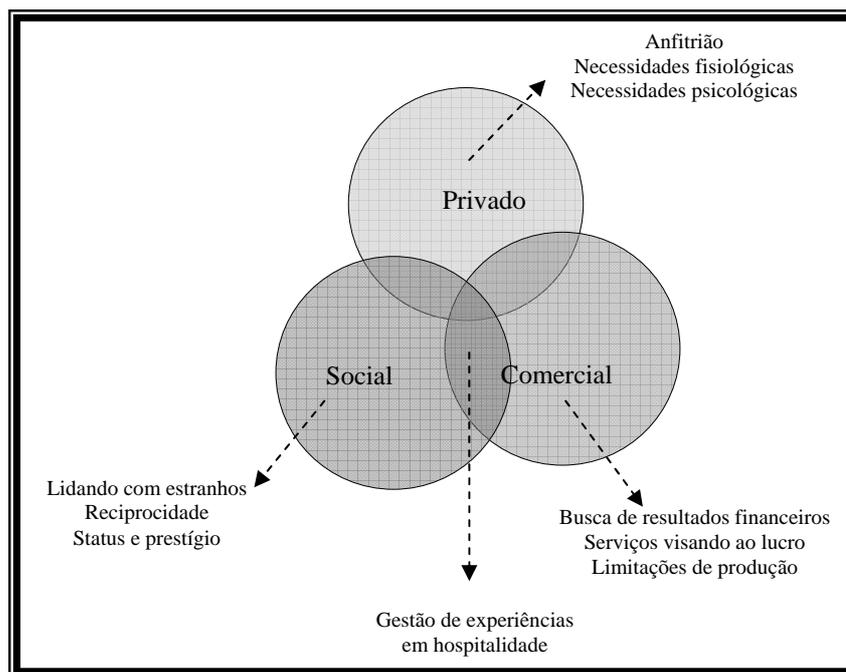
Por legibilidade entende-se a qualidade visual de uma cidade e se identifica através desta, conforme Lynch (1996) a facilidade com que as partes de uma cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente. Lynch considerava uma cidade legível quando os bairros, marcos ou caminhos pudessem ser facilmente reconhecíveis e agrupados num modelo global.

Conforme Canevacci (1997) a cidade é o lugar do olhar, que pode ser lida e interpretada usando-se pontos de vistas diferentes.

No que se refere à identidade, o autor argumenta que é algo formado ao longo do tempo e reconhece que no contexto atual, as diferenças culturais que definem a identidade estão se dissipando, dando lugar ao fenômeno chamado homogeneização cultural, sobretudo, nas grandes cidades. Hall (2003), contudo, adverte para o fato de que devem ser consideradas contratendências, pois, pode haver uma fascinação pela “diferença” com a mercantilização da etnia e da alteridade, ou um novo interesse pelo “local”. Grinover (2006, p.45-46) se reporta às culturas híbridas produzidas na modernidade tardia referindo-se aos migrantes que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo e reconhece que nas últimas gerações as cidades sofreram grandes transformações e passaram a não ser reconhecida até pelos próprios habitantes ou moradores:

Entretanto, nestas últimas gerações, as cidades sofreram transformações ambientais de tal ordem que passaram a não ser reconhecida até pelos seus próprios habitantes. Como dar ao estranho, a quem chega na cidade por qualquer que seja o motivo, negócios, visitas, turismo, a possibilidade de se apropriar, de ler e interpretar um espaço completamente desestabilizado, onde seu próprio habitante não tem compromissos frente à agressão ao meio físico?

Lashley e Morrison (2004) definem hospitalidade abordando três domínios: o social, doméstico ou privado e comercial. O quadro a seguir esclarece os relacionamentos entre hóspede e anfitrião, suas necessidades em cada um dos domínios:



Quadro 2 - Atividades relacionadas à hospitalidade

Fonte: Lashley e Morrison (2004, p. 6)

Quanto ao domínio social, explicam os autores, deve ser conhecido o contexto, no qual ocorre a hospitalidade, já que varia quanto à época, cultura ou lugar. Os autores esclarecem que na sociedade pré-industrial a hospitalidade tinha posição central na escala de valores, o que se perdeu na sociedade pós-industrial (LASHLEY; MORRISON, 2004).

No que se refere ao domínio privado ou doméstico, este cenário pode ser local importante para desenvolver relacionamentos, além de satisfazer necessidades de *status* ao anfitrião ou hóspede, contudo, podem ser ocasiões de tensão e estresse com relação a diferentes expectativas de ambas partes. Quanto à oferta de alimentação, bebida e acomodação criam-se laços simbólicos e vínculos gerando um relacionamento baseado na reciprocidade.

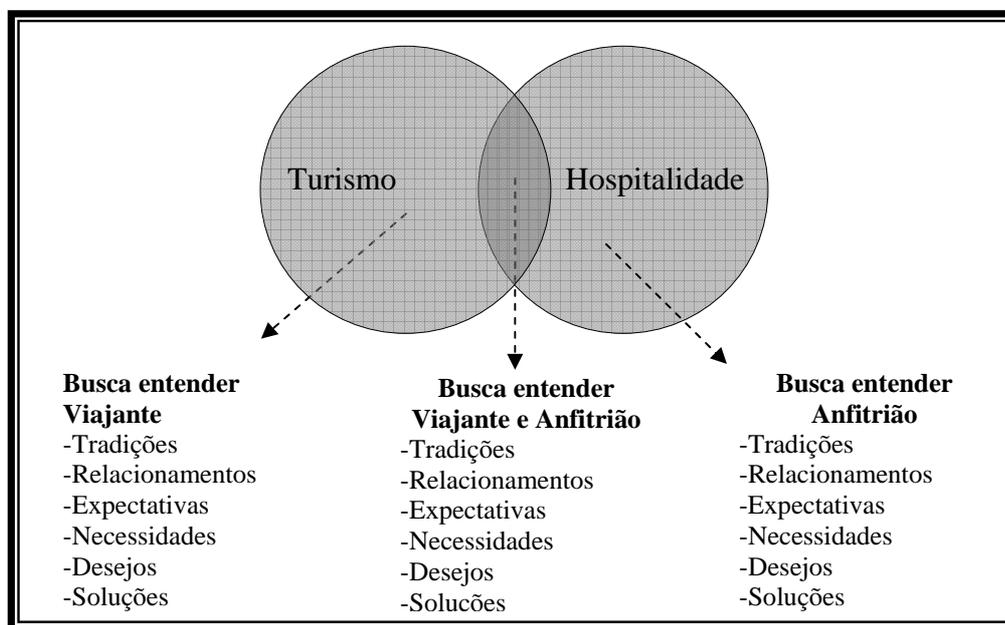
A oferta comercial da hospitalidade ocorre na maioria das sociedades ocidentais. Além da asserção de que é algo à margem dos valores centrais das sociedades industrializadas, há os que compartilham da “teoria do Dr. Johnson de que não há uma casa privada em que as pessoas possam se divertir como numa taberna”, de acordo com Telfer, (1996, p. 101 apud LASHLEY; MORRISON, 2004, p.17) ou conforme Guerrier (1997 apud LASHLEY; MORRISON, 2004, p. 17):

A falta de hospitalidade e o anonimato dos grandes hotéis são, em parte sua atração. Desse modo, os hóspedes podem usar as instalações sem temer qualquer outra obrigação mútua em relação ao hospedeiro, além daquela exigida pelo relacionamento mercadológico, isto é, pagar a conta.

A abordagem de Wada (2003, p. 67) por exemplo, sobre turismo e hospitalidade, com base nos estudos de Lashley e Morrison (2000), observa que estas duas áreas das ciências sociais aplicadas envolvem discussões e conceitos, contudo, se complementam, já que a hospitalidade pode contribuir se o anfitrião conhecer melhor o seu hóspede ou viajante e seus *TRENDS*<sup>23</sup>. Wada (2003), cita numa de suas reflexões que a hospitalidade poderia contribuir muito, sobretudo, nos casos de comunidades autóctones de destinos turísticos com a geração de emprego e melhor distribuição de renda:

[...] pois o habitante espera ser contratado e o empregador, por não encontrar as características que procura, acaba por trazer trabalhadores de outras localidades. Talvez, assim fossem reduzidos os descompassos entre nível de mão-de-obra local *versus* nível de exigência dos empregadores, transformando situações eminentes de exclusão social em oportunidades de inclusão[...]

No quadro 3, a seguir, está representada a intersecção entre as áreas de turismo e hospitalidade e o estabelecimento de *TRENDS*.



Quadro 3 - Intersecção de Turismo e hospitalidade e estabelecimento de *trends*

Fonte: Wada (2003)

<sup>23</sup> TRENDS – do inglês, tendências e neste caso abreviatura para o estabelecimento de itens da análise, conforme quadro de Wada (2003, p. 67).

Reunidas neste capítulo estão diversas abordagens acerca da hospitalidade. Associada à aspectos sociais ou religiosos, de compromisso com os deuses, na Antiguidade, remonta à séculos, porém, em sua definição, encontraremos segundo Bueno (2003, p. 1) um ponto em comum: a abertura para o acolhimento.

Mais do que o acolhimento, na hospitalidade urbana, sobretudo, quando nos referimos às grandes metrópoles, é necessário que seja observado outro aspecto como o “conceito de qualidade de vida” na qual estão agregados outros itens mencionados por Grinover (2003, p.59):

[...] Propõe-se, portanto, que qualidade de vida seja definida como a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas, coletivamente construídas e colocadas à disposição dos indivíduos para que esses possam realizar suas potencialidades[...]

A preocupação com as questões citadas por Grinover, estão mais a floradas, atualmente, (século XXI), sobretudo, no que se refere ao meio ambiente. Turismo sustentável ou sustentabilidade, palavras não citadas nos guias em virtude da época em que foram editados; em seu lugar, observamos citações sobre o clima, preocupações com a limpeza da cidade, e as sugestões de jardins, praças, parques e estações balneárias. Além destas, outras citações como de bibliotecas, faculdades, institutos e hospitais, e a posição econômica da capital, que o guia de 1953, declara: é São Paulo o maior parque industrial da América do Sul, o que não evidencia, contudo, “qualidade de vida”. Infere-se que assim como há muito que ser feito hoje havia naquele tempo, visto que a cidade cresceu e se transformou desde então.

## Capítulo 2 – As comemorações na cidade de São Paulo

### 2.1 A cidade de São Paulo

No final do século XIX a cidade de São Paulo apresentava aparência européia, entre outros fatores em virtude do clima, frio e úmido, a intensa imigração ocorrida entre 1890 e 1914, segundo Reis (2004). Em 1886, o arquiteto Ramos de Azevedo se estabeleceu em São Paulo, seu padrão arquitetônico resultava dos modelos mais caros ao século XIX: o ecletismo. Destacaram-se entre suas obras a Secretaria de Fazenda (1886-1891), no Pátio do Colégio; o Quartel Tobias de Aguiar (1887-1892), no Bairro da Luz; a Secretaria da Agricultura (1891-1896), Pátio do Colégio; a Escola Normal de São Paulo (1892-1894) e Jardim da Infância, na Praça da República (onde hoje atua a Secretaria Estadual da Educação); a Pinacoteca do Estado (1897-1900), no Bairro da Luz; o Edifício Ramos de Azevedo (onde funciona, hoje, o Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz - 1908-1920), situado à Praça Coronel Fernando Prestes; o Teatro Municipal (1911), à Praça Ramos de Azevedo; os Edifícios dos Correios e Telégrafos (1920-1922), no Vale do Anhangabaú; o Palácio das Indústrias (1924), localizado no Parque Dom Pedro II (atualmente Espaço Catavento – Museu da Ciência); o Palácio da Justiça (1920-1933), à Praça Clóvis Bevilácqua; a Penitenciária do Estado (1920)<sup>24</sup>, no Bairro do Carandiru, (construção parcialmente demolida em 2002 e totalmente desativada, onde foi construído o Parque da Juventude); o Mercado Municipal (1933), no Parque Dom Pedro II; residências e palacetes nos bairros de Higienópolis, Campos Elíseos e avenidas Paulista, Angélica, entre outras, (muitos nomeados de “edifícios notáveis” pelo autor do guia de 1924) projetados pelo arquiteto traduziam a necessidade de modernização desse período. A arquitetura assumiu e materializou o progresso, como nos campos das ciências médicas, psiquiatria, educação, etc. (CARVALHO, 1998, p.14).

A urbanização valorizou os espaços públicos com estrito disciplinamento das edificações: no centro velho predominava a feição européia, e nos bairros aristocráticos da

---

<sup>24</sup> Escolhido por concurso o projeto do Engenheiro Samuel das Neves, porém, Ramos de Azevedo foi designado responsável pela construção do conjunto. (Revista Cidade, janeiro de 1998, ano V nº5.

Cidade Nova, prevalecia o modelo americano “com uma crescente verticalização e ausência de normas rígidas para controle das alturas” (REIS, 2004, p. 189).

Segundo Marins (2003 p. 5) a fundação da cidade e a independência nacional, foram os eventos considerados dignos de memória, contudo, era necessário ressaltar o papel desempenhado pelas elites locais, regionais e do próprio país:

[...] portanto, as construções rudes de taipas foram colocadas abaixo para dar lugar às construções de tijolos. Novas e amplas construções de tijolos como a Estação da Luz, o instituto Caetano de Campos e o Quartel da Luz pontuaram o aspecto da capital. A própria população alterou-se radicalmente mediante a fixação de dezenas de milhares de imigrantes estrangeiros exóticos às tradições da terra. Ao mesmo tempo em que se destruíram os vestígios materiais foram sendo reconstruídos os feitos bandeirantes. À louvação dos feitos sertanistas correspondem ainda ao enaltecimento da raça, síntese entre o gentio e o colonizador, que excluía naturalmente o negro africano [...]

A infra-estrutura urbana melhorou, os serviços públicos modernizaram-se e o concreto armado passou a ser adotado nas edificações e obras de infra-estrutura, com criação de novas estradas e melhoria das antigas.

A outra face desse processo de mudança foi a modernização do lazer e da cultura. A mudança nos costumes e no consumo provocou o desenvolvimento de novas formas de lazer como o turismo e os esportes.

O esporte nos anos 20 tornou-se moda e poderoso atrativo e sua prática ou contemplação trazia gratificação instantânea aos participantes. O desenvolvimento desportivo de São Paulo assumiu tal vulto que, em torneios internos superava o Rio de Janeiro e demais estados do país, tornando-se a maior potência desportiva da América Latina (SEVCENKO 1992)<sup>25</sup>. Entre todas as modalidades de esportes praticadas, sem dúvida o futebol era o mais popular. Nos anos 20, concursos e torneios já aconteciam na Avenida Paulista, como a prova Estadinho, originalmente instituída com o intuito de prestar um serviço de reconstituição física de nossa raça<sup>26</sup>, e conforme Sevcenko, (1992 p. 53):

---

<sup>25</sup> N/a, Campeonato Sul Americano (OESP, 31/05/1919, p. 5 apud SEVCENKO, 1992 p.53).

<sup>26</sup> N/a, “A Taça Estadinho” (OESP, 22/10/1919, p. 5 apud SEVCENKO, 1992 p.69).

[...] Várias empresas privadas estimulam o surto esportivo, organizando equipes, realizando campeonatos ou subsidiando troféus, medalhas e prêmios. Alguns jornais de grande circulação como o Estado de S. Paulo e *La Fanfulla*, da comunidade italiana, assumiam a organização de provas atléticas de grande amplitude e importância decisiva na consolidação de uma mentalidade e identidade desportivas paulista, prontamente imitadas em cadeia por outras cidades do interior do estado<sup>27</sup>. As iniciativas pululam por todos os lados, mas convergem numa só direção: a mobilização física da população [...]

Junto com os esportes, a indústria cinematográfica americana tornou-se uma forma de lazer nas grandes cidades e conforme Sevckenko (1992, p.92), um cronista de jornal comentou em sua coluna:

Um dos capítulos mais interessantes da vida da cidade é, sem dúvida alguma, o cinematógrafo. Valeria a pena estudar a sua influência nos nossos costumes e nas nossas idéias [...] Se fosse possível indicar, pelos traços de um diagrama, tudo quanto veio influenciando sobre os rapazes e as moças de hoje – o futebol e o cinematógrafo é que teriam provavelmente os pontos mais culminantes da curva.<sup>28</sup>

O turismo se desenvolveu e a cidade passou a receber as famílias do interior do Estado, pois, São Paulo passou a ser o centro de comércio, serviços e, conseqüentemente, de consumo. Como São Paulo dispunha de ampla malha ferroviária, localizada no entroncamento dos caminhos, facilitava a locomoção da população da cidade, visitante ou morador.

A cidade foi enriquecida com praças, jardins e parques, presentes nos guias analisados nesta pesquisa, pontos de visita obrigatória aos turistas e moradores da cidade.

No final da década de 1930, São Paulo, teve como prefeito, o engenheiro Prestes Maia, autor do Plano Avenidas, e sobre suas pretensões Zmitrowicz (1996, p.33) cita:

As pretensões do novo Governo Municipal já estavam, pois, traçadas. Precisavam ser decididas as prioridades e elaborados os projetos. Várias Vias Radiais tiveram então a sua implantação iniciada ou continuada, e os técnicos se debruçaram sobre o traçado dos “Anéis Viários”

---

<sup>27</sup> N/a, “Pedestrianismo” (OESP, 21/02/1919 p. 5, apud SEVCENKO, 1992 p.53); n/a, “Pedestrianismo”, (OESP, 14/08/1919, p. 5, apud SEVCENKO, 1992 p. 53); n/a, “Automobilismo” (OESP, 28/01/1920, p. 2 apud SEVCENKO, 1992 p.53 ; n/a, “Prova Clássica Estadinho” (OESP, 14/07/1920 apud SEVCENKO, 1992 p. 53); n/a, “Prova Clássica Fanfulla” (OESP, 05/06/1922, p. 3 apud SEVCENKO, 1992 p.53).

<sup>28</sup> P., “Cinematógrafo”, OESP, 25/03//1919 p. 6 (apud SEVCENKO 1992 p. 92)

Várias ruas foram alargadas e muitos edifícios destruídos por conta disto, o que foi criticado, e embora muitas obras tenham sido feitas de acordo com o Plano Avenidas, outras divergiram completamente deste.

Quanto à arquitetura na cidade de São Paulo, em meados dos anos 30 e 40, durante o Estado Novo, começou a modificar-se. A construção de edifícios destinados à educação, saúde e cultura (que hoje, no século XXI nos remete aos tempos do autoritarismo) tinha um estilo diferente da arquitetura já existente – o ecletismo, tida como racionalista por alguns, moderna-classicizante ou art-déco por outros. Algumas obras monumentais idealizadas por Prestes Maia desse período foram a Biblioteca Municipal, o Edifício do Banco do Estado de São Paulo, o Estádio Municipal do Pacaembu, Túneis Trianon, atuais Nove de Julho, Hospital das Clínicas, dentre outras, o que de acordo com Diêgoli (1996 p.53):

Talvez pudéssemos afirmar que a cidade de São Paulo reúne um número significativo de exemplares arquitetônicos, que constituem uma coleção de obras oficiais erguidas durante o Estado Novo, que simbolizam uma transição entre o antigo e o moderno, tal qual representou esse regime para o Brasil.

Na década de 50, a cidade viveu um momento de grandes transformações do seu espaço, e do aumento de sua população, conforme informa o guia de 1953. Cresceu a população também, em virtude das migrações, desta vez do Nordeste do país que buscavam em São Paulo, possibilidades reais de empregos nas fábricas, na construção civil, ou na indústria automobilística, na segunda metade da década, instaladas nos municípios vizinhos, conhecidos como ABC (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul)<sup>29</sup>.

O número de edifícios e arranha-céus considerando-se os para fins educacionais, para hospedagem, para serviços públicos, bancos e instituições financeiras aumentou consideravelmente nestes anos, se comparado ao número de prédios das demais capitais brasileiras de acordo com o guia analisado de 1953.

Nesta década, sendo que antes, concentravam-se no Triângulo (ruas Direita, XV de Novembro e São Bento) eram as avenidas São João e Ipiranga, os locais para entretenimento e de vida noturna com cinemas<sup>30</sup>, restaurantes e bares<sup>31</sup>. Alguns nomes como Bar Brahma

---

<sup>29</sup> Conforme *site* (<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/1950.php>).

<sup>30</sup> Na Avenida Ipiranga, concentravam-se grande número de salas de cinema, entre as quais do cine Marabá que reabriu dia 30/05/2009 conforme reportagem Veja São Paulo nº 21 de 27 de maio de 2009.

<sup>31</sup> Conforme *site* (<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/1950.php>).

(1948), Gigetto (1938) e Bar Léo (1940) já eram sugestões e permanecem ainda hoje. O número deste tipo de estabelecimento aumentou significativamente.

Neste período, banhos de mar nas praias de Santos, se tornaram comuns, sobretudo, para os habitantes da cidade, que contaram com a extensão de algumas rodovias que iam em direção às praias. Os guias referem-se às praias de Santos, São Vicente, Caraguatatuba, Guarujá, Itanhaém, Ubatuba e Ilha Bela.

## **2.2 As comemorações do centenário da Independência na cidade de São Paulo**

Sevcenko (1992, p. 138) discorre sobre a proximidade do ano de 1922, na cidade de São Paulo e o concurso público para erigir um monumento comemorativo ao centenário da Independência, destacando o Palácio do Ipiranga, seu jardim e a Avenida Dom Pedro II:

[...] Haveria de ser um monumento em pedra e bronze, destinado a impressionar e atrair o público ao museu e a exprimir, em termos inequívocos, que a Independência foi estabelecida em São Paulo e conduzida por um político paulista, José Bonifácio de Andrada e Silva. Dentro desse clima de entusiasmo localista foi forjada a figura mítica do bandeirante, tema, aliás, do primeiro livro de Washington Luiz<sup>32</sup> [...]

As comemorações do Centenário da Independência mobilizaram o país. Além da cidade de São Paulo e da capital federal, foram inaugurados monumentos comemorativos em algumas cidades paulistas em alusão ao centenário.

São Paulo toda se agita com a aproximação do centenário.  
Germinam monumentos numa floração de gestos heróicos,  
as alamedas riscam o solo em largas toalhas verdes e os jardins  
se congregam em formosos jogos florais de poesia e perfume.  
São Paulo se arrepia de graças.  
São Paulo quer tornar-se bela e apreciada.  
Finalmente, a cidade despertou num desejo de agradecer.  
Era preciso que assim fosse (ANDRADE, 1920 apud AMARAL, 1988, p.87)

---

<sup>32</sup> Governo do Estado de São Paulo (1920-1924) ([http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/3035\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/3035_1.asp)).

Para a comemoração do centenário da Independência do Brasil, é Affonso d`E. Taunay<sup>33</sup>, o responsável pela reforma e reabertura do Museu Paulista num processo que tem início em 1910, segundo Brefe (2003, p. 143), as discussões sobre a forma mais apropriada de comemorar o centenário, bem como sobre qual era o significado desta data para o país começaram tanto em São Paulo, como na capital federal, visto que não seria um mero festejo, mas uma data solene, um verdadeiro movimento de busca e de definição da identidade nacional, e conforme assinala Motta (1992, p.4):

[..].os intelectuais se empenharam obstinadamente em criar um saber próprio para o país. A palavra de ordem era conhecer, desvendar, investigar e mapear o Brasil e a sua realidade, bem como traçar simultaneamente os contornos da identidade nacional.

Passados quase cem anos da proclamação da Independência e mais de vinte anos da inauguração do Museu Paulista, precisamente em 1917, Affonso d`E. Taunay, foi nomeado diretor do museu e passou a adotar medidas para viabilizar o desenvolvimento e aumento das coleções existentes no museu, além da abertura de novas salas de exposição ao público. Nesse sentido, a busca por documentos históricos, mapas e cartas territoriais coloniais, brasileiras e paulistas, colocou-o em contacto com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional de Lisboa, visando a composição de uma nova sala de exposições.

Taunay reuniu importantes documentos da vila de São Paulo de Piratininga desde o século XVI até o século XVIII e também dos bandeirantes. Muitas doações às quais chamou de “dádivas” foram recebidas pelo museu; entre as quais, da cidade de São Vicente através do pintor Benedito Calixto que residia nesta cidade e de Porto Feliz, de onde partiam as monções. Assim gradativamente, Taunay conseguiu juntar elementos decorativos relacionados à história do país, para as festas centenárias e para a Seção de História, oficialmente criada no ano de 1922 (BREFE, 2003, p.104-105). A doação de objetos ao museu aumentou e foi difundida pela imprensa:

---

<sup>33</sup> Affonso d`E.Taunay, professor, historiador, ensaísta, biógrafo, romancista, exerceu o cargo de diretor do Museu Paulista a partir de 1917 e ainda outros cargos governamentais.  
(<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/afonsodtaunay.htm>).

[...] a maior parte das doações tinha como interesse - consciente ou não - retirar os objetos do seu circuito comum e dotá-los de valores e significados novos, tornando-os “preciosidades”. Em um movimento inverso, percebe-se que certos objetos foram doados por serem considerados raros ou preciosos – como foi o caso das “reliquias” doadas pelas prefeituras de São Vicente e Porto Feliz – e neste caso já comportando significados que, ao serem inseridos no contexto museológico, foram certamente reforçados.

Brefe (2003) descreve com detalhes todo o esforço e trabalho feito por Taunay, para preparar o museu para as comemorações com as telas dos bandeirantes, com séries iconográficas sobre São Paulo antigo e a recomposição da história do Brasil com os personagens principais para compor o Salão de Honra do Museu e o cenário de 1922, sem deixar de escrever a todos que pudessem contribuir de alguma maneira, como artistas, escultores, pintores ou autoridades, como Washington Luiz, presidente do Estado na época; Basílio Magalhães, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, e também aos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - IHGSP que se mostravam preocupados com os aspectos estéticos da exposição, inclusive.

Pouco a pouco, o museu ganhou aparência de um “Memorial da Independência”. Algumas frustrações, no entanto, já que a estátua de D. Pedro I não ficou pronta a tempo e foi substituída por um busto emprestado pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, porém, chegou o dia da reabertura do museu.

No dia 7 de setembro de 1922, chovia muito em São Paulo, no seu relatório de diretoria, Taunay declarou que o número de visitantes foi enorme para a época, embora não tenha sido possível saber quem eram os visitantes e a impressão causada, já que nenhum registro de dados foi feito, conforme Brefe, (2003, p. 142):

Houve quem calculasse em 50.000 pessoas. Os menos exagerados admitiram 35.000. Não foi possível fazer a contagem. De tal modo ficaram as nossas salas, galerias, vestibulos, apinhados que a multidão não sabia mais como avançar ou recuar. Houve quem se sentisse carregado sem tocar os pés no chão... Às quatro e meia da tarde retirou-se a custo a enorme multidão, deixando o nosso edifício totalmente enlameado. Tivemos uma centena de mil réis em vidros quebrados este dia.

Conforme Brefe (2003) a urbanização no bairro do Ipiranga e a nova avenida, em obras desde o ano de 1920, batizada de “Independência” também foram providências para melhorar o acesso ao local, por ocasião das comemorações, já que do Centro ao museu eram

necessários percorrer 7 quilômetros ou cerca de 36 minutos de bonde (conforme Silva, 1924) e da Avenida Paulista, 11 quilômetros. Infere-se que o acesso até dos locais mais próximos, devido também à dificuldade de transportes da época fosse difícil. Contudo, a reabertura do museu foi uma dentre as muitas solenidades previstas para o dia. Após a execução do Hino Nacional e discursos de autoridades a comitiva presidencial acompanhada da imprensa seguiu para a Avenida Paulista, onde inaugurou a estátua de Olavo Bilac (que não tinha nenhuma ligação com as comemorações, porém, a coincidência da data enalteceu a inauguração da estátua), daí seguiu de trem para Santos, onde inaugurou o Monumento aos Andradas, a Bolsa Oficial do Café, e o Monumento à Bartolomeu de Gusmão, também na cidade Santos.

Voltando para São Paulo, no Caminho do Mar, foram inaugurados monumentos representativos da evolução histórica do Brasil do ponto de vista de São Paulo, que evocavam, segundo Brefe, (2003, p.159) os antigos ranchos da estrada secular para descanso dos tropeiros e dos muares; os monumentos eram: o Cruzeiro Quinhentista de Cubatão; Abrigo dos Marcos de Lorena, Rancho na Estrada da Maioridade e Pouso de Paranapiacaba. Cada um dos monumentos representante de uma época desde o descobrimento até a data da comemoração, e a cada monumento inaugurado, um discurso, enfatizando a importância do Caminho do Mar e do povo paulista para o desenvolvimento de São Paulo e do Brasil. Ainda, no bairro do Ipiranga, um monumento, obra do italiano Ettore Ximenes, que tem o projeto original alterado, é inaugurado em 7 de setembro de 1922, também em homenagem ao centenário, embora incompleto, terminado somente 4 anos depois, é o Monumento à Independência.

Estimulado pelo modernista Menotti Del Picchia, em meio às comemorações do centenário, o escultor Vitor Brecheret, propõe a realização de um monumento em homenagem às bandeiras sertanistas, que partiam de São Paulo entre os séculos XVII e XVIII, contudo, a obra só foi iniciada em 1937, paralisada em virtude da Segunda Guerra Mundial e retomada em 1946, mesmo com a base ainda não conclusa é inaugurada em 25 de janeiro de 1953, integrando as comemorações do IV centenário da cidade. No Monumento às Bandeiras, percebe-se segundo Marins (2003, p.6) “o nítido vínculo temporal com o momento da consolidação do mito bandeirante”, pois havia a necessidade de conteúdos simbólicos nos monumentos para a construção identitária do *ser paulista*.

Também foi inaugurado o Obelisco da Independência, instalado como parte das comemorações do centenário, na cidade de Ribeirão Preto, localizado à Avenida Nove de Julho.

Na capital federal, aconteceu a Exposição do centenário da Independência do Brasil, e segundo Tenório (1994), atraiu a atenção nacional e internacional, com mais de três milhões de visitantes, estendendo-se de setembro de 1922 a julho de 1923. Para o país, um ano de mudanças, sobretudo, no que diz respeito à definição de história e de identidade de uma nação. Tenório (1994, p.4) argumenta sobre os diferentes acontecimentos no Rio de Janeiro e em São Paulo, no ano do centenário.

[...] a Exposição Internacional do centenário do Rio de Janeiro apresentava a arte da ordem e progresso, a arquitetura neocolonial e um ambiente geral favorável ao ibericismo, alimentado pelo estilo *belle époque* da cidade, cuja população fora engrossada com a imigração de espanhóis e portugueses. A exposição acabou se transformando em uma "aula de civismo" tradicional. Enquanto os modernistas articulavam a Paulicéia Desvairada, o Rio de Janeiro montava um evento patriótico neocolonial. A ativa e incansável São Paulo era o centro de rejeição do legado português tradicional, simbolizada na tentativa de criar uma língua exclusivamente brasileira.

Em São Paulo, estava prevista uma queima de fogos na Avenida Paulista, ainda no dia 7 de setembro de 1922, contudo, foi adiada, por causa da chuva ininterrupta desse dia, razão de descontentamentos por parte do povo, que julgou que as comemorações verdadeiras foram as ocorridas no Rio de Janeiro, contudo, como citado, a data, enseja mais que um festejo, a busca de uma identidade nacional para definir a jovem nação, segundo Brefe (2003, p.143), que ressalta:

Sem dúvida alguma, a memória é um dos ingredientes básicos para a construção da identidade nacional, e é justamente em torno de sua construção que pontos de vista divergentes se constituíram, sobretudo entre São Paulo e Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro representava o Brasil Imperial e toda a história a ele ligada como capital federal, onde tudo acontecia, desde saraus e concertos até as decisões políticas, conforme Schwarcz (2004). São Paulo, como palco da Independência do Brasil, a figura do Bandeirante, onde surgiu a riqueza do café, a ferrovia e a industrialização, além da luta pelo regime republicano. Motta (1992, p.7-8) comenta sobre as divergências entre as duas cidades brasileiras, ambas, palcos das comemorações do centenário da Independência:

A construção do imaginário social – conjunto de imagens que orienta a inserção do indivíduo na cultura – é particularmente importante em momentos de redefinição da identidade coletiva, marcados, como no raiar da década de 1920, pela avaliação crítica do passado e do presente e pela perspectiva de criar uma nova sociedade, um homem novo, enfim uma nova nação. É nesse momento que encontramos a elaboração e a difusão de determinadas imagens e a produção de certas representações que buscaram associar o Rio de Janeiro ao prazer e São Paulo ao dever. Incapaz de se atualizar no mundo do trabalho e da ordem, a “cidade maravilhosa” teria ficado à margem da trajetória da modernização brasileira que passaria então, pelos trilhos da “locomotiva” paulista. A imagem de São Paulo arrastando “rampa acima os dezenove vagões irmãos”, criada por Monteiro Lobato em 1918, incorporou definitivamente ao imaginário nacional e fixou-se indelevelmente na memória coletiva.

Silva (1924) apesar de ter vivido esse momento fez referência ao evento, quando descreveu o Museu Paulista, mencionou os monumentos que foram erigidos em virtude dos festejos e das comemorações (apenas os da cidade de São Paulo) sem, no entanto, valorizar o momento histórico.

### **2.3 O IV centenário da cidade de São Paulo**

Ao contrário de tantos outros aniversários, segundo Lofêgo (2004), este, dos 400 anos da cidade de São Paulo, tinha necessidade de revelar ao mundo uma grande cidade de projeção internacional e se preparou para isto.

Lofêgo (2004, p.20) registrou importante comentário ao referir-se às comemorações, o que significa dizer que o povo só participaria dos festejos e das comemorações se tivessem um vínculo com a cidade, ou se sentissem parte dela: (assim como quando comemoramos algo em família, é necessário que tenhamos algum vínculo e que nos sintamos parte desta):

Os vínculos simbólicos de pertencimento à comemoração são recursos eficientes, pois só se comemora quem se sente parte do que é comemorado. Eis aqui o ponto nodal acerca das festas comemorativas.

Neste ano, uma comissão para cuidar da comemoração foi criada, havia a valorização da data através de anúncios publicitários, jornais e revistas anunciavam espetáculos cujo tema era o aniversário da cidade e tudo girava em torno desta comemoração. Foi criado um brasão para representar a comissão, assim descrito por Marins (2003, p.23) “tratava-se de uma forma helicoidal - uma espiral – que se arrancava abruptamente do solo apontando para o céu, simbolizando a pujança da cidade”.

Além disso, a cidade vivia um momento de transformações do seu espaço urbano, e do aumento de sua população, como apontam os editores no guia de 1953, aqui analisado.

Foi uma época de muitas obras, entre as quais se somaram as exclusivas para as comemorações do IV centenário como a do Parque Ibirapuera, os palácios, pavilhões e a marquise, além dos monumentos erigidos, símbolos da cidade de São Paulo.

Conforme Lofêgo (2004), o calendário para comemoração do IV centenário começou a ser elaborado no ano de 1948, contudo eram previstos eventos para todo o ano de 1954, e os jornais eram os informantes de todos os acontecimentos, tomando conta do cotidiano da cidade e constituindo-se no principal meio de divulgação. Lofêgo (2004, p. 30) destacou trechos do jornal O Estado de São Paulo de (27/12/1953):

- a) Inaugura-se a 25 de janeiro a nova Catedral da Sé de São Paulo. Solene pontifical do arcebispo na abertura das comemorações (04/12/1953);
- b) Entidades oficiais e particulares, em estreita cooperação com a comissão do IV centenário, preparam desde já o programa com que será condignamente comemorado no dia 25 de janeiro de 1954, que assinala o 400º aniversário da fundação da cidade de São Paulo (06/12/1953);
- c) Um grande trabalho foi elaborado conjuntamente com a Comissão do IV centenário, Departamento de Esportes do Estado e as Confederações Esportivas Brasileiras, para a formação do calendário esportivo de 1954, que consta do programa oficial de festividades comemorativas do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo.

Além de toda publicidade voltada para o evento, produtos eram fabricados com a marca IV Centenário sob autorização da Comissão Municipal dos Festejos Comemorativos do IV Centenário da Fundação de São Paulo - CIVCCSP. Lofêgo, (2006, p.2) comenta as mensagens de anúncios da indústria e comércio:

Desta feita, as mensagens de anúncios da indústria e do comércio apresentam, em essência, semelhanças a outras manifestações de euforia sobre a cidade aniversariante, através de múltiplas linguagens, sejam textuais, fotográficas, pictóricas entre outras expressões da cultura naquele momento. Em comum, nessas mensagens, as referências a uma cidade situada entre o passado e o futuro.

A comissão do IV centenário tinha projetos ambiciosos que se estendiam a todos os setores da vida cultural, como cinema, teatro, eventos esportivos, educativos e de negócios em geral, inclusive de âmbito internacional. São Paulo representava na época a força econômica do país; além do lançamento de produtos com a nova marca ou modelos (autorizados pela comissão) foram inaugurados bares e casas comerciais com o nome de “IV Centenário”.

A comissão esteve em vigor do ano de 1947 a 1955, alguns nomes indicados pelo então prefeito Paulo Lauro para constituírem a Comissão dos Festejos foram: Fábio da Silva Prado, Armando de Arruda Pereira, Gumercindo Fleury, Sady C. Brandão, Lineu Prestes, Celestino Rodrigues, Ivan M. Vasconcelos, Arthur de Lemos Brito, Miguel Franchini Neto, André Nunes Júnior, Jarbas Tupinambá, José de Moura, Reynaldo Smith de Vasconcelos, José Ferreira Weffer, Nicolau Tuma, Waldemar Teixeira Pinto e Aloísio Greenhhalg, nesta primeira composição figuraram em cargos de prefeitos, deputados muitos representantes do legislativo, intelectuais, homens da imprensa e professores da Faculdade de Direito (LOFÊGO 2004, p. 40)

De acordo com Regimento Interno de 1949, coube à comissão elaborar o plano geral das comemorações; dar parecer sobre todos os projetos e planos propostos, assim como tomar providencias administrativas de interesse do povo e das autoridades públicas, cujas funções deveriam ser exercidas gratuitamente. Contudo, alterações foram feitas em 1950 e em 1951, a Câmara Municipal votou a lei que criou a Comissão Municipal dos Festejos Comemorativos do IV Centenário da Fundação de São Paulo, conforme Lofêgo, (2004). Durante o período que durou a organização do grande evento, mudanças dos nomes dos responsáveis aconteceram, porém, não poderia haver mudanças no programa elaborado por estes. Além disso, foram criados em maio de 1951, mais quinze grupos que deveriam ocupar-se respectivamente: das finanças; propaganda e divulgação; história; comemorações religiosas; esporte; cultura; turismo; recepção e hospedagem; comemorações científicas; comemorações artísticas; indústria e comércio; recreativa; legislação; obras de urbanismo e transportes (LOFÊGO, 2004).

Episódios como o protesto de Villa-Lobos sobre a indiferença da comissão em relação aos artistas nacionais; do artista Mário Zan<sup>34</sup>, compositor da música que ficou conhecida como o Hino do IV centenário e que o povo aceitou, cuja CIVCCSP não reconheceu a importância e também do Monumento à Mãe Preta, que teve proposta rejeitada por diversas vezes, ocorreram e conforme Lofêgo, (2004 p. 52):

---

<sup>34</sup> Mário Giovanni Zandomeneghi – acordeonista ítalo brasileiro.

Todo o trabalho em relação à imagem de São Paulo parecia ser o de retratar os valores da gente paulista – que pairam nas figuras como o bandeirante e o índio – mas, ao mesmo tempo, fora concursos com temáticas já definidas, não se observa nenhum projeto de valorização do artista local. O papel de mecenas da comissão parece não valer à gente que ela diz exaltar; os episódios de Mario Zan, do Monumento à Mãe Preta e o protesto de Villa-Lobos talvez sejam uma amostra disso.

O Monumento à Mãe Preta, no Largo do Paissandu foi inaugurado em janeiro de 1955, após abaixo-assinado entregue à CIVCCSP.

O Parque do Ibirapuera foi construído para figurar como o ícone da memória paulistana, obra que interferiu diretamente na vida de mais de 200 famílias que viviam em edificações precárias na região, e que foram desapropriadas. Entre muitas questões que atrasaram as obras, o pessimismo tomou conta da opinião pública que não acreditava na finalização das obras do parque, contudo, a CIVCCSP providenciou para que a imprensa visitasse o local, valorizando-o e publicando a planta e maquetes do parque e, assim, estrategicamente formando opinião pública favorável e mantendo a credibilidade na comissão.

Conforme o Guia turístico da Cidade de São Paulo e de seus Arredores (1953), analisado neste trabalho, “o parque estava sendo construído, porém, as obras de fundação das edificações demoraram em virtude da topografia do terreno”. Os pavilhões destinavam-se à Exposição do IV Centenário e a I Feira Internacional de São Paulo, compreendendo o Palácio das Nações, Palácio dos Estados, Palácio da Indústria e Comércio, Pavilhão das Exposições e Palácio da Agricultura ao lado do Auditório, Ginásio de Esportes, restaurantes, Entrada Monumental e a Marquise que ligaria entre si os pavilhões e os lagos.

Lofêgo (2004), cita o fato de que enquanto a figura do Bandeirante foi amplamente explorada na publicidade e até mesmo a figura dos padres e jesuítas, em alguns casos, a do índio; o Pátio do Colégio não foi mencionado na publicidade, embora o motivo da comemoração fosse os 400 anos da fundação da cidade, local tido como registro de nascimento da cidade de São Paulo, matriz da identidade paulistana, visto que se constituía nesse período numa praça cívica, conhecida como Largo do Palácio ou Praça João Pessoa, conforme Lomonaco, (2004, p.133), onde se localizavam o Palácio do Governo, Secretaria da Justiça e Polícia, Secretaria da Agricultura e do Tesouro, além do monumento *Glória Imortal aos fundadores*, concebido em 1913 e inaugurado em 1925, de autoria de Amadeu Zanni. Restam hoje os dois primeiros edifícios construídos, da Agricultura e do Tesouro que abrigam a Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania, e o edifício da Bolsa de Mercadorias, hoje sede

do Tribunal de Alçada Civil, ainda imponentes, bem como o monumento. À medida que se aproximava o IV centenário da cidade, grupos de intelectuais da sociedade paulistana organizaram um movimento, visando reconstruir as edificações da Companhia de Jesus com as mesmas características que apresentavam por ocasião da expulsão da Ordem em 1760. Como resultado desse movimento, foi promulgada a lei 2658, de 21 de janeiro de 1954 que estabelecia a concessão do terreno situado no Pátio do Colégio à Companhia de Jesus com área de 2.805 m<sup>2</sup>, contudo, obrigava a Companhia a reconstruir um novo colégio e igreja anexa, reproduzindo o tanto quanto possível o renascimento da fundação da cidade de São Paulo (LOMONACO, 2004, p. 134 -135), assim acrescentando as considerações de Diêgoli (2001 apud LOFÊGO, 2004, p. 78):

[...] a possibilidade de algum resgate de sua história torna-se um trunfo para os discursos oficiais quanto para uma nação voltada para o “embelezamento” da cidade. [...] apesar das inúmeras intervenções ocorridas no Pátio do Colégio, São Paulo é uma das poucas cidades do Brasil que até hoje mantem o seu sítio urbano original, porém o edifício que compõem o antigo largo como o colégio e a igreja, são autenticamente falsos<sup>35</sup>. [...] Aquele simulacro é um dos locais mais visitados de São Paulo. Habitantes e nascidos na cidade imaginam estar vendo e andando pelo colégio e pela igreja que padre Anchieta erigiu para a fundação da cidade.

Além do Monumento às Bandeiras, fora concebido pelo artista italiano Emendabili, através de concurso público no ano de 1934, o Monumento ao Soldado Paulista de 32, que fora inaugurado somente em 1955, já passada a era Vargas. Marins (2003, p. 13) descreveu assim o monumento:

O monumento em si é constituído por um obelisco oco, em cujo terço inferior foram dispostos quatro grandes relevos, em cada uma das quatro faces, duas das quais acolhendo dois acessos com portas de bronze. O mausoléu, situado sob o obelisco e com acesso diante do Parque Ibirapuera, tem formato de cruz, em cujo centro, disposto exatamente sob o obelisco, jaz a estátua do soldado constitucionalista. Ossários ou columbários abriga os restos de combatentes e estão dispostos em diversos pontos do mausoléu, que ainda acolhe os túmulos do orador Ibrahim Nobre e do poeta Guilherme de Almeida e um altar católico.

---

<sup>35</sup> De acordo com a autora, a igreja “autenticamente falsa foi construída com técnicas e materiais de desenho contemporâneo, que não obedecem aos sistemas construtivos antigos”.

A marca identitária de São Paulo migra, segundo Marins (2003, p.15) do “bandeirante para o soldado, para o agricultor e o operário urbano, representado nos mosaicos internos, amalgamando temporalidades, fundindo e refundando o paulista”

O grande evento deveria ocorrer durante todo o ano, no entanto, o ápice das comemorações aconteceria nos dias 23, 24 e 25 de janeiro de 1954, em vários bairros da cidade, inclusive no Parque do Ibirapuera, palco maior, inaugurado por ocasião das comemorações, precisamente no dia 21 de agosto de 1954.

## Capítulo 3 - Os guias impressos da cidade de São Paulo

### 3.1 Hospitalidade nos guias de viagens e turismo.

Tanto o guia de viagem quanto o guia turístico faz estabelecer mediação entre o viajante ou morador e o destino, dando a este, informação necessária aos seus deslocamentos. Raffestin, (1997, p. 165-174)<sup>36</sup> destaca que há cidades onde as informações são oferecidas espontaneamente e permitem ao estrangeiro orientar-se sem dificuldades, encontrar o que procura sem perder tempo, são as cidades que procuram se identificar e ser identificadas, por meio de elementos (gráficos, visuais, falado e televisado), além das informações oferecidas pelas autoridades políticas e população. A informação neste caso assemelha-se ao dom, oferecê-la e recebê-la é um mecanismo da hospitalidade.

O guia do viajante de 1924 tem preocupação em informar como “funciona a cidade”, para o viajante que chega a São Paulo por via terrestre ou marítima, que pretende ir para cidades do interior do Estado ou para o Rio de Janeiro, ou ainda permanecer na cidade.

São Paulo recebia, desde o final do século XIX, imigrantes do mundo todo. Dos quase 5 milhões que vieram para o Brasil, 2,5 milhões vieram para o Estado de São Paulo e no ano de 1893 os imigrantes representavam 54,6% da população da capital. Após anos de política de redução da imigração chega-se ao ano de 1920 com 35% que em números significa uma população de 188.000 estrangeiros maiores de quinze anos para 186.000 brasileiros<sup>37</sup> conforme destaca Hall (2004, p.121).

O autor do guia demonstrou claramente sua preocupação com as pessoas, quando detalhou as informações sobre cada lugar e como chegar até ele, ou os trâmites necessários para providenciar documentos, ou ainda viajar nos bondes. Suas primeiras páginas são dedicadas aos viajantes, estrangeiros ou imigrantes, mas apesar de todo empenho na descrição, isto não significou que tenha logrado êxito em informar com segurança e

---

<sup>36</sup> Tradução Marielys Siqueira Bueno, 2008.

<sup>37</sup> Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil em 1º de Dezembro de 1920.v. iv, 4ª parte, p.18-9.

possibilitar ao leitor conhecer a cidade de São Paulo se considerarmos os aspectos observados por Grinover (2006).

Desde as informações mais simples como o fuso horário e a moeda local até as de acesso aos serviços de infra-estrutura, saúde e educação podem ser encontradas no guia, contudo, no idioma local, ou seja, português; se considerarmos os que não lêem o idioma e os iletrados, infere-se que a procura por este tipo de obra, embora fosse, muitas vezes imprescindível, pode ter sido insignificante. Por outro lado, o guia contempla os monumentos, parques, jardins, igrejas, teatros e locais para visitação e entretenimento. Infere-se que neste período a elite poderia interessar-se por este tipo de leitura, pois, além dos viajantes a negócios seria parte da popula o que dispunha de condi oes para empreender viagens por lazer e entretenimento ou para adquirir conhecimento.

Observando os aspectos destacados por Lima Camargo (2003) sobre os domínios da hospitalidade, o guia contemplou ainda, rela o dos meios de transportes e meios de hospedagem, nomeando-os por local (centro e proximidades de esta oes de trens) e por categoria (familiar ou para senhoras).

No capítulo que se referiu   alimenta o, encontraram-se sugestões, dos melhores restaurantes, (que se concentravam em grande parte, nos hotéis destacados pelo autor no guia de 1924) mas também, de cafés, mercearias, feiras livres e do mercado público, observando aqui a categoria da hospitalidade pública presente nos estudos de Lima Camargo (2003).

O autor, ainda relacionou algumas informaçoes sobre os governos federal, municipal e estadual como endereços e atividades da competência de cada um deles e completou com temas como religião, comércio, saúde pública e serviço funerário, terminando com outras informaçoes úteis aos que pretendem deixar a cidade. O guia não continha mapas, apenas fotos pouco nítidas.

O Guia Turístico da Cidade de São Paulo e seus Arredores, de 1953, é uma obra, cujo objetivo é o enaltecimento da cidade, ao contrário do guia de 1924; iniciou, situando o leitor, no momento histórico que estava vivendo a cidade desde sua funda o em 1554. Preocupou-se em informar a densidade demográfica, número de edifícios, de veículos, e comparou a cidade de São Paulo com grandes metrópoles do mundo, mostrando uma cidade diferente, houve uma preocupa o em descrever e mostrar o que havia de melhor na cidade, por ser um guia turístico. Contemplou as informaçoes necessárias aos deslocamentos do viajante como meios de transporte, de hospedagem, de restaura o e entretenimento, conforme aspectos observados por Lima Camargo (2003), porém, as informaçoes não garantiam a conclusão destes, visto que os quatro mapas que acompanharam o guia não são

claros, sendo três deles, desenhos e uma cartografia na qual nota-se a falta de recursos ou mesmo detalhamento (se comparado com um mapa ou por quem, por exemplo, conhece bem a cidade) que poderiam auxiliar na compreensão das informações, contudo, das setenta e duas ilustrações, vinte e duas ilustrações do guia estão mais nítidas que todas as do guia de 1924, e podem auxiliar nas informações, entre as quais: do Palácio da Justiça, da Praça do Patriarca, do Vale do Anhangabaú à noite, da Avenida São João e do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Direito, do Estádio Municipal do Pacaembu, do Museu Paulista e da Biblioteca Municipal, do Teatro Municipal; dos monumentos à Independência, às Bandeiras e a Ramos de Azevedo; bem como das igrejas de Santa Ifigênia, Santo Antonio do Pari, de Santa Cecília e Nossa Senhora da Consolação; ainda do Parque da Água Branca e do seu Aquário, do Instituto Butantã, da Represa de Santo Amaro e da Ponte das Bandeiras.

Observou-se neste guia informações listadas de nomes de bairros, de itinerários de ônibus, para a capital e o interior, os nomes dos bancos, das casas bancárias<sup>38</sup>, das companhias de transportes marítimas, das companhias aéreas (não existentes no guia de 1924) e tantos outros itens julgados importantes.

### **3.2 O Guia Ilustrado do Viajante (1924)**

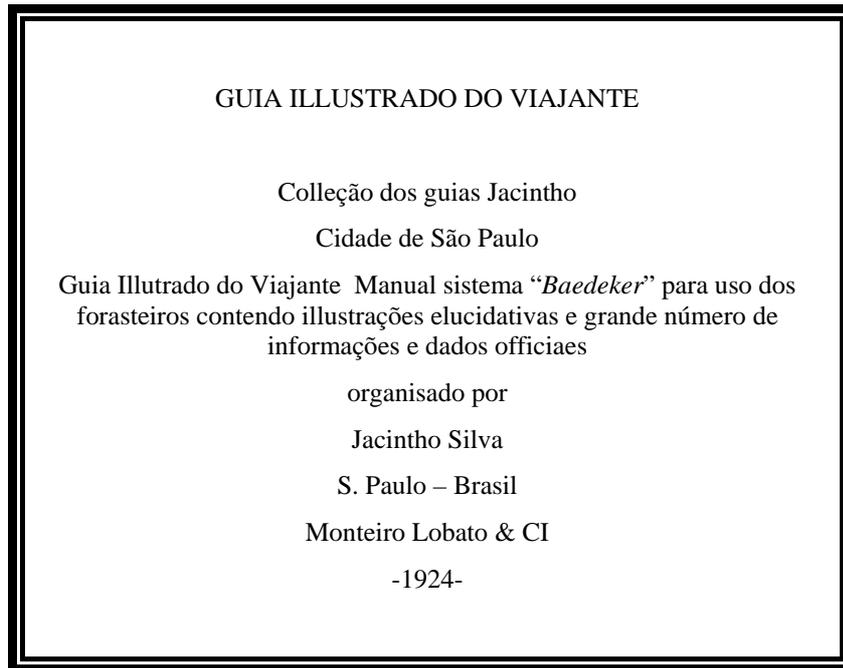
O guia ora analisado, possui 360 páginas finas e amareladas, capa dura de cor vermelha ou preta e formato retangular no tamanho de 12x16 cm.

Além da folha de rosto e do Prefácio, abaixo descritos, seu texto dividiu-se em seis partes também listadas abaixo, conforme Sumário, aqui chamado de Índice Metódico.

**Folha de rosto** – Apresentou-se dessa forma a folha de rosto da obra, com informações sobre autor, editora, a que tipo de leitor se destinava, grafado como visto a seguir:

---

<sup>38</sup> As casas bancárias diferenciavam-se dos bancos por terem um capital menor e por se organizarem sob a forma de sociedades limitadas (em geral identificadas pelo nome de seus proprietários) ao passo que os bancos eram tipicamente sociedades por ações. Em 1921, foi estabelecido formalmente por decreto nº 14728, a diferença com base no valor do capital (SAES, 2004).



Quadro 4 - Folha de rosto do guia

Fonte: Guia Illustrado do Viajante (1924)

O autor se dirigiu ao leitor de forma simples e direta, explicando o quanto fora difícil compor o livro e que este se destinava a servir de anfitrião, ou dar informações aos viajantes, exatamente nos termos que seguem e conforme ortografia da época:

Ao leitor:

O Guia Illustrado do Viajante não é mais que um manual destinado a servir de cicerone aos forasteiros.

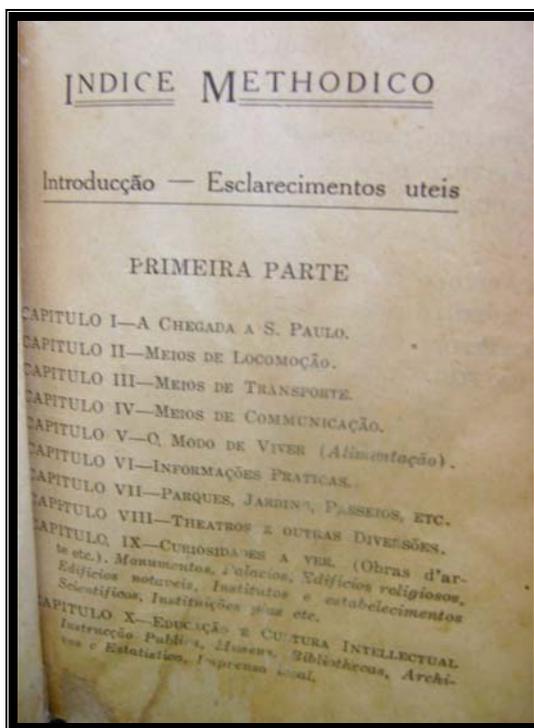
Na sua confecção dispendi algum tempo, na collecta rigorosa de informações tão deficientes e incompletas nos trabalhos deste gênero até hoje apparecidos, representando por isso um serviço já inteiramente indispensável, à nossa vasta e opulenta capital.

Fil-o com o maximo cuidado, afim de que preenchesse, em absoluto, aos seus fins: informar com segurança e minuciosamente aos viajantes e a todos aquelles que desejam conhecer a cidade de São Paulo.

Tantas foram as difficuldades encontradas para a obtenção de dados e tantos os esforços dispendidos para afinal vencel-as por completo, que se me afigura possível affirmar que o “Guia do Viajante” é o trabalho mais completo no gênero, publicado em São Paulo.

Jacyntho Silva

**Sumário** – Chamado de Índice Methodico, o que hoje é o Sumário apresentou-se conforme a ilustração abaixo seguida de sua descrição, nota-se a folha amarelada pelo tempo, a grafia da época e a descrição dos títulos dos dez primeiros capítulos.



Fotografia 1 - Primeira folha do sumário

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

### Índice Metódico

Introdução – Esclarecimentos úteis

Primeira parte

Capítulo I - A chegada a São Paulo

Capítulo II - Meios de locomoção

Capítulo III - Meios de transporte

Capítulo IV - Meios de comunicação

Capítulo V - O modo de viver (alimentação)

Capítulo VI - Informações práticas

Capítulo VII - Parques, jardins, passeios, etc...

Capítulo VIII - Teatros e outras diversões

Capítulo IX - Curiosidades a ver (Obras d'arte) monumentos, palácios, edifícios religiosos, edifícios notáveis, institutos e estabelecimentos científicos, instituições pias, etc...

Capítulo X - Educação e cultural intelectual. Instrução pública, museus, bibliotecas, arquivos e estatística e imprensa local.

Segunda parte

Administração

Capítulo I – Governo do Estado

Capítulo II – Municipalidade

Capítulo III – Governo Federal

Capítulo IV – Religião

Capítulo V – Comércio

Capítulo VI – Saúde pública  
Capítulo VII – Serviço funerário  
Terceira Parte  
Como se deve viajar  
Quarta parte  
Aos estrangeiros  
Quinta Parte  
Aos Imigrantes  
Sexta parte  
Dicionário de ruas

Observou-se a distribuição de informações, com mais de 50% na primeira parte, pois a segunda se inicia à página 187 do livro. Esta tratou de assuntos que dizem respeito à acessibilidade aos serviços e infra-estrutura da cidade, locais para se visitar e divertir, instituições públicas e de ensino, meios de transportes, locomoção e de comunicação, o modo de viver, aqui se referindo à alimentação, proporcionando a todos, moradores ou visitantes informações aos deslocamentos necessários.

O autor descreveu como possível, através das suas informações, a acessibilidade a todos os espaços, um dos aspectos abordados por Grinover (2006) aqui demonstrados, pois Silva informou meticulosamente o número do bonde ou ônibus que trafegava nos locais indicados, para que o visitante ou morador pudesse ter acesso aos serviços prestados na cidade assim como o dados relativos à saúde, lazer e educação.

Apesar de ter iniciado com inúmeros anúncios publicitários, observou-se que apenas um – do chocolate Falchi - fez menção ao centenário da Independência do Brasil, que ocorreu em 1922. Silva, tampouco deu ênfase ao evento no guia em suas citações, porém, valorizou bastante os monumentos e a arquitetura, visto que no final do século XIX e início do século XX a cidade passou por grande transformação, conforme observação de Carvalho<sup>39</sup> (1998, p.18):

Não é mais apenas a cidade de tijolos em oposição à cidade de taipa. Mais do que a simples mudança de material, as intervenções de Ramos de Azevedo<sup>40</sup> significam a mudança de método. É a diferença profunda da nascente cidade industrial em oposição ao burgo colonial e ao entreposto rural.

---

<sup>39</sup> Revista Cidade – DPH – Janeiro de 1998, ano V, nº 5.

<sup>40</sup> Após o período europeu, o arquiteto Ramos de Azevedo se estabeleceu em Campinas em 1879 e veio para a cidade de São Paulo em 1886. Revista Cidade. Janeiro/1998 ano V, nº 5, p.8.

Anúncios publicitários foram contemplados desde o início (em maior número) até as páginas finais do guia. Num total de quarenta e cinco anúncios, havia grande diversidade nos produtos anunciados que variavam de um chocolate à um automóvel Ford, ou terreno na região do Jardim Europa.

O primeiro anúncio é o do Chocolate Falchi, como se observa faz menção ao centenário da Independência, ainda encontrou-se na página 51 o anúncio de A Boneca de Chocolate - bombons finos, chocolates e geléias.

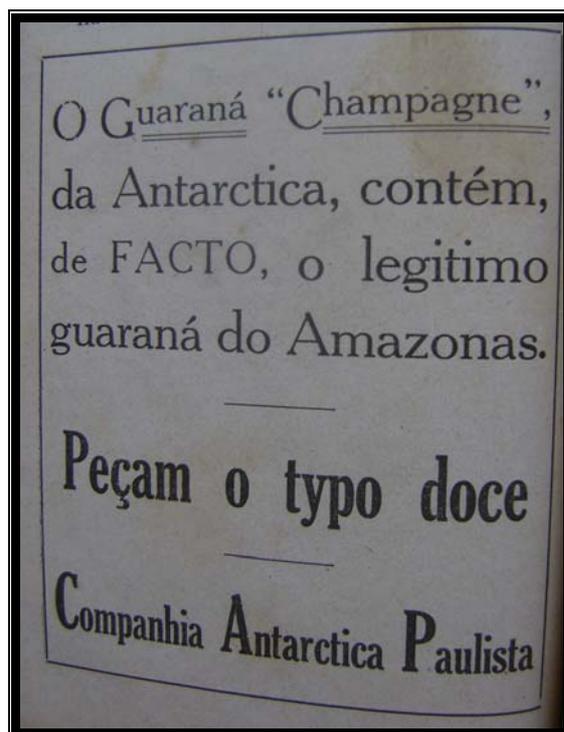


Fotografia 2 - Anúncio Publicitário Chocolate Falchi

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

A seguir um anúncio de página inteira do Guaraná Champanhe Antártica; estes foram os únicos anúncios de produto alimentício ou bebida.

Foi interessante observar que não existiam anúncios de cigarros ou outro tipo de bebida, enquanto que, anúncios publicitários de farmácias e de medicamentos, existiam uma grande variedade.



Fotografia 3 - Anúncio publicitário do Guarana Champanhe Antarctica

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

Outro anúncio diferente, dos terrenos à venda numa área, considerada nobre atualmente, um do Jardim Europa, Jardim América e do Alto da Lapa também puderam ser contemplados no guia. Na fotografia nº 5, que mostra o anúncio observou-se, contudo que não há descrição ou desenho do local, apenas texto. Acompanharam também esta parte destinada aos anúncios publicitários, outros que se referiam às farmácias ou drogarias, sendo um de Farmácia Homeopática, outro da Casa Baruel; chamaram a atenção três anúncios iguais do Indicador Médico Paulistano (infere-se que seria um almanaque com endereços médicos e de termas de São Paulo e do Rio de Janeiro) um anúncio de oftalmologista – Dr. J. Vignoli, um do Biotônico Fontoura e um do tônico Emulsão de Scott.



Fotografia 4 - Anúncio publicitário de vendas de terrenos

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

Ainda existiam no guia os anúncios da Companhia Paulista de Artefatos de Alumínio Rochedo; um de capas, capotas para automóveis e encerados para terreiros de café, um da empresa de motores e geradores Metropolitan Vickers; um da B. Sant'Anna & Cia. Engenheiros, Empreiteiros e Importadores e um de Armazém Geral Gamba. Ainda um anúncio do Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, um de Casa Bancária, dois de Companhia de Seguros, um de Escritório de Contabilidade, um de Leiloeiro – Leôncio C. de Oliveira e um de Agência de Publicidade Oscar Cunha.

Havia um anúncio do automóvel Lincoln Ford e além de um anúncio de floricultura de João Dierberger existem outros que se acredita, podiam interessar aos viajantes, os anúncios listados de livrarias, guias e hotéis, a seguir.

Um anúncio da Editora Monteiro Lobato, um da Revista do Brasil, dois anúncios do Manual do Viajante para as linhas da Mogiana, um do Pequeno guia do turista ou o Cicerone de Algibeira, um da Livraria acadêmica Saraiva, um da Livraria Cruz Coutinho e quatro anúncios de lojas de cartões postais e selos.

Ainda para o viajante havia o anúncio do hotel Terminus: A publicidade ocupa toda a página 22 do guia com a descrição de seus apartamentos, restaurante, salas de música e salão de festas, além dos serviços de manicura, barbeiro lavanderia, estacionamento etc.

Também a citação da Cidade de Poços de Caldas e seus principais hotéis: Palace, Grande Hotel, Hotel Moderno, Hotel Empreza e da Fonte Sonia na cidade de Valinhos.

Nota-se na maioria dos anúncios, que não existem destaques, fotos ou outro tipo de “apelo” para atrair atenção, a maioria deles traz o nome (alguns do proprietário) e o endereço do estabelecimento, diferem-se, no entanto, no tamanho da publicidade. Foi possível inferir que o autor tenha recebido algum retorno financeiro, afinal a publicidade ocupa grande parte de sua obra e como observamos não foi destinada apenas ao viajante, mas a diversos tipos de leitor. Após os anúncios publicitários, o guia tem seqüência com a Introdução.

## **Introdução**

### **Esclarecimentos úteis**

O autor seguiu discorrendo sobre informações que julgou úteis como itinerário de ônibus, bondes, horários e preços de trens e carros de aluguel, entre outros assuntos, como por exemplo: à página 31 quando se referiu às linhas e ao itinerário dos ônibus, a informação compunha o número da linha, a título de exemplificação, no caso, o nº 37, com identificação sobre o nome do Bairro de partida e de chegada: Destino: Vila Anastácio, Partida do Largo São Bento, no guia apareceu assim disposto: 37 Anastácio – Partida Largo de São Bento.

Informações que visavam o bem estar das pessoas no transporte, procurando evitar acidentes e desconforto, explicavam de que maneira, o passageiro devia portar-se, inclusive com algumas informações peculiares como: a maneira de sair do bonde, ou ainda que não se deve cuspir no chão, sob pena de multa, estão assim dispostas no guia:

- a) A lotação de cada banco é de 5 pessoas
- b) Nos três primeiros bancos não é permitido fumar.
- c) No letreiro colocado no alto do bonde acha-se a indicação do destino e na plataforma a via principal por onde o carro tem de passar.
- d) Não é permitido aos passageiros levar consigo grandes embrulhos.
- e) As crianças até 5 anos, não ocupando lugar, não pagam passagem.
- f) Os carros não param nas curvas.
- g) No ato de deixar o carro para sair, deverá ser sempre o oposto da entrelinha.
- h) O sinal de parada deve ser pedido antes do cruzamento da rua ou 1 a 20 metros do poste marcado por uma cinta branca.

- i) É proibido cuspir em qualquer parte do bonde, sob pena de multa.
- j) Os recebedores vendem passes de 25 cupons por 5\$000.
- k) Os passes colegiais deverão ser destacados á vista dos recebedores.
- l) Em caso de reclamação a fazer, o passageiro tomará nota do número da chapa do recebedor.
- m) As reclamações devem ser apresentadas no escritório da companhia – Praça Dr. Antonio Prado.

Quanto aos táxis, chamados na época de carros de praça, de aluguel e tilburis, explicou o autor que podiam ser encontrados nos principais pontos de estacionamento localizados na Estação da Luz e Estação do Norte (no bairro do Braz), no Largo São Bento e na Praça da Sé, cujos preços e horários específicos para cada tipo de transporte de passageiros encontravam-se descritos bem como os de trens, inclusive para a cidade de Santos e para os subúrbios de São Paulo.

Interessante a preocupação do autor em dar esclarecimentos para o viajante e o estrangeiro acerca de pessoas que ofereciam os seus serviços, como os carregadores de bagagem, por exemplo; sobre a água potável; sobre as armas proibidas. Citou entre outras informações, a moeda corrente que na época era “real” (no plural: réis); a língua falada, que apesar de ser a portuguesa, os habitantes da cidade entendiam a espanhola, a italiana, a francesa, a alemã e a inglesa; a hora oficial regulada pelo Observatório Astronômico de São Paulo situado na Av. Paulista, 69, além dos socorros médicos, que no caso de urgências eram prestados pela Assistência Policial, por telefone ou pessoalmente. Após essa breve introdução e os esclarecimentos, seguiu-se na primeira parte o primeiro capítulo do guia.

## **Primeira parte**

### **Capítulo I - A chegada a São Paulo**

Detalhadamente o autor descreveu o local de embarque e desembarque aos viajantes, que chamou de “forasteiros”, por via terrestre para o Rio de Janeiro, interior de São Paulo e cidade de Santos. Esclareceu, à página 19, sobre a Estação do Norte (Braz), as linhas de bonde, os carros de praça e tilburis (repetindo algumas informações já descritas).

Contudo, infere-se que somente pode ter alcançado o objetivo de informar precisamente e com segurança se no momento da chegada, o viajante já estivesse com o guia

em mãos para saber onde desembarcar ou, no caso, embarcar para outro destino, preferencialmente, já lido. Porém, como não existiam mapas, tampouco citações de placas de sinalização ou avisos, obrigatoriamente, o viajante necessitaria pedir informações verbalmente. Assim, apesar de minucioso nas informações, ao iletrado ou a quem não entendesse o idioma (muitos estrangeiros e imigrantes chegaram na cidade), apesar de imprescindível, a obra pode não ter alcançado um número grande de leitores.

A mesma observação, acerca da leitura do guia, pode ser feita a partir da página 20 onde o autor deu informações sobre o embarque e desembarque por via marítima, tais como a localização dos referidos pontos, da alfândega de Santos, a escolha do alojamento, os passageiros em trânsito e bagagens. Descreveu criteriosamente, desde preços e descontos, sobretudo, no caso de famílias com crianças e criados.

À página 23 uma lista de dez hotéis em frente à Estação da Luz e Sorocabana. Dezessete hotéis, incluindo-se o Terminus estão próximos às estações de trens, à Rua Florêncio de Abreu, Brigadeiro Tobias e proximidades. Na página seguinte, elencados os oito hotéis do centro da cidade, três hotéis próximos ao centro como Esplanada Hotel e seis próximos à Praça da República e na página 25, nomeadas estavam vinte pensões familiares próximas ao Centro sendo uma exclusiva para senhoras na Rua da Consolação.

## **Capítulo II – Meios de locomoção**

A descrição dos meios de locomoção iniciou-se à página 27 e terminou na página 36. O autor esclareceu que estes são os automóveis de praça, inclusive de luxo; informou que existiam carros para diversas localidades com preços e horários; destacou que existiam ressalvas para os dias de Carnaval, informando ainda, sobre ônibus entre São Paulo e o município de São Bernardo. Tais meios de locomoção eram somente para passageiros.

## **Capítulo III – Meios de Transporte**

Neste capítulo, o autor reportou-se aos meios de transporte de bagagens, referindo-se aos carregadores, às carroças para mudanças e aos caminhões para transporte de cargas maiores ou mudanças. As informações com nomes e endereços tiveram fim à página 38.

## **Capítulo IV – Meios de Comunicação**

Os meios de comunicação mais utilizados nesta época eram os correios; informou sobre os telégrafos e telefonia muito escassa, ainda. Existiam na cidade o Telégrafo Nacional, o Telégrafo Estrangeiro e a telegrafia sem fio (radiograma). Todas as informações

relacionadas às comunicações via telefone, correio ou telégrafo como endereços, valores e horários foram abordados detalhadamente pelo autor às páginas 32 a 45, deste guia.

### **Capítulo V – O modo de viver**

Neste capítulo reportou-se à alimentação, informando os horários e endereços dos melhores locais como restaurantes, hotéis, cafés, casas de chá, leiterias e confeitarias, bem como mercearias, bombonieres, sorveterias, feiras livres e mercados públicos. Ao referir-se aos locais, o autor descreveu nome, endereço e horário de funcionamento, no entanto, sem anúncios publicitários.

O autor prosseguiu com dedicação e minuciosamente foi descrevendo as informações que julgou serem de interesse ou importantes como no seguinte capítulo.

### **Capítulo VI – Informações práticas**

Estas informações se referiam às das casas de banhos quentes ou frios, que podiam ser encontrados na cidade, disponíveis nas “Casas de Banho” à Rua Xavier de Toledo, 28; no “Instituto Jaguaribe”, à rua Jaguaribe, 33 e no “Instituto Hydrotherapico Kneipp”, à Rua do Carmo, 53, além dos banhos existiam as duchas medicinais nos dois últimos locais citados. Silva informou que os balneários da cidade de Santos, na praia José Menino alugavam trajes para os banhos de mar. Também informou sobre cabeleireiros, barbeiros, manicuras, fotógrafos, tabacarias, engraxates, artigos fotográficos, agencias de jornais e revistas estrangeiras, localizados nas ruas do centro e próximas como Líbero Badaró, Rua Aurora, Barão de Itapetininga. Livrarias e alfarrabistas, também estavam listados nesta parte do guia, sendo oito nacionais, duas alemãs, duas italianas, duas espanholas e três religiosas, ainda três alfarrabistas ou sebos como são conhecidos hoje; a maioria destes estabelecimentos estava localizada no centro ou nas ruas próximas, assim como locais de venda de cartões postais, selos e objetos afins. Cada item contemplava informações necessárias como nome, endereço, horários de funcionamento e preços, na maioria dos casos.

### **Capítulo VII - Parques, jardins e passeios.**

Este capítulo foi dedicado aos lugares mais bonitos da cidade, de acordo com ponto de vista de Silva, onde os viajantes ou moradores passeavam e se entretinham.

A foto do Parque Dom Pedro II ilustrava a página 61, onde o autor descreveu seus canteiros floridos e seu gramado verdejante. Citou a inauguração do Palácio das Indústrias e descreveu o Rio Tamanduatei, que nasce na serra do Mar e deságua no Rio Tietê. Quanto ao

Parque do Anhangabaú, observou tratar-se de um dos mais artisticamente delineado; Silva, (1924, p. 62) comentou o jardim da esplanada do Teatro que, na sua opinião:

[...] embelleza e realça edifícios importantes como do próprio Theatro Municipal, Esplanada Hotel, Delegacia Fiscal, Prefeitura Municipal, Automóvel Club entre outros [...]

Bastos, Chohfi, Ramos e Rosa (1993, p. 2) apontaram que a autoria do plano urbanístico era “do arquiteto e urbanista francês Joseph Antoine Bouvard, que transformou o Vale do Anhangabaú em um parque”.

A ligação entre a cidade velha e a cidade nova foi o primeiro grande salto expansionista de São Paulo com a inauguração do primeiro Viaduto do Chá em 1892. Logo se deu início às obras do Teatro Municipal, inaugurado em 1911. Operou-se ainda um tratamento paisagístico da esplanada, que descia em direção ao Vale do Anhangabaú, dando origem à Praça Ramos de Azevedo.

Ajardinada pouco antes da conclusão das obras, o desnível que a separava do Municipal foi valorizado com a construção de uma escadaria e de uma fonte ornamental sobre a qual erguia-se um pequeno belvedere. Era neste pequeno terraço que se realizava, semanalmente, os concorridos concertos da Banda da Força Pública. Seguiu-se a implementação de um plano urbanístico, de autoria do arquiteto e urbanista francês Joseph Antoine Bouvard, que transformou o Vale do Anhangabaú em um parque.

Para a execução do projeto do Parque Anhangabaú foram demolidas as casas da rua Formosa e da ladeira Dr. Falcão, empreendeu-se a canalização do ribeirão Anhangabaú e especificações foram adotadas de forma que as fachadas dos edifícios ficassem voltados para o parque, transformando a região em um dos principais cartões postais da cidade, amplamente registrada pelos fotógrafos do período.

Silva apontara também neste local, três trabalhos de arte: *Le petit moulin* de Di Palma, o Ceifador de M. Moreau e Eva de Brecheret, o primeiro em bronze e os outros em mármore, numa forma de valorizar monumentos da cidade.

Curiosamente convém observar que mencionou o monumento e o conjunto escultórico em homenagem a Carlos Gomes, de Luigi Brizzolara, inaugurado em 1922, por ocasião das

comemorações do centenário da Independência, cuja iniciativa fora da colônia italiana<sup>41</sup> nesse capítulo sem, no entanto, destacar o evento, apenas citando-o, indicando a objetividade de seu projeto editorial. Momento no qual também fora inaugurado o monumento a Olavo Bilac, de Willian Zadig, e o Monumento à Independência, de Ettore Ximenes. Segundo Bastos, Chohfi, Ramos e Rosa (1993, p. 1), tais inaugurações constituíram “Verdadeiras apoteoses [...], contaram com a participação da população que ocorreu em massa para as cerimônias, incentivados por uma noção de patriotismo próprio da imprensa da época, carregada de ufanismo solene”.

Ao que se refere aos monumentos recentemente instalados e à escultura de Brecheret<sup>42</sup>, o *Correio Paulistano* (07/09/1922 apud BASTOS; CHOEFI; RAMOS; ROSA, 1993, p. 2) destacou:

O Valle do Anhangabaú, que se estendia há poucos annos sob o viaducto, repartidos em quintalejos e leirias de hortaliças, é actualmente um parque formoso, [...] a Prefeitura collocou marmore e granitos trabalhados por artistas nossos, entre os quaes, a “Eva” de Brecheret, specimen de uma nova arte audaciosa, que imprime novo rumo à architectura [...] São Paulo está se tornando pouco a pouco, a cidade dos parques, dos jardins e dos monumentos

Também citada, porém, sem referências ao centenário ou outro destaque, a escultura de Giuseppe Verdi, de autoria de Amadeu Zanni, doada pela colônia italiana e instalada no parque do Anhangabaú em 1921, segundo Bastos, Chohfi, Ramos e Rosa (1993, p.3).

Silva (1924, p.63) descreveu o Parque da Independência ainda em construção, já comparando ao Parque de Versalhes:

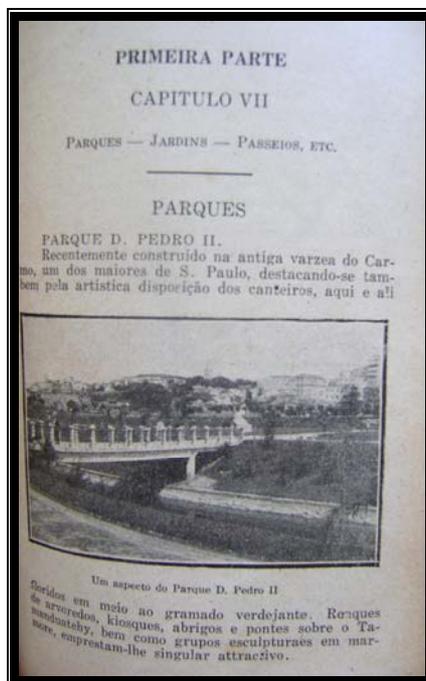
[...] Ora em construcção no bairro do Ypiranga, vae ser um dos mais bellos parques de S.Paulo, não só pela posição em que está colocado, como pela sua vastidão e gosto artístico que está presidindo à execução do ajardinamento[...]

---

<sup>41</sup> Segundo Bastos, Chohfi, Ramos e Rosa (1993, p. 3) o escultor e professor de origem italiana Luigi Brizzolara é autor das esculturas em mármore “Raposo Tavares” e “Fernão Dias Paes Leme” do Museu Paulista. Na avenida Paulista, em pedra, encontra-se a escultura similar ao do Museu, de “Fernão Dias Paes Leme”.

<sup>42</sup> Segundo Bastos, Chohfi, Ramos e Rosa (1993, p. 3) a escultura de Brecheret foi comprada pela Prefeitura do “ativo participante da Semana de Arte Moderna”, que tivera o Teatro Municipal como palco, em fevereiro de 1922. Destaca-se que “Eva” apresenta “as novas tendências da arte modernista, contrárias ao espírito tradicionalista que predominava nos monumentos que se erigiam para as comemorações do centenário (BASTOS; CHOEFI; RAMOS; ROSA, 1993, p. 1)”.

A fotografia a seguir mostra a primeira parte do capítulo VII, onde estavam descritos os parques, jardins e sugestões de passeio na cidade de São Paulo.

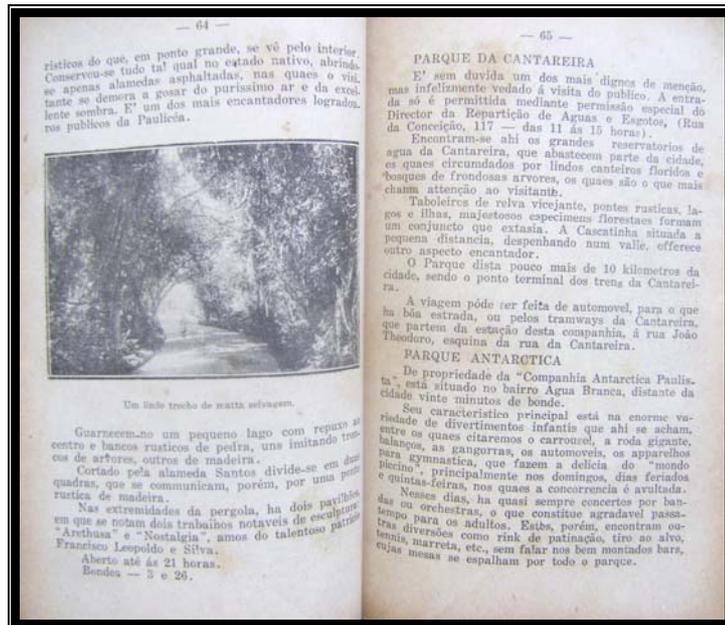


Fotografia 5 - Primeira página do capítulo VII.

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

A primeira foto deste capítulo exhibe um aspecto do Parque Dom Pedro II, onde foram comentados seus canteiros floridos da época.

A fotografia do Parque da Avenida Paulista à página 64 do guia, seguida da descrição do mesmo, onde o autor afirmou ser “um lindo trecho de matta selvagem”, citou também duas esculturas de Francisco Leopoldo e Silva: Arethuza e Nostalgia



Fotografia 6 Parque Tenente Siqueira Campos.

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

Quanto ao Parque da Cantareira, segundo o autor, “sem dúvida, um dos mais dignos de menção, mas vedado à visita do público”. O Parque Antártica Paulista destacou-se à página 65, cuja característica estava na variedade de brinquedos e divertimento infantis, além de situar-se aí a Praça de Esportes do Clube Palestra Itália, com campo de futebol, pistas de corrida etc., localizado no Bairro da Água Branca.

Iniciou-se à página 66 a descrição dos jardins, o autor descreveu as belezas do Jardim da República, destacando a farta “iluminação noturna” e as hermas do Dr. Cesário Motta e do poeta Álvares de Azevedo. O Jardim da Luz teve, descrita, a sua localização, data de sua criação a 19 de Novembro de 1790 e o fato de que deveria ser um jardim botânico, no entanto, só foi concluído em 1825 e aberto ao público em diferentes horários conforme a estação e finalizou o autor com a frase: “Só tem entrada permitida, as pessoas decentemente trajadas, sendo vedada a cães e outros animaes em liberdade”. O autor prosseguiu elogiando o bairro da Aclimação e descreveu seu jardim citando o que havia no seu interior, os preços de entrada e horário de funcionamento.

No Jardim do Largo do Palácio, o destaque é para a obra de Amadeu Zani que representa uma homenagem dos paulistas à memória dos homens que lançaram as bases para a fundação da cidade, com a inscrição “Glória imortal aos fundadores”. Seguindo seu projeto editorial, não destaca o conjunto de edificações de Ramos de Azevedo ali presentes e que serão contempladas no item que se refere aos Edifícios Notáveis. Quanto ao Jardim do Largo

da Liberdade, o destaque é pelo fato de erguer-se no centro deste, a estátua do grande estadista do primeiro reinado, o Padre Diogo Antonio Feijó. No bairro dos Campos Elíseos, o Jardim do Largo do Coração de Jesus exibe a herma erigida em homenagem a Dom José de Camargo Barros.

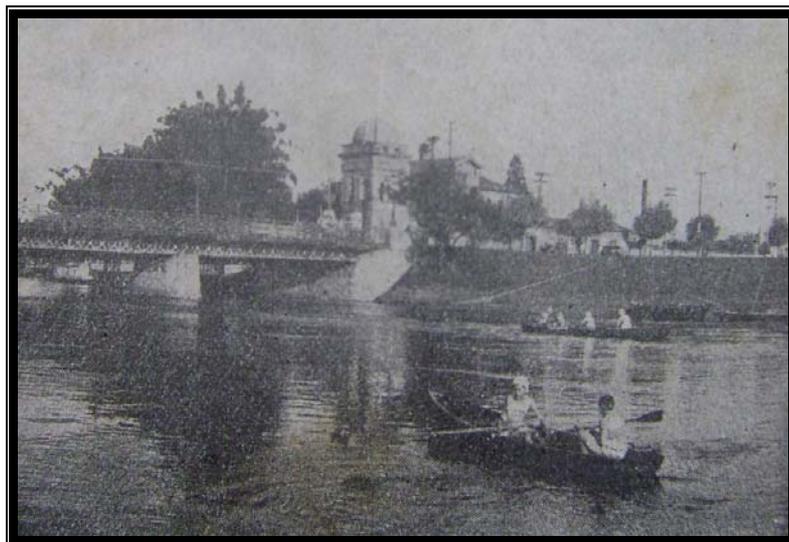
À página 69 foram listadas as diversas praças existentes na cidade de São Paulo como Praça Antonio Prado, Praça João Mendes, Praça da Sé, Praça Princesa Isabel, etc. e em cada uma delas o autor informou sobre a localização, monumentos, esculturas e qualquer ponto de entretenimento ou cultura que poderia existir, sem esquecer o número do bonde que dava acesso às mesmas. Os largos como de São Bento, Paissandu, do Arouche e Largo de São Francisco, entre outros, mereceram a mesma atenção por parte do escritor.

Prosseguiu o autor reportando-se aos passeios e iniciou à página 72, com o Triângulo, nome por que foi conhecido o trajeto das Ruas Quinze de Novembro, São Bento e Direita, verdadeiro centro comercial da cidade. Silva (1924, p.72) fez um interessante relato acerca das ruas do Triângulo:

A rua Quinze é a rua dos bancos, só se houve falar em cheques. A rua São Bento é a rua das Bolsas de Mercadorias e de Títulos. Só se fala em café, algodão e cereaes... A rua Direita é a rua da elegância, as casas de moda ahi situadas attraem a attenção da elite feminina... aos sabbados o sexo forte se encontra na rua Direita máxime em frente ao Mappin Stores...

Quanto à Avenida Paulista, Avenida Hygienópolis, Avenida Angélica e ao Jardim América, eram sugestões de passeios, em virtude da suntuosidade e arquitetura das moradias, sobretudo de ilustres da época como Condessa Álvares Penteado, Dona Veridiana Prado e do Colégio Nossa Senhora de Sião, o autor não deixou de citar os números dos bondes que trafegavam pelas localidades, afinal também era uma sugestão de passeio pela cidade.

Os bairros de Ipiranga e Braz foram destacados no guia em virtude de suas indústrias, casas e população de trabalhadores. O autor percorreu sobre a Avenida Independência em construção, Avenida Rangel Pestana e Celso Garcia até a Ponte Grande. Destacou os clubes de Regatas Tietê, São Paulo e Esperia, além dos Clubes de Futebol Palmeiras e Corinthians. Uma fotografia da Ponte Grande (que passou a chamar-se Ponte das Bandeiras a partir de 1942) ilustrava a página 76, mostrando a navegação no Rio Tiete e os esportes praticados, visto que muitos clubes da cidade localizavam às margens do rio, na época, navegável:



Fotografia 7 Regatas no Rio Tietê

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

Informando sobre a localização e acesso por bonde, o autor elogiou e chamou de “trabalho de engenharia”, ao referir-se à Represa de Santo Amaro, dando informações sobre locais para alimentação, aspectos curiosos da vila que merecia a atenção de turistas como “as casas de modesta arquitetura de outrora em face aos fura-céus da capital”.

### **Capítulo VIII – Teatros e outras diversões**

O capítulo VIII foi dedicado também ao entretenimento, contemplou os teatros, cinemas, concertos públicos, jogos de bilhares, danças, corridas de cavalos, esportes como natação, ginástica etc. Iniciou-se por uma longa descrição do Teatro Municipal, interna e externa, descrevendo as colunas, paredes decoradas, cristais, vitrais, mosaicos e mármore, cuja construção teve início no ano de 1903 e foi inaugurado em 1911, onde, segundo o autor podiam ser vistos os melhores espetáculos internacionais. Silva se reportou à outros locais de entretenimento, como o Teatro Sant’Anna, Teatro Boa Vista e Teatro Apollo, além do Casino Antártica; os cinemas listados foram Cine Teatro República, Cine Triângulo e Cine Avenida, a maioria destes estabelecimentos localizavam-se no Centro e proximidades. Também citou os Concertos públicos do Vale do Anhangabaú e do Coreto do Jardim da Luz. Silva indicou, ainda Bilhares Central, à Rua São Bento e Líbero Badaró e ainda na Rua XV de Novembro nos Altos do Café Guarany listando estes e outros com nome, endereço e horário de funcionamento.

Os esportes como corrida de cavalos eram apreciados e o autor apresentou uma foto da arquibancada do Jockey Club ilustrando a página 81. Fundado em 1875 com o nome de Club

de Corridas Paulistano, sua primeira corrida aconteceu em 29 de outubro de 1876, no hipódromo da Mooca, na Rua Bresser, porém, somente em 25 de janeiro de 1941 foi inaugurado o hipódromo da Cidade Jardim<sup>43</sup>, onde ainda permanece. Interessante observar que em cada local citado, o autor preocupa-se com o acesso, como este da foto abaixo, embora pouca nítida, devido à ação do tempo.



Fotografia 8 - Arquibancada do Jockey Club

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

A natação também era esporte praticado, citado por Silva, que listou os clubes de canoagem situados na margem do Rio Tietê como Clube de Regatas Tietê, Associação Atlética São Paulo, Clube Esperia, além do Instituto Jaguaribe e a Piscina de Indianópolis. Entre outros clubes citados estão: Sport Club Corinthians, Societá Sportiva Palestra Itália e Clube Atlético Paulistano.

## Capítulo IX Curiosidades a ver

O capítulo IX chamado de “Curiosidades a ver” tratou da descrição de monumentos históricos, estátuas, hermas, obeliscos, palácios, edifícios religiosos e notáveis entre outras instituições.

Iniciou com o Museu Paulista. A descrição do autor foi longa e minuciosa, ressaltou que o trabalho fora concluído em 1890, com fotografia ilustrando a página 84 do guia. Os

---

<sup>43</sup> Conforme: <http://www.jockeysp.com.br/historia.asp>.

detalhes da descrição do Monumento da Independência, construído para comemorar a data do Centenário da emancipação política em 7 de Setembro de 1922 tem lugar à página 85 e, segundo o autor, “como obra de arte não há no país outra que se lhe avante...””. Diversos monumentos foram citados no livro a partir da página 86 tais como: monumento a Carlos Gomes, detalhado no guia, Alfredo Maia, Estátua de José Bonifácio e de Diogo Feijó, Herma de Dr. Cesário Motta e de Celso Garcia, bem como de Álvares de Azevedo e Dr. João Mendes, Obelisco do Piques entre tantos outros, assinalando local onde se encontra o monumento, como praça ou parque e sempre que possível esclarecendo o acesso feito por bonde ou outro meio de locomoção.

O Viaduto do Chá, de Santa Ifigênia, a Ponte Grande (Ponte das Bandeiras) Ponte Pequena, Canal do Ipiranga e o Rio Tamanduateí foram destacados listados na sequência. Abaixo, fotografia do Museu Paulista na década de 20, ainda sem o jardim, que Silva comparou ao Jardim de Versalhes.



Fotografia 9 Vista frontal do Museu Paulista  
Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

Os palácios como do Governo, da Justiça, das Indústrias, da Cúria Metropolitana, foram listados e contemplavam descrições detalhadas, como data da fundação, localização, acesso por bonde ou trem entre outras informações.

O Pátio do Colégio, na década de 20 constituía-se no Largo do Palácio. Nesta época, edificações projetadas por Ramos de Azevedo ocupavam o local como a Secretaria de Agricultura e a Tesouraria da Fazenda, o Palácio do Governo, além de ser palco de

manifestações políticas, nos anos de 1930, foi praça cívica no final do século XIX e início do século XX (LOMONACO 2004, p.132-133).

Os edifícios religiosos foram descritos criteriosamente quanto à data de fundação, nome do fundador, sua nacionalidade, entre eles muitos italianos e franceses, objetos como púlpitos, imagens dos altares, também de origem francesas entre outros detalhes da construção, estilos e arquitetura; foram muitos os edifícios listados nesta categoria como: Catedral Metropolitana de São Paulo, em construção; Basílica Abacial de São Bento, compreende basílica, o mosteiro e o ginásio; a Igreja de Santa Ifigênia, o Santuário do Sagrado Coração de Jesus, a Igreja Nossa Senhora da Glória, Igreja da Consolação, Igreja de Santo Antonio, Igreja de São Gonçalo, Igreja da Boa Morte etc. Quanto aos conventos existentes e templos de outros cultos como Igreja Methodista e Igreja Lutherana também foram descritos com detalhes.

O autor classificou como Edifícios Notáveis, aqueles que mereceram destaque, seja por sua arquitetura ou por sua importância histórica como o da Penitenciária de São Paulo cuja pedra fundamental foi lançada em 13 de Maio de 1911, uma foto do prédio ilustra a página 112 e sua descrição, pormenorizada, quanto à distribuição das celas, lavanderia, rouparia, salas de oficinas, depósito, quartos de banho, dimensão dos pátios, jardins e sua inauguração em Abril de 1920, verdadeiro acontecimento, no entanto, não faz nenhuma citação com respeito a Ramos de Azevedo. Outros edifícios se encontraram listados nesta categoria como dos Correios e Telégrafos, da Faculdade de Direito, da Escola Normal da Capital e do Lyceu de Artes e Ofícios, o Hospital da Força Pública, Automóvel Club, Hospital da Santa Casa de Misericórdia, Beneficência Portuguesa, Teatro Municipal, Estação da Luz e Escola de Comércio Álvares Penteado. Aqui o autor repetiu alguns locais já descritos e prosseguiu esclarecendo sobre os Institutos e estabelecimentos científicos, assim como as Instituições pias, com destaque para a arquitetura. Os primeiros referiam-se à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Escola Politécnica de São Paulo, com as descrições dos cursos, sua duração usando muitos adjetivos neste trecho do guia à página 135. Prosseguiu com Instituto Butantã, destacando o trabalho que é realizado nestes lugares; o Instituto Bacteriológico, de Higiene e Anatômico da Faculdade de Medicina, Instituto Veterinário e Laboratório de Análises Clínicas e Bromatológicas e também Laboratório Farmacêutico e Desinfectório Central além da Escola de Farmácia e Odontologia, esta última fundada em 1898. A ilustração abaixo mostra uma edificação notável para os padrões de Silva:



Fotografia 10 - Hospital Santa Casa de Misericórdia

Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

O autor escreveu sobre o abastecimento de água da capital feito por Estabelecimentos da Companhia Cantareira, e informou que a população mais pobre abastecia-se nas “biquinhas”. Em 1872, a população da cidade de São Paulo era cerca de 25.000 habitantes, contudo em 1893, com aumento significativo da população o governo criou a Repartição de Águas e Esgotos da Capital e para isso desapropriou parte do Parque da Cantareira. O autor observa neste trecho da obra à página 148: “[...] Este aprazível e pittoresco recanto da Cantareira é um dos pontos que o turista deve visitar [...]” Um pouco adiante, o autor reconheceu as árvores transplantadas do Parque da Cantareira para as dependências do Museu Paulista, no Horto Botânico do Ipiranga, e ressaltou-as como verdadeiro patrimônio.

Prosseguiu à descrição da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Serviço Meteorológico de São Paulo, Posto Zootécnico de São Paulo e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Quanto às instituições pias tiveram lugar os asilos para inválidos e órfãos, bem como orfanatos, seminários e uma vasta lista de instituições, muitos destas mantidas com ajuda dos governos paulista e italiano. Foram citados, seguidamente, os dois cemitérios mais importantes da cidade. O Cemitério da Consolação, cujo destaque é para a arquitetura e sua fachada, e do Araçá, em virtude dos trabalhos de arte funerária ali presente.

Acerca dos sepultamentos, era prática comum, acontecerem no interior das igrejas ou nas suas proximidades, costume que desde o fim do século XVIII vinha sendo condenado

pelos higienistas e em 1829 já se ouvia falar na construção de um cemitério longe da cidade, mas, somente em 1854, conforme Martins (n/d)<sup>44</sup>, iniciou-se a construção do primeiro cemitério público, o da Consolação, tendo sido inaugurado em 1858. Nele estão sepultados nomes importantes para a história da cidade e do Brasil como Maria Domitília de Castro Campo e Melo, a Marquesa de Santos, sepultada em 1867; Eduardo da Silva Prado, sepultado em 1901 em jazigo construído por Amadeu Zani. Uma escultura de granito cinza de Francisco Leopoldo e Silva encima o túmulo de Moacir de Toledo Piza, morto em 1923, advogado da turma de 1915 da Faculdade de Direito; Padre Ildefonso Xavier Ferreira, sepultado em 1871, além de Olívia Guedes Penteadó, sepultada em 1934, em cujo túmulo fora erguida escultura da Brecheret; também o sepulcro do Conde Alexandre Siciliano de 1923; da Família Roberto Simonsen, além de um túmulo corporativo, pertencente à Sociedade Beneficente dos Chapeleiros que reunia os operários da fábrica de chapéus do alemão João Adolfo Schritzmeyer, falecido em 1902, podem ser observados.

O portão principal e a capela do cemitério são obras de Ramos de Azevedo, construídos no início do século XX, quando foi feita reforma, inclusive dos muros, tornando o cemitério, um museu a céu aberto.

## **Capítulo X – Educação e cultura intelectual**

Neste capítulo do guia foram elencados os museus, as bibliotecas e também demais exposições. Às páginas 159, 160 e 161, o autor descreveu uma relação de colégios e faculdades públicas e particulares.

Foram destinadas cerca de 15 páginas às descrições do Museu Paulista, repetidamente, detalhando cada sala, horário de funcionamento, meio de locomoção, onde Silva se reportou ao evento do Centenário da Independência. Ao Museu de Arte Christian, anexo ao Arquivo da Cúria Metropolitana, à Pinacoteca do Estado de São Paulo, além do Museu de Móveis e Trabalhos de Madeira no Lyceu de Artes e Ofícios à Avenida Tiradentes; Museu de Demonstração da Secretaria da Agricultura, no saguão da secretaria e à Rua Conselheiro Crispiniano a Exposição Permanente de Trabalhos Femininos aos quais o autor se referiu minuciosamente. Ainda foram elencadas escolas de ensino profissional como Conservatório

---

<sup>44</sup> José de Souza Martins é professor e há cerca de 30 anos faz passeios no cemitério com seus alunos, dando-lhes uma aula de história social percorrendo percursos pré-determinados.

Musical à Avenida São João, Lyceu de Artes e Ofícios (já citado); Escola Profissional Feminina à Rua Monsenhor de Andrade e Escola Profissional Masculina à Rua Piratininga; Escola de Aprendizes Artífices à Rua São João e de Mecânica e Eletricidade à Rua da Glória. Todas as bibliotecas e arquivos existentes na cidade também foram citados, destacando-se a Biblioteca pública do Estado à Praça João Mendes.

Silva (1924) identificou todos os jornais e revistas brasileiras e estrangeiras, distribuídas na capital sendo: dez jornais brasileiros e seis estrangeiros, além de trinta e uma revistas e publicações brasileiras e sete publicações estrangeiras, contudo, não forneceu números das tiragens; interessante notar que o autor divulgou todos os endereços das redações dos jornais e revistas e sua periodicidade, a título de ilustração, destaco o nome de alguns jornais diários brasileiros, como O Estado de São Paulo, Correio Paulistano, Jornal do Commercio, Diário Popular, A Platéia, A Gazeta; além de alguns estrangeiros: *La Fanfulla*, *Il Piccolo*, *La Tribuna Italiana*, *Deutsche Zeitung* e o Diário Espanhol. Ainda as revistas: do Brasil, Feminina, A Cigarra, A Vida Moderna, entre outras.

## **Segunda parte –Administração**

### **Capítulo I – Governo do Estado**

Na segunda parte do guia detalhou endereços e serviços prestados, também informou horários de funcionamento de cada um deles, inclusive das delegacias, incluíam-se nesta relação: delegacias de ensino, diretorias gerais de serviços de educação e de saúde existentes na cidade. Quanto às secretarias, também tiveram, informados os endereços e horários de funcionamento, repartições públicas, serviços do corpo de bombeiros, hospícios, guarda cívica, secretaria do senado e da câmara, Tribunal de Justiça, Ministério Público, fórum, cartórios, tabeliães de notas, ofícios e protestos.

### **Capítulo II – Municipalidade**

À página 199, iniciaram-se as informações do capítulo II – Municipalidade e todos seus departamentos. Reportou-se à Fiscalização do Leite, ao Matadouro Municipal, construído em 1887, inaugurado na Vila Mariana, obra pública da cidade de São Paulo visando também à higienização, assim como o cemitério municipal; citou o Cemitério do Araçá, inaugurado também em 1887, apontou os endereços de hospitais, pronto-socorros e maternidades.

### **Capítulo III – Governo Federal**

No capítulo III a Administração Federal, suas Repartições e a Justiça Federal tiveram espaço com a descrição detalhada do autor. Incluíam-se Correios e Telégrafos, Caixa Econômica Federal, Delegações Regionais de Bancos de Seguros, Juiz Federal, entre outros.

### **Capítulo IV – Religião**

No capítulo IV, que se refere à religião, repetiu os nomes das igrejas já descritos, bem como endereço, nomeou o padroeiro da cidade e o arcebispo metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva.

### **Capítulo V – Comércio**

Neste capítulo foram listados os assuntos pertinentes ao comércio, desde a Associação Comercial de São Paulo, a Bolsa de Mercadorias até os bancos nacionais e estrangeiros. As informações referiam-se aos endereços e horários de funcionamento dos respectivos órgãos.

### **Capítulo VI – Saúde Pública**

Muitas das informações deste capítulo também constaram no capítulo II, Municipalidade, são endereços de hospitais municipais, Policlínica, Maternidades e Casas de Saúde, Sanatórios e Hospitais de Doenças Nervosas.

### **Capítulo VIII - Serviço funerários**

Nome e endereço de prestadores de serviços funerários e pompas fúnebres, com a lista dos cemitérios já citados; particulares ou municipais foram informados nesta parte do guia.

## **Terceira Parte**

### **Partida – Como se deve viajar**

Nesta parte do guia, o autor reforçou os horários de trens para o Interior do Estado de São Paulo e para o Rio de Janeiro. Além das informações sobre as Companhias de Estrada de Ferro, existiam informações sobre as companhias de navegação estrangeiras e nacionais a respeito de passaportes com destaque para as exigências dos Estados Unidos, com o seguinte texto, conforme Silva (1924):

Toda pessoa do sexo masculino de mais de dezesseis anos precisa de passaporte individual.

Toda pessoa solteira do sexo feminino com mais de vinte e um anos precisa de passaporte individual.

As senhoras casadas e as filhas de menos de vinte e um anos e os filhos com menos de dezesseis anos, podem ser incluídos no passaporte do chefe da família quando seguirem na sua companhia.

Todo estrangeiro que se propõe a ir aos Estados Unidos precisa fazer solicitação pelo menos duas semanas antes da data da partida. Tais pessoas precisam fazer acompanhar a solicitação com 3 fotografias iguais as que usam nos passaportes.

## **Quarta Parte**

### **Aos estrangeiros**

A quarta parte foi destinada aos estrangeiros, e considerou: os direitos do cidadão, a entrada do estrangeiro em território nacional e a naturalização deste. Existiam alguns requisitos facilitadores para estrangeiros que desejassem naturalizar-se como: ter uma profissão, possuir indústria no Brasil ou ainda ser casado com brasileiro.

Além de nomear os consulados, por país, o autor citou o endereço e o nome dos respectivos cônsules.

## **Quinta Parte**

### **Aos Imigrantes**

A parte destinada a informações aos imigrantes tratou, especificamente, da Hospedaria dos Imigrantes, informando sua localização, como era feito o serviço de povoamento do solo<sup>45</sup> de São Paulo e do Patronato Agrícola.<sup>46</sup>

## **Sexta Parte**

### **Dicionário de ruas**

A sexta parte do guia que não continha mapas, possuía um dicionário de ruas e descrevia de maneira curiosa a sua localização, citando o bairro, número do bonde que por ali trafegasse, o início e o término como exemplo:

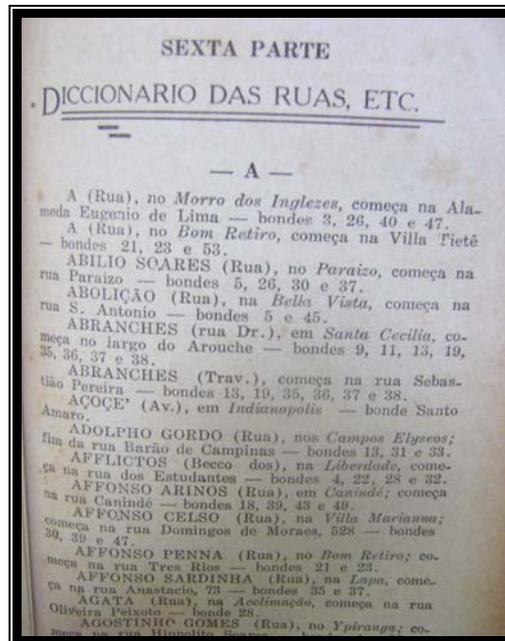
---

<sup>45</sup> Instituição vinculada à Secretaria de Agricultura. Os fazendeiros, industriais e proprietários de terras que desejassem trabalhadores deveriam solicitar à diretoria desse serviço no Rio de Janeiro ou a esta Inspetoria para serem atendidos.

<sup>46</sup> Tinha como função intermediar o colono e o dono das terras, fiscalizando as leis a serem seguidas.

Estado, (Av. do), no Ypiranga; antiga avenida do canal, começa onde se unem os rios Ypiranga e Tamanduateí e vae até o Rio Tietê, no Bom Retiro.

Abolição, (Rua), na Bella Vista, começa na Rua Santo Antonio – Bondes 5 e 46 (SILVA, 1924)



Fotografia 11- Sexta Parte – Dicionário de Ruas  
Fonte: Guia Ilustrado do Viajante (1924)

Desta forma, este que acreditamos ser o mais antigo guia impresso para viajantes da cidade de São Paulo, que ainda pode ser encontrado disponível para consulta, escrito pelo brasileiro Jacintho Silva e editado por Monteiro Lobato & Cia., no ano de 1924, está assim representado.

### 3.3 O guia turístico da cidade de São Paulo e de seus arredores (1953)

O guia ora analisado, foi uma das obras comemorativas do quarto centenário da cidade de São Paulo, que aconteceu em 1954. Sua capa mostra uma foto aérea da cidade, em preto e branco, amarelada pelo tempo, já com edifícios e pontes. A obra foi composta de 200 páginas, além de mapas e plantas da cidade, o exemplar mede 22 cm x 12 cm, contém muitas fotos, e quatro mapas integraram a obra, dos quais, três desenhos e uma cartografia.

No verso da capa da obra há os desenhos e descrições dos brasões da cidade e do estado de São Paulo, respectivamente e o crédito da autoria da foto da capa foi dado a

Empresa Nacional de Fotos Aéreas – ENFA. Um exemplar da obra pode ser encontrado para pesquisa e leitura no Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz, na cidade de São Paulo.

O Sumário do referido guia foi dividido em 4 partes, cada qual subdividida em tantas outras, quais sejam: Parte Descritiva, Parte Informativa, Apêndice e Mapas e Plantas.

A parte descritiva, a de maior conteúdo, subdividiu-se em 12 partes a seguir nomeadas: Resumo histórico; Descrição física e demográfica; Instituições públicas; Instrução; O esporte na capital de São Paulo; Vida cultural; Posição econômica da capital paulista; Monumentos; As principais igrejas de São Paulo; Comunicações; Passeios principais; Estações balneárias e climáticas, e trataram das informações necessárias ao morador ou visitante de São Paulo, mas, sobretudo, destacou a data comemorativa do IV Centenário além de enaltecer, sobremaneira, o progresso da cidade, assim como, as obras que estavam em andamento, para serem inauguradas na data da comemoração. Desta maneira assim está o Sumário da obra, intitulado de Índice, no qual encontram-se listados os seguintes sub-títulos:

### **Parte descritiva**

Resumo Histórico: Aspectos Históricos; História de São Paulo; Evolução Administrativa e Evolução Judiciária.

Descrição física e demográfica: Situação geográfica e clima; o rio Tiete; outros cursos d'água; represas; serra; descrição rápida dos bairros; O Triângulo – coração da cidade; população; o rápido crescimento de São Paulo; densidade demográfica do município de São Paulo; e religiões.

Instituições Públicas: Iluminação e força elétrica; segurança pública; Departamento de Imigração e Colonização; saúde pública e assistência médica; Hospital das Clínicas e cemitérios.

Instrução: Universidade de São Paulo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdade de Direito; Escola de Comércio Álvares Penteado; Universidade Mackenzie; Colégio São Luiz; Liceu de Artes e Ofícios; Senai; Parques Infantis e Sesi.

O esporte na capital de São Paulo: Hipódromos; Estádio Municipal do Pacaembu; Autódromo de Interlagos e Piscina de água quente.

Vida cultural: Biblioteca municipal; Museu Paulista; Museu de Arte de São Paulo; Museu de Arte Moderna; Pinacoteca do Estado; Museu da Cúria Metropolitana; Teatro Municipal; Teatro Sant'Ana e Museu e Instituto Butantã.

Posição econômica da Capital Paulista: indústria e comércio.

Monumentos: Monumento da Independência; Monumento às Bandeiras; Fundação de São Paulo; Sítio Libanês; Ramos de Azevedo; Carlos Gomes; Luiz Pereira Barreto; Padre Diogo Feijó; Alfredo Maia; Rui Barbosa ; Anhanguera; Dom Duarte Leopoldo e Silva; Bartolomeu de Gusmão; Giuseppe Verdi; Fonte Monumental; João Mendes de Almeida; Álvares de Azevedo; Bernardino de Campos; Mário de Andrade; Prefeito Firmiano Pinto; Luiz Gama; Cesário Mota; Caetano de Campos; Arnaldo Vieira de Carvalho; João Brícola; Joaquim Eugenio de Lima; Dom José C. de Barros; Celso Garcia; Joaquim Gonçalves Moreira; Fiel Jordão da Silva; Diogo T. de Faria; Jesuíno da Fonseca Leite; Almeida Júnior; Camões; Cervantes; General San Martin; Dom Bernardino Rivadavia; Augusto César; Giuseppe Garibaldi; João de Barros e de Pinedo; Marco Comemorativo dos Heróis da Laguna; Placas Comemorativas; Obelisco da Memória; Davi; Moisés; Graças; Leitura; Laocoonte; Hércules atacado por um leão; Gladiador; Discóbolo; Ceifador; Semeador; Ascensão; Eva; Nu; Fauno; Depois do Banho; Diana Caçadora; Último Acorde; Guanabara; Ubirajara; Índio Pescador; Índio Caçador; O Menino e o Tamanduá; Garoto com cata-vento; Espinário; Garoto brincando; Leão; Leão atacado; Veado caçado; Jornaleiro e engraxate; A boneca; e outros monumentos a serem inaugurados

As principais igrejas de São Paulo: Catedral; São Bento; Igreja e convento de São Francisco; Igreja de São Gonçalo; Igreja da Boa Morte; Basílica de Nossa Senhora do Carmo; Igrejinha dos Aflitos; Capela de Santa Cruz dos Enforcados; Igrejinha de Santo Antonio; Igreja de Santa Ifigênia; Igreja de Nossa Senhora da Penha; Igreja Matriz do Braz; Igreja de Santo Antonio do Pari; Igreja de São Cristóvão; Igreja Nossa Senhora da Consolação; Igreja de Santa Cecília; Igreja Nossa Senhora da Glória; Recolhimento da Luz; Igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração; Igreja e Convento dos Capuchinhos; Igreja do Imaculado Coração de Maria; Igreja de Itapeperica da Serra; Igreja e Liceu do Sagrado Coração de Jesus; Igreja de Nossa Senhora do Ó; Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Embu; igrejas evangélicas e outros cultos.

Comunicações: rodovias; as quatro grandes auto-estradas; as avenidas; bondes, ônibus, autolotação; estradas de ferro e estações de estradas de ferro.

Passeios principais: Horto Florestal; Parque da Água Branca; Parque da Cantareira; Pico e Parque do Jaraguá; Parque Siqueira Campos; Parque Dom Pedro II; Parque do Estado; Orquidário Silva Pinto; Jardim da Luz; Parque do Ibirapuera; Jardim Zoológico Agenor; Vila Galvão; Carapicuíba; Itu e Bragança Paulista.

Estações balneárias e climáticas: Santo Amaro; Interlagos; Eldorado e Sete Praias; Estoril; Santos; São Vicente; Bertioga; Guarujá; Itanhaém; Ubatuba; Ilhabela; Caraguatatuba;

São Sebastião; Águas da Prata; Águas de São Pedro; Atibaia; Campos do Jordão; Clube dos 500; Rubião Júnior; Serra Negra; Termas de Ibirá; Termas de Lindóia; Termas de Santa Bárbara do Rio Pardo e Valinhos.

### **Parte Informativa**

A Parte Informativa listou as diversas informações sobre a cidade de São Paulo, pertinentes aos assuntos relacionados abaixo, algumas repetidas da primeira parte: Bairros de São Paulo; Itinerário dos bondes de São Paulo; Itinerário dos ônibus de São Paulo; Serviços de ônibus para o interior; Aeroportos existentes no Estado de São Paulo; Correios e Telégrafos; feiras livres; hospitais, casas de saúde etc.; polícia; postos policiais; Registro Geral de Hipotecas; Registro de Imóveis; Registro de Títulos e Documentos; repartições públicas; Tabeliães de Protesto; Tabeliães; Cartórios de Paz; Universidade de São Paulo; Colégios; Principais Igrejas Católicas; Igrejas e templos de outras religiões; Sinagoga; museus; galerias de antiguidades, exposições de arte; bibliotecas e discotecas; principais jornais; estações de rádios-auditórios; telemissoras e consulados.

Consulados e instituições estrangeiras: Alemanha; Áustria; Bélgica; Espanha; Estados Unidos; França; Inglaterra; Líbano e Suíça.

Associações e câmaras de comércio; bancos; casas bancárias; agências de turismo e de passageiros; transportes marítimos; transportes aéreos; clubes esportivos e sociais; parques e jardins; cinemas; teatros; principais hotéis da capital; restaurantes; cozinha portuguesa; especialidades francesas; especialidades japonesas; especialidades árabes; churrascarias; cantinas (especialidades italianas); confeitarias e salões de chá; leiterias e bomboniéres.

### **Apêndice**

O Apêndice é um guia de conversação para viagens em português, com traduções em italiano, francês, alemão e inglês.

### **Mapas e plantas**

Mapas e plantas encontraram-se distribuídos no guia sendo que: pequenos mapas para passeios estão entre as páginas 48 e 49; planta dos pontos turísticos da cidade de São Paulo, entre as páginas 80 e 81; mapa dos arredores de São Paulo, entre as páginas 112 e 113; planta do centro da cidade de São Paulo, entre as páginas 144 e 145 e planta das saídas principais encontra-se entre as páginas 176 e 177.

Antes de iniciar a “Parte Descritiva” é dedicada ao público ou leitor e usuário deste guia uma mensagem, assim disposta:

Ao Público

É nosso desejo que esse guia turístico reproduza com o máximo de fidelidade possível a realidade de São Paulo em todos os setores aqui objetivados. Para isso nos é necessária a colaboração do público ao qual solicitamos e agradecemos sugestões, reparos e informações (EDIÇÕES MELHORAMENTOS, 1953, p.8)

## **Parte Descritiva**

### **Resumo Histórico**

Esta primeira parte abordou os aspectos históricos da cidade; teve início à página 9 com a ilustração do quadro de Benedito Calixto, representando Martim Afonso e sua expedição composta por colonos da capitania de São Vicente, índios e padres, pois, estes julgavam, segundo o guia, o local à beira-mar, além de estreito e de clima cálido e chuvoso, perigoso, em virtude dos corsários que cruzavam a costa. No guia foi descrito o trajeto percorrido do mar até o planalto onde foi celebrada a primeira missa a 25 de janeiro de 1554, dia que a igreja comemorou a conversão do apóstolo Paulo, daí o nome do povoado nascente. Em 1681, este passou à categoria de sede da capitania e em 1711 à de cidade, tornando-se o nome extensivo para o Estado, contudo, em 1815 a cidade de São Paulo passou à categoria de capital do Estado.

Em 1822, aconteceu também na cidade, a emancipação política do Brasil e esta passou a ser chamada por algum tempo de A Imperial Cidade de São Paulo, como cita Bueno (2004 p. 17).

Foi em 7 de setembro de 1822, que a pequena acrópole de barro erguida no topo da colina deixou de ser um vilarejo colonial para se tornar a “imperial cidade de São Paulo”. Isso não apenas porque o rompimento com Portugal foi basicamente uma articulação de paulistas, mas porque o heróico brado retumbou, como qualquer secundarista sabe, às margens plácidas do riacho Ipiranga (rio vermelho, em tupi).

Contudo, apesar disso, até o final do século XIX São Paulo não tinha uma identidade política definida, segundo Schwarcz (2004), pois, tudo acontecia no Rio de Janeiro, além dos teatros, saraus e concertos lá estavam a Faculdade de Medicina (1808), o Museu Nacional (1818) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), desta maneira, a história do país recém-independente tinha sua centralidade política no Rio de Janeiro.

No entanto, cinco anos após a Proclamação da Independência, no ano de 1827, foi criada a Faculdade de Direito em São Paulo, porém, um monumento na localidade onde fora proclamada a Independência do Brasil era o que mais se desejava na época e este foi inaugurado, no ano de 1894, num edifício em estilo neoclássico, projetado pelo engenheiro-arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi (BREFE, 2003). Também, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo IHGSP – foi fundado neste ano, e segundo Schwarcz (2004, p.164):

Não causa espanto, portanto, a maneira grandiosa como na primeira página de O Estado de São Paulo, de 10 de novembro de 1894, se noticiou (e brindou) o surgimento do novo instituto: Os senhores Jaguaribe Filho, Antonio Pizza e o Sr. Estevan Leão Borroul convidam todos os homens de letras da capital para uma reunião a efetuar-se hoje ao meio-dia no salão da Academia gentilmente cedida pelo Sr. Barão de Ramalho. O fim da reunião é tratar do Instituto Histórico Paulista.

Conforme o guia, com a abertura do tráfego da São Paulo Railway, (Estrada de Ferro Santos-Jundiaí nos anos 50), começou a nova era econômica e política por volta de 1867, com enormes áreas no Oeste Paulista, entregues à cultura do café que, desde 1830, tornou-se a principal fonte de riquezas de São Paulo. De acordo com Bueno (2004) a ferrovia ligou São Paulo ao mundo, mas o que o manteve ligado foi de fato o café. Na primeira metade do século XIX, com a mão de obra escrava, que foi tornando-se rara e mais cara, gradativamente substituída pelo trabalho imigrante na segunda metade do século XIX, com a política imigratória implantada por cafeicultores com apoio do governo (realizavam propaganda na Europa e Japão) para o cultivo do café. “Fazer a América” era o sonho da maioria dos imigrantes que vinham ao Brasil e, segundo Freitas (1999, p. 33),

A América era a terra de oportunidades, onde haveria a possibilidade de enriquecimento para todos, como se fosse um Eldorado. Por isso, homens, mulheres e crianças de diferentes aldeias, cidades, países e continentes “se põem a caminho”, constituindo um dos maiores deslocamentos da humanidade.

A chegada dos imigrantes, a multiplicação das ferrovias e rodovias partindo da capital em todas as direções do interior do Estado, fez acelerar o desenvolvimento da cidade.

Ainda na página 11, no guia, uma síntese rápida da história paulista, segundo Affonso de E. Taunay, historiador e professor que escreveu obras como: História da Cidade de São

Paulo, História das Bandeiras Paulistas e Velho São Paulo, além de assumir a direção do Museu Paulista no ano de 1917; está em ordem cronológica, a partir de 1532 com a fundação da cidade de São Vicente, por Martim Afonso de Souza; segue-se a fundação da cidade de Santos por Brás Cubas, em 1536 e assim são descritos os principais acontecimentos, com destaque para o que ocorreu na cidade de São Paulo, até então, Vila de São Paulo de Piratininga.

Ainda no século XVI apontavam o início das Entradas e Bandeiras<sup>47</sup>, e observavam a Confederação dos Tamoios<sup>48</sup>. Nesta época, segundo o guia à página 13:

São Paulo é um pobre vilarejo de 140 fogos, de brancos, mamelucos e índios e vive dos trigais, da criação de gado, da exportação de marmelada e, sobretudo do tráfico de escravos.

Seguem, os feitos dos Bandeirantes pelo Brasil, e fatos que ocorreram no final do século XIX, entre os quais a Proclamação da Independência, o ciclo do café, já citados, a Convenção de Itu<sup>49</sup>, o processo imigratório e conforme o guia, a população da cidade de São Paulo é de 60.000 habitantes, em 1888 e no ano de 1950, registra 2.228.000 pessoas.

O guia informou sobre a Evolução Administrativa, desde a sua fundação; a criação de município pelo Fórum em 5 de Setembro de 1558, quando os habitantes de Santo André da Borda do Campo foram transferidos para São Paulo de Piratininga; por Provisão de 22 de Março de 1681, tornou-se sede da capitania, e por carta régia, cidade em 1711, passando a esta categoria em 1712 e, também por carta régia, capital da província em 16 de dezembro de 1815, sendo que de março de 1823 até 15 de novembro de 1889, conservou o título de Cidade Imperial. Em 1911, o município de São Paulo compunha 18 distritos que, através de decretos, reduziram-se a 7 distritos, comportando 40 subdistritos.

---

<sup>47</sup>Expedições realizadas no princípio da colonização do Brasil, os homens chamados de Bandeirantes eram usados pelos portugueses com o objetivo de lutar com indígenas rebeldes e escravos fugitivos, além de explorar o território em busca de metais e pedras preciosas (<http://www.historiadobrasil.net/bandeirantes>).

<sup>48</sup> A Confederação dos Tamoios reuniu os chefes índios da região do litoral norte paulista e sul fluminense, ocorrendo entre 1554 e 1567, e o motivo principal foi a revolta ante a ação violenta dos portugueses que causou morte e escravidão entre os índios Tupinambás (<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=603>).

<sup>49</sup> Primeiro encontro entre representantes republicanos de várias cidades paulistas realizado em Abril de 1873, na cidade de Itu, onde foi aprovada a criação de assembléia com objetivo de implantar regime republicano no Brasil (<http://www.novomilenio.inf.br/festas/brasil1a.htm>).

A Evolução Judiciária observou a divisão territorial e abrangência das cidades vizinhas, que compunham a comarca de São Paulo, criada em 13 de Agosto de 1699, por carta régia e confirmada em 1700, formada por 11 municípios chamados no guia de “termos”.

### **Descrição física e demográfica**

O segundo item desta parte trata da Descrição Física e Demográfica. Inicialmente o guia informou que a cidade de São Paulo está situada à oeste do Rio de Janeiro, a altitude em relação ao nível do mar é de 750 a 815 metros aproximadamente, enquanto o clima é determinado pela proximidade da Serra de Paranapiacaba, temperado a tropical, com temperatura média entre 18° e 38° graus, oscilações bruscas na temperatura, no entanto segundo o guia, muito bom, especialmente para os europeus.

Na seqüência, sobre o Rio Tietê, cuja extensão é de 1.112 km, informou que nasce entre as Serras Itapeti, Cantareira e Serra do Mar e deságua no Rio Paraná, atravessando a cidade de São Paulo. Segundo o guia, a parte principal da cidade está situada à margem esquerda do rio, onde ficam também três importantes ferrovias. Abaixo, na página 20, uma ilustração do Rio Tietê, e na página seguinte, da Ponte das Bandeiras, com a seguinte descrição à página 21:

A Ponte das Bandeiras – moderna obra de engenharia, tôda de concreto armado, é a mais importante de tôdas as pontes que atravessam o Tietê. Nas suas imediações estão situados o Campo de Marte, diversas praças esportivas e clubes tradicionais da cidade. Ali grande parte da povoação pratica ginástica, natação e remo.

Outros cursos d’água como rios e ribeirões foram descritos na seqüência, além das represas, serras e morros. Acompanhou o nome de cada um, a localidade e direção ou sua formação.

Prosseguiram os editores, com uma descrição rápida dos bairros, neste ponto é importante observar a citação, no guia à página 23:

São Paulo... é uma cidade nova e moderna, pois seu aspecto geral assinala-se por uma constante renovação de edificações antigas que desaparecem rapidamente, dando lugar a novas construções, as quais se estendem do centro aos bairros mais longínquos... A cidade parece possuída de uma verdadeira febre construtora, deitando abaixo as edificações coloniais, e de minuto a minuto os relógios assinalam a construção de uma nova casa.

E continuaram descrevendo como se a construção de túneis, pontes e viadutos fosse a superação de grandes obstáculos e a construção de arranha-céus fosse uma vitória contra o inimigo, motivo de orgulho, embora reconheceram, logo a seguir, que faltou planejamento, que havia irregularidades nos arruamentos e na altura das edificações. Destacaram-se nesse período as realizações do prefeito Prestes Maia que construiu a Ponte das Bandeiras na década de 40 e a Avenida e Túnel 9 de Julho (nesta época já estava prevista a implantação de metrô). Prestes Maia, foi prefeito de São Paulo nos períodos de 1938 a 1945 (duas gestões) e de 1961 a 1965. Elaborou projeto urbanístico que ficou conhecido como Plano Avenidas a pedido do prefeito Pires do Rio na década de 1930 e acabou dando continuidade às obras como prefeito. Várias ruas foram alargadas como a Rua da Liberdade e Avenida São João, vias radiais tiveram suas implantações iniciadas, foi construída a ligação Rebouças-Eusébio Matoso. Iniciada a construção da Avenida Rio Branco<sup>50</sup> além do Vale do Anhangabaú (para o qual Prestes Maia previa a criação da “sala de visitas” paulistana), Avenida Paulista, entre tantas outras. (REVISTA CIDADE, 1996).

Sobre o Bairro da Sé, centro comercial da cidade, os editores constataram que apesar do número grande de casas comerciais também existia um número relativamente alto de indústrias, ao contrário de outras grandes capitais, contudo, em primeiro lugar do setor industrial estava o bairro do Brás, seguido do Ipiranga. No guia encontram-se alusões também, aos estabelecimentos de diversão como, *boites*, cinemas e restaurantes, no entanto, não foram nomeados.

E seguiu-se a citação dos bairros nomeando-os desde a Sé do lado esquerdo do Rio Tamandateí, já canalizado, até Campos Elíseos e Bom Retiro e, do lado direito, a parte de baixo como era chamada, nomeando-os até a Penha, contudo sem descrevê-los. Citam os bairros da região da Avenida Paulista, os Jardins e os que acompanham as margens do Rio Tietê, entre outros.

---

<sup>50</sup> Para saber mais detalhes sobre o Plano Avenidas de Francisco Prestes Maia – Revista DPH/ CIDADE nº 4, ano 3, 1996.

Á parte registraram o Triângulo, formado pelas ruas tortuosas e esburacadas que se transformou no maior centro de negócios da América do Sul, cujos vértices é composto pelas ruas: São Bento, Direita e XV de Novembro. Além do Triângulo foram citadas muitas outras ruas e pontes, a Praça das Bandeiras, Avenida Nove de Julho e Praça dos Correios, sempre se referindo aos arranha-céus que estavam sendo levantados e modificando a fisionomia da cidade. Á página 26 vê-se uma ilustração do Parque do Anhangabaú com o Viaduto do Chá, à noite. A foto abaixo, não é a mesma que ilustra o guia, contudo, mostra o Viaduto do Chá, atravessando o Vale do Anhangabaú:



Fotografia 12 - Vale do Anhangabaú e Viaduto do Chá

Fonte: [www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=166471](http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=166471)

Os editores recordaram do Vale do Anhangabaú do século XVIII que apesar de muito movimentado durante o dia por escravos que se dirigiam ao Chafariz do Piques em busca de água, tropeiros que vinham de Santo Amaro e Pinheiros, ou ainda, funcionários municipais que cobravam pedágio na Ponte do Lorena, além da gente de posse que ia ao Mercado de Escravos, ao lado do Obelisco da Memória, à noite tornava-se ermo e sinistro. As chuvas inundavam o local dando lugar a sapos, feitiçeras, boitatás, como acreditavam muitos, no entanto, o rio Anhangabaú encontra-se canalizado, apenas o obelisco permanece como o mais antigo monumento da cidade.

Foi destacado o Edifício Matarazzo, ao que os editores comentam sua arquitetura e percorrem sobre a Praça do Patriarca e, por meio da Rua Direita, o acesso à Praça da Sé, ponto de entroncamento dos transportes e à catedral gótica ainda em construção. Também

recordam dos tempos antigos, descrevendo homens e mulheres que freqüentavam a praça, assim como crianças que brincavam ao lado de cavalos e cabras. Repetem que hoje tudo é diferente, os homens são apressados e as mulheres já não usam mantilhas e deixaram de ser tímidas, as crianças não têm espaço para brincar e os animais que ali pastavam, desapareceram assustados.

Prosseguiu o guia com mais uma ilustração à pagina 27, da Praça do Patriarca, a seguir da Praça da Sé, onde descreve o caminho até o Pátio do Colégio e daí até o Largo de São Bento e o Viaduto Santa Ifigênia. À página 29, fotos das ruas Álvares Penteado, Quintino Bocaiúva, XV de Novembro, Direita, São Bento e Florêncio de Abreu. A seguir, à Praça Antonio Prado, são descritos em detalhes o prédio do Banco do Estado de São Paulo e o Edifício Martinelli.

Nesta época já é grande o número de pessoas que atravessam as ruas da cidade. Chamada de capital bandeirante, e de “a cidade que mais cresce no mundo”, o guia exhibe uma tabela com números relativos ao índice de crescimento da população paulista que é mais do dobro do Rio de Janeiro, mais do que o triplo de Buenos Aires, cerca de dez vezes o da cidade de Chicago e três vezes da cidade de Nova York. Calcula-se que sejam 2.600.000 habitantes, no ano de 1953.

Percebeu-se no guia, à página 33 a grande valorização do número de prédios existentes e em construção:

Em pouco mais de 3 anos enquanto as demais capitais brasileiras juntas construíram nesse período 49.815 prédios erigiram-se em São Paulo, 90.110 edifícios.

Foi citada a densidade demográfica do município segundo o recenseamento de 1950, com destaque para alguns bairros como Ipiranga, com 116.000 habitantes, Saúde, com 108.900, Tatuapé, com 134.500 e Vila Prudente, com 90.000 entre outros.

Prosseguiram os editores com o tema Religião, reconhecendo a maioria de católicos, das igrejas e festas religiosas que foram abordadas também na segunda parte do guia, além de citarem outros cleros como protestantes e judaicos.

### **Instituições públicas**

Dando continuidade à primeira parte, pontuaram as instituições encarregadas dos serviços de iluminação e força elétrica, a *Light and Power Company Limited* e a *The São*

*Paulo Tramway* , responsável pelo transporte de passageiros, nos bondes elétricos (bairros mais afastados conviviam com outras modalidades de transporte); o serviço de segurança pública, feito pelo Serviço Especial de Rondas do Departamento de Investigações, pela Guarda Civil, Rádio Patrulha, Força Pública do Estado e Guarda Noturna da Capital. Cada um, responsável por um determinado setor, assim como, Companhia de Policiamento Florestal e Companhia de Policiamento Rodoviário e outras especializadas como dos Estrangeiros, de Explosivos, de Armas e Munições etc. Completaram os editores informando que o Departamento de Imigração e Colonização prestou assistência, dando alojamento e distribuindo mais de 500.000 pessoas para o interior do Estado, somando-se os imigrantes e migrantes nos anos de 1951 e 1952.

À página 37, uma foto do Hospital das Clínicas, e iniciaram os editores, a descrição sobre a saúde pública e a assistência médica:

A capital bandeirante, com seu clima saudável, apresenta condições sanitárias idênticas e, portanto, tão boas como as de qualquer outra metrópole [...]

Os editores continuaram o texto, discorrendo sobre a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Institutos e Departamentos da Saúde Pública e Assistência Social. Sobre os centros de saúde pontuaram o Instituto Butantã, Adolfo Lutz e Pasteur, entre outros. Em seguida, arrolaram os cemitérios, pois, até meados de 1800, os enterros eram feitos nas igrejas, “esse sistema primitivo”, como descreve o guia, foi abolido a partir da carta régia de janeiro de 1801, quando o governo da Metrópole ordenou a construção de cemitérios. O primeiro foi na Glória, perto do Recolhimento da Luz, onde eram sepultados os religiosos, à Avenida Tiradentes, hoje (1953) desaparecido. Em 1854, foi construído o Cemitério da Consolação, bento e inaugurado em 1858, (conforme descrição do guia de 1924) depois o Cemitério do Araçá em 1887. Em 1893 fora inaugurado o cemitério do Braz (conhecido hoje como cemitério da Quarta Parada) e o Cemitério São Paulo, em 1926, além de muitos outros que existem na cidade, porém, segundo o guia, estes são os mais importantes e além de descrever a localização, os mausoléus, esculturas que adornam os túmulos, sugerem uma visita, para apreciar as obras e também observar os nomes conhecidos e hoje gravados nas lápides.

## **Instrução**

Referindo-se à Instrução, o guia se reportou às poucas escolas existentes em São Paulo e no Brasil e a lentidão do desenvolvimento da instrução pública no final do século XIX, nomeou alguns educadores que logo após a Proclamação da República trataram de impulsionar o ensino público, começando por Caetano de Campos, com atenção voltada para a formação de professores. Já em 1823, a proposta da criação do curso de direito que ocorreu em 1827 e em 1894, a criação da Escola Politécnica, Ginásio Estadual, a Escola Agrária Luiz de Queirós e a Faculdade de Medicina. Desde então foram criadas novas escolas. O guia cita as mais importantes da cidade, além, das faculdades e institutos que compunham a Universidade de São Paulo, a Pontifícia Universidade de São Paulo, (criada em 1946 mediante a junção da Faculdade de Filosofia e Letras do Colégio São Bento com a Faculdade Paulista de Direito); a Universidade Mackenzie (cuja Escola de Engenharia data de 1896); o Colégio São Luiz, (fundado em Itu em 1867 e transferido para São Paulo em 1918); o Liceu de Artes e Ofícios (1873); o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – 1942) e o Sesi (Serviço Social da Indústria – 1946), além disto pontuaram a criação dos Parques Infantis pela Prefeitura.

## **Esporte**

Prosseguiu o guia reportando-se ao Esporte da Capital de São Paulo, destacando o futebol, além de outros de menor popularidade como golfe, pingue-pongue, voleibol etc. Citaram os locais onde se reuniam personalidades da aristocracia e da política, como o Automóvel Clube de São Paulo, Automóvel Clube de Piratininga, Sociedade Paulista de Trote, Aeroclube de São Paulo, entre outros, nomeados também na segunda parte da obra.

Destacou-se à página 49 o *Jockey Club* Paulistano, com foto do Hipódromo na Cidade Jardim, ressaltando que se tratava de uma diversão muito em moda, como acontecia na Capital do país. Fundado a 14 de março de 1875, a primeira corrida aconteceu no Hipódromo da Moóca em outubro de 1876. Além deste, teve destaque a Sociedade Paulista de Trote, fundada em 1944, na Vila Guilherme, comentaram os editores à página 51 do guia:

O Prado da Vila Guilherme é um dos logradouros mais pitorescos da cidade, não só pela sua localização, como pela sua construção. Em cada reunião comparecem, em média, 1.500 pessoas para assistir às carreiras de trote, que proporcionam um espetáculo deveras atraente.

Foram informados, no guia, além dos horários dos espetáculos, os endereços, número do ônibus, itinerários, os prêmios distribuídos, detalhes sobre os cavalos que concorriam, assim como de seus proprietários, entre outras informações.

A fotografia do Estádio Municipal do Pacaembu iniciara a página onde foram descritas, além de endereço e número do ônibus, que serve o local, outras informações a respeito do estádio, e segundo os editores era um dos maiores e mais bonitos do Brasil, citando-se área, capacidade e comentários sobre as instalações. Quanto ao Autódromo de Interlagos, foram destinadas três linhas do guia, onde constou a extensão da pista e o número do ônibus e do bonde que davam acesso ao local. Ainda, foi descrita uma piscina de água quente, construída no Parque da Água Branca, com destaque foi para o ginásio construído no local, com capacidade para 4.000 pessoas.

### **Vida cultural**

Prosseguiram a primeira parte, dando conta da Vida Cultural da Cidade e iniciaram esclarecendo que São Paulo, não era apenas um núcleo de arranha-céus e de fábricas, tampouco um campo industrial, mas que possuía bibliotecas, teatros, museus, sendo um dos maiores centros culturais do Brasil. Elencaram alguns lugares julgados dignos de visita por suas atividades culturais e artísticas, entre os quais: Biblioteca Municipal, Museu do Ipiranga, Instituto Butantã, a Universidade e suas escolas de medicina, odontologia, farmácia, direito etc., além de citarem instituições como o Instituto Histórico e Geográfico, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, o Instituto da Ordem dos Advogados, o Observatório Astronômico, o Conservatório Dramático e Musical, o Liceu de Artes e Ofícios, o Teatro Brasileiro de Comédias, o Museu de Arte de São Paulo, o Museu de Arte Moderna, a Pinacoteca do Estado, a Escola de Belas Artes, o Instituto Biológico, o Instituto Pasteur, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas etc.

Detalharam a Biblioteca Municipal, citando endereço, data da fundação, acervo, bem como outros espaços e serviços prestados, elogiando-os. À página seguinte (54), uma foto, além da citação das estátuas existentes nas suas imediações: Camões (autor) e Cervantes (autor). Abaixo, a fotografia nº 13 é da Biblioteca Municipal, exatamente como pode ser vista no guia de 1953, situada à Rua da Consolação, 94.



Fotografia 13 - Biblioteca Municipal

Fonte: Guia Turístico da cidade de São Paulo e de seus arredores (1953)

Sobre o Museu Paulista, argumentaram tratar-se de ponto obrigatório de turismo, em virtude do estilo arquitetônico, e pontuaram a iniciativa de sua edificação no importante logradouro histórico à página 55 do guia:

Tornou-se o lugar especialmente célebre em 1822, pelo episódio de influência transcendental na evolução política do Brasil que ali se desenvolveu, a emancipação do Brasil.

Após diversas tentativas, constataram os editores, somente em 1872, é lançada a pedra fundamental e as obras foram iniciadas em 1885, contudo, segundo lei da Assembléia Provincial, o edifício deveria destinar-se a um estabelecimento de ensino, o que não ocorreu, também por persistência do arquiteto Gaudêncio Bezzi, responsável pela obra. As obras foram paralisadas e retomadas nos campos desertos do Ipiranga e o Museu do Estado foi inaugurado em 7 de Setembro de 1894, cujo acervo nos anos 1950 diferenciava-se da época de sua fundação, visto que reunia, conforme o guia, valiosas relíquias da história, cartografia documentação, peças de mobiliário tradicional, objetos de arte religiosa, uma coleção numismática, além de uma seção etnográfica com exemplares da cultura material dos primitivos americanos e maquinaria agrícola e colonial nos pavilhões exteriores, recebendo aos domingos cerca de 7.000 visitantes. O Museu Paulista, modernizou-se nos últimos anos, (século XXI) por meio da implantação de novas tecnologias destinadas a disponibilizar as

informações de maneira mais prática e prazerosa, além de entrada gratuita no primeiro e terceiro domingos do mês. O guia exibe foto do edifício e jardins, além de parte da sala monumental, que comporta o quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo.

O Museu de Arte de São Paulo – MASP, inaugurado pelo Dr. Assis Chateaubriand em 1947, situado à Rua Sete de Abril, 230, teve descritos pormenores de suas instalações e acervo, contemplando um sem número de obras, esculturas e serviços prestados, como cursos de fotografia, cerâmica, tecelagem, pintura etc., além da biblioteca. No mesmo endereço, é criado pelo Sr. Francisco Matarazzo, o Museu de Arte Moderna – MAM, em 1949. Sobre a Pinacoteca do Estado, consta apenas o endereço, horário e dias para visitas, além de uma breve referência ao acervo. Ao que se refere ao Museu da Cúria Metropolitana informam sua localização e horário de visitas.

A foto do Teatro Municipal, à Praça Ramos de Azevedo, ilustra a página 59. Inaugurado em 1911 (e por ocasião da publicação desta obra encontrava-se em reforma), cujo estilo arquitetônico foi sempre elogiado e aqui detalhado, tanto interna como externamente, fora construído pelo arquiteto que empresta seu nome à praça: Ramos de Azevedo. Outro destaque é para o Teatro Sant’Ana, localizado à Rua Vinte e Quatro de Maio, 77, de propriedade da família Álvares Penteado. O último local citado nesta parte do guia, intitulada Vida Cultural é o Museu e Instituto Butantã cujas atividades vinham sendo realizadas há mais de 50 anos, (em 1953) entre elas, a extração do veneno para preparação do soro antiofídico, constituindo um bom entretenimento, assim como os demais museus citados. A referência ao Museu de Arte Moderna, instalado no Parque do Ibirapuera, e ao Museu de Arte de São Paulo, localizado na Avenida Paulista encerraram essa parte do guia.

### **Posição Econômica da Capital Paulista**

À Posição Econômica da Capital Paulista, são dedicadas três páginas do guia. A primeira foi ilustrada com foto da Exposição Industrial no Parque da Água Branca e contemplou em seu texto informações importantes sobre a indústria, com ênfase à indústria fabril relativamente nova e a monocultura do café. Citou números de criação de fábricas e o que representaram para a economia do Brasil. Quanto ao comércio destacou também “os negócios do café”, considerando São Paulo, o maior centro manufatureiro da América do Sul, ressaltando ainda as exportações destes e de outros produtos. Deu destaque para algumas instituições comerciais como Junta Comercial, Bolsa de Cereais, Bolsa de Mercadorias, Associação Comercial de São Paulo etc.

## **Monumentos**

Sequencialmente, com a descrição detalhada de muitos deles, alguns com fotos, mas em todos observando o nome do monumento, localidade, autoria, material com o qual foi construído, reproduzindo, até mesmo as inscrições presentes e sua representatividade na história, foram descritos cerca de setenta títulos diferentes, entre os quais o Monumento à Independência, Monumento às Bandeiras e à Ramos de Azevedo, os demais são hermas, bustos, estátuas e esculturas, tais como o Obelisco da Memória, Mário de Andrade, Camões, Cervantes, Placas Comemorativas do Parque da Luz, etc. Ainda alguns monumentos previstos para inauguração no ano comemorativo foram nomeados no final.

Muitos monumentos foram transferidos posteriormente para lugares diferentes dos indicados no guia, outros foram destruídos, novos foram criados, contudo, é grande o número de monumentos citados no guia de 1953 que podem ser vistos na cidade ainda hoje.

Os monumentos podem ter seus nomes mudados ou serem conhecidos por nomes diferentes como é o caso do monumento localizado à Praça João Mendes conhecido pelos nomes de Contando a Féria e também O Engraxate e o Jornaleiro. Assim como este; outros começaram a ser restaurados pelo grupo empresarial Votorantin<sup>51</sup>, no ano de 2008.

## **As principais igrejas católicas de São Paulo**

Na primeira parte da obra, foram descritas igrejas católicas de São Paulo, iniciando com a Catedral à qual foram dedicadas duas páginas, acerca da história da Sé, desde a sua primeira construção iniciada em 1598 e concluída no início do século XVII; uma nova construção realizada em meados do século XVIII e reformada após a Proclamação da Independência; à direita da matriz (onde hoje se situa a Caixa Econômica Federal), existia a Igreja de São Pedro, entretanto, as duas igrejas foram demolidas, segundo o guia, para acompanhar o crescimento da Capital: da Sé, em 1911 e a de São Pedro pouco tempo depois. Reconheceram os editores que as igrejas poderiam ter sido conservadas se um plano urbanístico existisse na época, pois, expandir a cidade além do velho Triângulo, era, até então, um tabu.

---

<sup>51</sup> Conforme: Votorantin 30 homenagens – Nos 90 anos do grupo empresarial no ano de 2008 (<http://www.trintahomenagens.com.br>).

As obras da nova matriz foram iniciadas em 1912, com projeto de Maximiliano Hell, e não foram concluídas para as comemorações de 1954, contudo, citaram os editores que os trabalhos foram acelerados para que a sua inauguração acontecesse o mais rápido possível e prosseguiram descrevendo detalhes sobre o interior, fachadas, altares, colunas e naves da Catedral. As figuras da catedral em 1818 e da maquete da atual ilustraram as páginas 84 e 85, respectivamente.

À página 86, a descrição da Igreja de São Bento foi minuciosa, desde uma rústica ermida no século XVI até tornar-se basílica no século XX, cuja foto ilustra a página. Ainda foi mencionada a construção do Ginásio e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, no ano de 1903, então incorporada à Pontifícia Universidade Católica. A Igreja e o Convento de São Francisco foram os próximos a serem descritos, com foto à página 87. Fundado no século XVII, o convento dera lugar à Faculdade de Direito em 1827, e uma nova edificação fora construída nos fundos da igreja, ressaltaram ainda a presença dos frades franciscanos que ali habitaram.

No guia foram nomeadas cerca de outras vinte igrejas como Igreja e Convento de São Francisco, Igreja de São Gonçalo, Igreja da Boa Morte, Igreja e Convento do Carmo, Basílica de Nossa Senhora do Carmo, Igrejinha dos Aflitos, Capela de Santa Cruz dos Enforcados, Igrejinha de Santo Antonio, Igreja de Santa Ifigênia, Igreja de Nossa Senhora da Penha, Igreja Matriz do Braz, Igreja de Santo Antonio do Pari, Igreja de São Cristóvão, Igreja Nossa Senhora da Consolação, Igreja de Santa Cecília, Igreja Nossa Senhora da Glória, O Recolhimento da Luz, Igreja Nossa Senhora do Sagrado Coração, Igreja e Convento dos Capuchinhos, Igreja do Imaculado Coração de Maria, Igreja Nossa Senhora dos Prazeres (Itapeperica da Serra), Igreja e Liceu Sagrado Coração de Jesus, Igreja de Nossa Senhora do Ó, Igrejinha Nossa Senhora do Rosário, Igreja Nossa Senhora do Rosário de Embu (Embu) relatando informações como as respectivas datas de fundação, cuja maioria remonta aos séculos XVIII e XIX, e também igrejas evangélicas e de outros cultos, entre as quais Igreja Luterana, Igreja Presbiteriana Unida, Primeira Igreja Presbiteriana Independente, Primeira Igreja Batista de São Paulo, Igreja Metodista Central de São Paulo, Igreja Armênia de São Jorge e Igreja Ortodoxa.

## Comunicações

Intitulado de Comunicações, o texto iniciou á página 98, citando a primeira estrada da história de São Paulo, “A trilha dos Tupiniquins”, que partia de Piratininga até Piaçaguera, aberta no século XVI.

No século XVIII foram traçadas as principais estradas que vão dotar o Brasil de maior quinhão sul-americano. É o século das grandes estradas da colonização paulista para Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro e o Sul.

Prosseguiu o texto acerca de outras estradas abertas no Estado de São Paulo e nomeou as quatro grandes rodovias: Anchieta, Anhanguera, Presidente Dutra e Fernão Dias, detalhando cada uma delas. A seguir percorreu sobre as avenidas mais importantes da cidade, entre as quais: Avenida Paulista, Higienópolis, Angélica e Nove de Julho, com destaque para o túnel, cuja foto ilustra a página 101; ainda, a Avenida Tiradentes, São João, Conde Francisco Matarazzo, Brigadeiro Luiz Antonio, Rebouças, Anhangabaú, D. Pedro I, Celso Garcia entre outras, dando informações de cada uma delas como o bairro em que inicia, extensão etc.

Sobre o transporte na cidade de São Paulo, destacou a primeira linha de bonde elétrico inaugurada em 1900, totalizando mais de cinquenta linhas ligando os bairros ao Centro. Além destas, mais de duzentas linhas entre ônibus, trolebus e a autolotação, que serviam a muitos bairros, à página 102, do guia.

Nos pontos finais do transporte coletivo formam-se de manhã e a tarde, extensas filas de espera da condução para o lugar de trabalho e a volta para casa. Interminável também é nas ruas o caudal de veículos nas horas de maior movimento

O autor descreveu o número de veículos que transitavam pela cidade no ano de 1948, correspondente a 47.000 veículos motorizados, e no final de 1949, que ultrapassava 97.000 veículos, sendo que em 1953, chegava a 173.000 veículos.

As Estradas de Ferro cujo objetivo, segundo o guia, era unir os centros econômicos entre si e dar-lhes escoamento comercial, penetrar em terras novas, transportar colonos, expandir o povoamento e criar novas riquezas teve destaque a partir da página 103, tendo a partir desta sua história descrita com datas e personagens. Foram elas: São Paulo *Railway Company* (Estrada de Ferro Santos Jundiaí), Estrada de Ferro Sorocabana, Mojiana,

Araraquara, entre outras importantes para o desenvolvimento econômico da cidade e do país. Encontrava-se em construção, com capital brasileiro e boliviano, a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, citada no guia como um dos trechos da futura Transcontinental Santos-Arica ligando Brasil, Bolívia e Chile e acrescentando à página 105 que “Todas essas redes convergem para a cidade de São Paulo e fazem dela um dos maiores centros ferroviários do continente sul americano”.

Na seqüência foram contempladas as estações de estradas de ferro, iniciando a descrição da Estação da Luz, Estação Julio Prestes, cuja foto está na pagina 105, Tamanduateí e Roosevelt. Ainda sobre transportes, são citados o Aeroporto de Congonhas, o Campo de Aviação Militar em Cumbica e o Campo de Marte. Os editores pontuaram que o tráfego aéreo de Congonhas era maior que o de Londres, tendo nos dois últimos anos, transportado cerca de dois milhões de passageiros e mais de quarenta toneladas de carga, demandando, em breve, a construção de um aeroporto maior, cujo terreno, localizado na região de Santo Ângelo, entre a Capital e Suzano, já se encontrava previamente escolhida.

### **Passeios Principais**

Descreveram, no final da primeira parte, alguns locais na Capital, Interior e Litoral para se visitar. Com o título de Passeios Principais começaram sua descrição pelo Horto Florestal, informando a localidade, extensão do parque, os serviços prestados, observando tratar-se de um ponto de recreação e excursões.

O Parque Dr. Fernando Costa, mais conhecido como Parque da Água Branca, com foto á página 108, criado em 1927 pela Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, promovia exposições de animais, e possuía uma coleção de aves raras, aquário com grande variedade de peixes, além da piscina coberta e do ginásio já descritos anteriormente.

Os editores descreveram de maneira peculiar o Parque da Cantareira, a página 110 do guia.

Com suas matas magníficas, cujas árvores se enroscam numa exuberância selvagem, mas bucólica, sôbre montanhas, é um passeio esplêndido para turistas. Quem vai àquele recreio paradisíaco experimenta a sensação de gozar as delícias reconfortantes das florestas oxigenadas brasileiras, ao contemplar a desordenada profusão de troncos nodosos, fortes como corpos de atletas imóveis, enredados de lianas, engrinaldadas de folhas, enfeitados de parasitas exóticas e cujas copas balouçantes erguem à luz do dia a perene magnificência do seu verde.

Ao contrário dos outros locais, não se preocuparam em citar a dimensão do parque ou sua localização, serviços ou outra informação, apenas o transporte, como ônibus, bonde ou trem para se chegar ao local (como fez nas demais localidades), com foto à página 110.

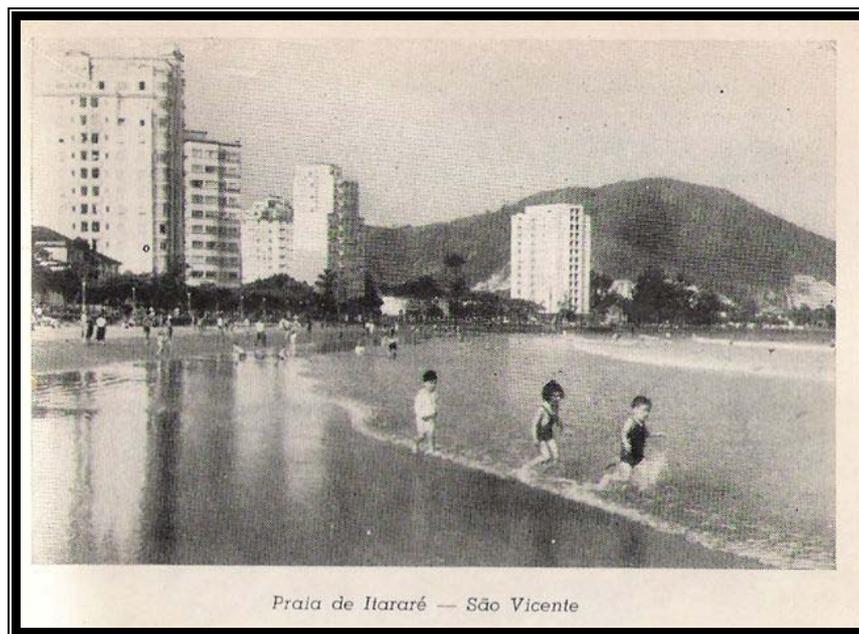
O Pico e Parque do Jaraguá foram descritos a seguir, assim como o Parque Siqueira Campos, ambos com fotos à página 111, neste último, estão localizados alguns monumentos e comentaram tratar-se de um trecho da mata em plena capital, doado à Prefeitura há cerca de quarenta anos atrás.

O Parque Dom Pedro II, assim como o Jardim da Praça da República tiveram destaque por terem em comum, áreas verdes e jardins em meio a edifícios e arranha-céus. O Orquidário do Parque do Estado (atual Jardim Botânico) e o Orquidário Silva Pinto também foram contemplados, seguidos do Jardim da Luz, próximo a Estação Ferroviária de mesmo nome. Sem deixar os elogios prosseguiram na descrição da construção do Parque do Ibirapuera, dedicando a esta um extenso texto, citando o palácio das Nações, da Indústria e Comércio, entre outras edificações que estão sendo levantadas dentro do parque e dando pormenores destas construções, a serem inauguradas no ano do IV Centenário da cidade. Citaram ainda o Jardim Zoológico Agenor, localizado na Vila Guilherme além de passeios no entorno da cidade.

### **Estações Balneárias e Climáticas**

Os locais citados nos arredores da Capital foram em cidades próximas como Carapicuíba, Itu e Bragança Paulista, considerando em cada uma destas cidades pontos de visitação.

Curiosamente, a primeira das Estações Balneárias e Climáticas descrita ficava na capital, a poucos quilômetros do centro, com foto à página 117, é a Represa de Santo Amaro. Também, Interlagos, Eldorado e Estoril foram apontados como locais para passeios, além do litoral, onde são nomeadas diversas cidades e praias, como Santos, São Vicente, Guarujá, Bertioga, Ilha Bela, até chegar à cidade de São Sebastião, partindo depois para o Interior do Estado, contemplando Águas da Prata, Águas de São Pedro, Atibaia, Campos do Jordão, Serra Negra, Termas de Ibirá, Termas de Lindóia e de Santa Bárbara do Rio Pardo, além de Valinhos dentre outras mais.



Fotografia 14- Praia de Itararé - São Vicente

Fonte: Guia ilustrado da cidade de São Paulo e de seus arredores (1953)

### **Parte Informativa**

A segunda parte do guia, intitulada de Parte Informativa, inicia-se à página 129, e contempla cerca de trezentos bairros em ordem alfabética; a seguir, destaca o nome, o número, e itinerário de cinquenta linhas de bondes, e duzentas linhas de ônibus, incluindo algumas cidades dos arredores, além de listar cinquenta linhas para o Interior do Estado.

Os editores dão informações sobre pedágio de São Paulo a Santos, Jundiaí ou Campinas, com preço e tipo de veículo, inclusive o de motocicletas. Relacionadas, a seguir, estão mais de cem cidades do Interior de São Paulo que possuem aeroporto ou aeródromo. Os Correios e Telégrafos também têm citados além dos endereços de seus serviços no Centro, os nomes dos bairros que contemplam ao menos uma agência. As informações sobre as feiras livres encontram-se à página 155.

Nomeiam os endereços de hospitais, casas de saúde e postos policiais, fornecendo informações importantes para os residentes da cidade ou não; a seguir listam os cartórios e registro de títulos e de imóveis, além de outras repartições públicas. As universidades e colégios, além das igrejas, museus, bibliotecas e galerias de artes e antiguidades, com endereço e telefone, podiam ser encontradas nesta parte, embora pudessem ser obtidas em outras seções do guia.

Apesar de não indicar a periodicidade e tiragem, destacaram o nome e o endereço dos principais jornais que circulavam em São Paulo (54 jornais, 116 revistas e 74 outras

publicações relativas ao ano de 1949), à página 167 do guia. Alguns matutinos importantes foram evidenciados: Gazeta Esportiva, Hora, Comércio e Indústria, Correio Paulistano, Diário de São Paulo, Folha da Manhã, Jornal Paulista, Dia, Jornal Paulista, Esporte, Estado de São Paulo, além do italiano *Fanfulla*, do alemão *Deutsche Nachrichten* e do inglês *Times of Brazil*, e os endereços das principais estações de rádio, como América, Bandeirantes, Gazeta, Record etc., inclusive com a posição no dial em kilociclos e também as telemissoras, ou emissoras de televisão, entre as quais Tupi, Paulista e Record.

O guia registrou os endereços de alguns consulados e instituições estrangeiras entre as quais: escolas, igrejas, clubes, jornais ou bancos, como *St. Paul's Anglican Church*, *São Paulo Athletic Club*, Sociedade Beneficente Brasil-Líbano etc. Estes encontravam-se no guia separados por país de origem e por tipo de instituição.

Associações e Câmaras de Comércio totalizaram 15 instituições, enquanto cerca de 100 bancos e casas bancárias foram relacionados, com o endereço de cada agência, como por exemplo, do Banco Nacional Interamericano, com mais de 20 agências espalhadas pelo centro e bairros da cidade. Nesta época, a cidade possuía mais de 40 Agências de Turismo e de Passagens, além de outras especializadas em transportes marítimos ou aéreos, as quais tinham espaço para nomes, endereços e telefones nesta parte do guia, a maioria localizava-se na área central da cidade.

Clubes esportivos e sociais, parques e jardins, muitos já citados na primeira parte foram listados, seguidos dos cinemas e teatros, todos com nome e endereço apenas.

Os nomes dos principais hotéis da capital, cerca de vinte, vieram acompanhado de endereço e telefone. Os editores elencaram ainda, os restaurantes, já com algumas cozinhas específicas como árabe, francesa, japonesa ou portuguesa e também churrascarias, salões de chá, confeitarias e bomboniéres. Entre os nomes destacados encontravam-se o Bar Brahma, Fasano e *Gigetto*.

### **Apêndice**

A terceira parte do guia chamada de Apêndice nada mais era que um guia de conversação para turistas ou viajantes, composto por 12 páginas, onde estão frases e expressões necessárias aos viajantes, nos idiomas: português, italiano, francês, alemão e inglês.

## Mapas e Plantas

A quarta parte do guia é composta por mapas e plantas anexados aleatoriamente ao volume. Entre as páginas 48 e 49, encontravam-se quatro mapas, intitulados Pequenos Mapas para Passeios. O primeiro exibia a Faculdade de Medicina e a Igreja Nossa Senhora de Fátima, o Cemitério do Araçá e o Estádio do Pacaembu, além das avenidas Dr. Arnaldo e Paulista. O segundo mostrava uma área mais rica em pontos para visitação: o Teatro Municipal, o Viaduto do Chá, o Vale do Anhangabaú, o Museu de Belas Artes (Rua Sete de Abril), a Biblioteca Municipal e a Praça da Bandeira. No verso encontra-se o terceiro, exibindo o centro antigo e contemplando a Basílica de São Bento, o Banco do Estado, o Pátio do Colégio, a Catedral, o Palácio da Justiça, o Edifício Martinelli, Edifício da *Light and Power* e Matarazzo, ainda no Largo São Francisco, a Faculdade de Direito; eram visíveis a Praça do Patriarca, Rua Direita e Rua São Bento. Abaixo deste, na mesma página, um pequeno mapa para o litoral.

A fotografia n  15, mostra como estão dispostos os mapas, consideradas plantas ou ainda desenhos e não cartografias, nota-se o pouco recurso na elabora o destes.

Entre as páginas 80 e 81, representado pela fotografia n  16 está um desenho mais elaborado do que os anteriores, de Pontos Turísticos da Cidade de São Paulo, com destaque para trinta pontos, sendo o primeiro, a Biblioteca Municipal e o último, a Rodovia Anchieta. Destacaram-se a Escola Normal, a Igreja de São Bento, o Instituto Butantã, o Museu do Ipiranga e a Represa de Santo Amaro. O desenho também contemplou algumas ruas e bairros principais, porém, listou como pontos turísticos, fábricas, a Penitenciária do Estado e hospitais.



Entre as páginas 112 e 113 observa-se o Mapa dos arredores de São Paulo que exhibe as cidades vizinhas, como Santo André e Santos e entre as páginas 144 e 145 localiza-se uma Planta do Centro da Cidade de São Paulo, onde se destacam os cemitérios do Araçá e da Consolação, o Estádio do Pacaembu e o Parque da Água Branca. A Biblioteca Municipal e os principais parques descritos na obra não se limitam ao centro da cidade, mas exibem desde a região da Avenida Paulista até o Bairro do Ipiranga, e da Barra Funda até o Bairro da Luz.

O último mapa, cujo título é Saídas Principais de São Paulo, está entre as páginas 176 e 177, exhibe as regiões que dão acesso às rodovias Anhanguera, Presidente Dutra, Anchieta e Fernão Dias.

No mapa estão contemplados pontos como a Biblioteca Municipal, o Horto Florestal o Hospital das Clínicas e o Parque Ibirapuera, donde conclui-se que não há um conceito específico de turismo e sim pontos citados no guia que os editores ou autores julgaram mais importantes.

O Guia Turístico da Cidade de São Paulo das Edições Melhoramentos, escrito no ano de 1953, como obra comemorativa para o IV Centenário da cidade de São Paulo, apresenta-se assim descrito.

### **3.4 Palimpsesto**

Os guias da cidade têm propostas e corresponde a períodos distintos o que equivale dizer, que apresentam duas cidades diferentes. Citam os seus monumentos, seus museus, igrejas, centros culturais, restaurantes de cozinhas internacionais, além dos hotéis e pontos turísticos. Alguns bens são comuns aos dois guias, nesse sentido destacam-se as igrejas, faculdades, museus, colégios, bares e parques como da Luz, Siqueira Campos, na Avenida Paulista e da Cantareira.

No Guia Ilustrado do Viajante, Silva (1924) se reporta aos monumentos presentes na cidade, destacando a arquitetura, inclusive de casarões, prédios, edifícios, que são nomeados por ele de “notáveis” por sua “monumentalidade”, independente da sua história e representatividade para a cidade. Neste item incluíram tanto o prédio dos Correios e Telégrafos, (projeto de Domiziano Rossi que trabalhava no escritório de Ramos de Azevedo) quanto o da Penitenciária do Estado, também edificação de Ramos de Azevedo. O Guia Turístico da Cidade de São Paulo e de seus Arredores, não foi tão minucioso em seus detalhes

nas informações gerais, contudo quando se referiu aos monumentos presentes na cidade de São Paulo, indicou inscrição, o significado e sua representatividade para a história da cidade.

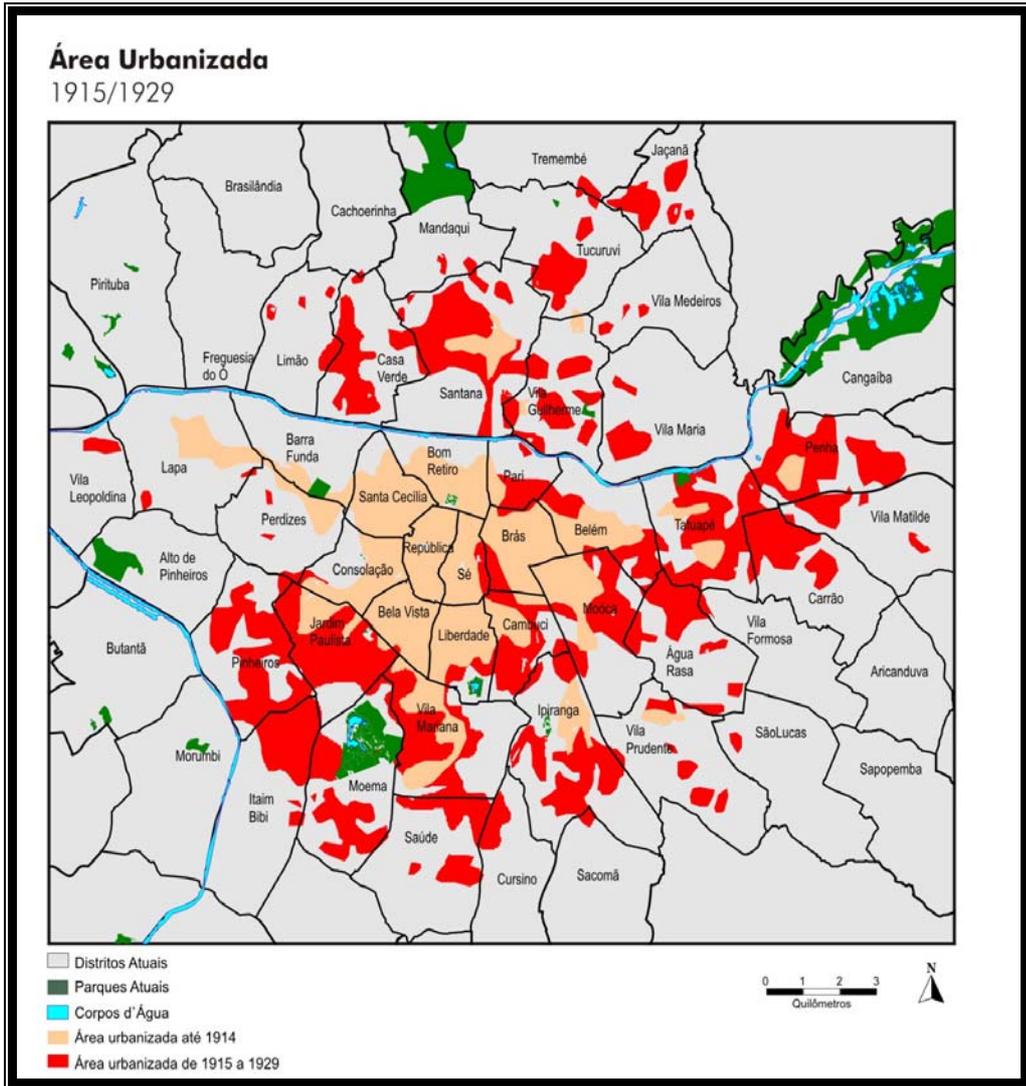
A cidade de São Paulo retratada no primeiro guia transformou-se em relação ao segundo, a diferença é nítida ao contemplarmos os mapas de áreas urbanizadas das duas épocas: década de 20 e 50.

No primeiro mapa vemos urbanizada (até 1914) a área em torno do centro compreendendo os bairros da Sé, Liberdade, República, Santa Cecília, Cambuci, Bom Retiro, Belém, parte do Jardim Paulista e da Mooca, pequeno trecho da Barra Funda e Lapa, parte de Santana e da Penha, do Ipiranga, da Vila Mariana e Vila Prudente. De 1914 até 1929, houve o aumento da urbanização em bairros como Mooca, Vila Mariana e Moema, além de Penha, Tatuapé e bairros como Vila Maria, Vila Guilherme, Ipiranga, Jaçanã, Água Rasa, Pari etc.

O mapa ainda mostra áreas verdes na região de Cangaíba, Moema, Bom Retiro, Alto de Pinheiros, Butantã, Tatuapé e no Morumbi, além dos rios Tietê e Pinheiros.

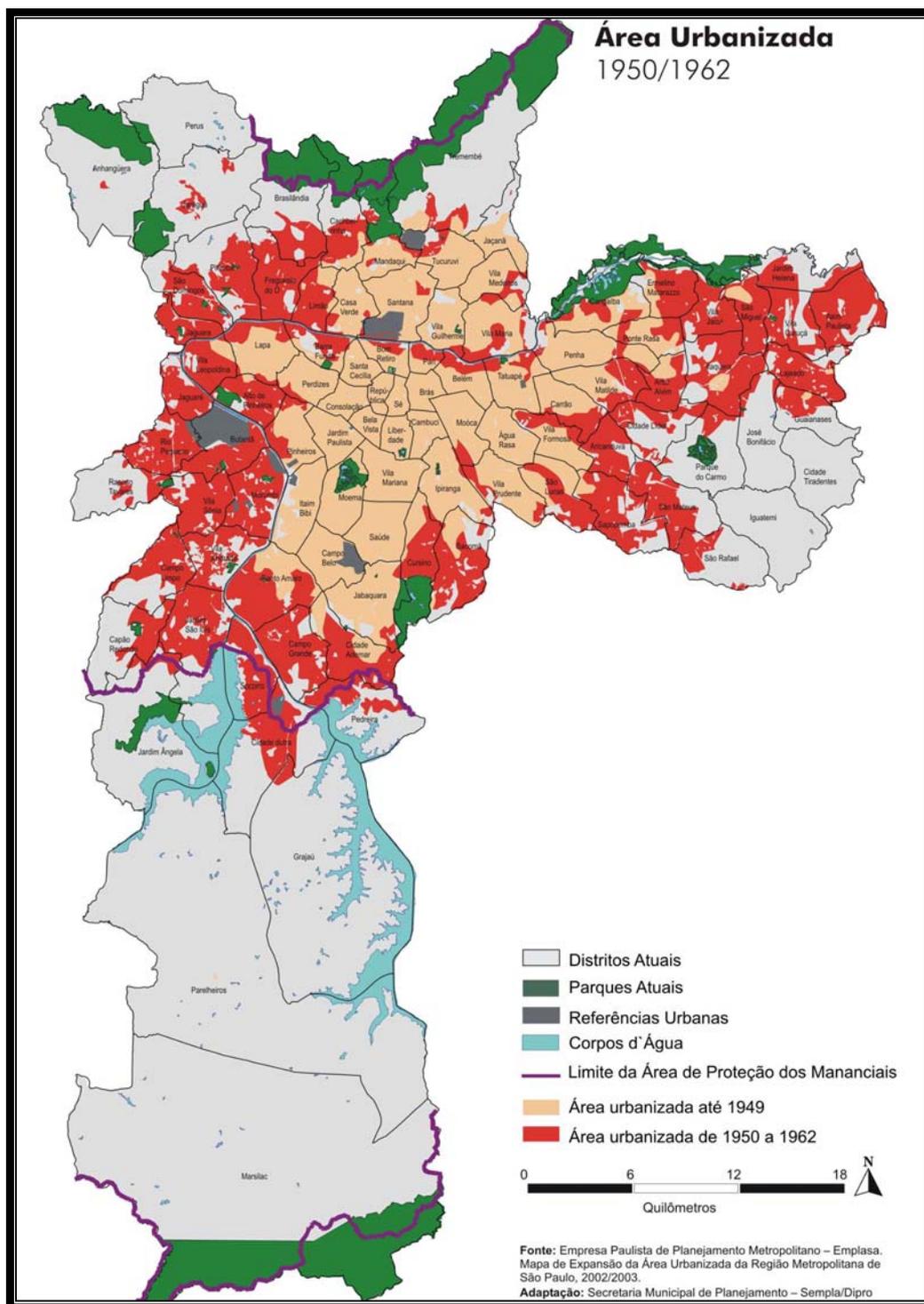
O quadro 5 possibilita melhor visualização da cidade na década de 20.

Nos vinte anos seguintes (até 1949) houve aumento expressivo de bairros urbanizados na periferia em todas as regiões como: Jabaquara, Itaim Bibi, Vila Medeiros, Tucuruvi, Mandaqui, Casa Verde, Campo Belo e Cidade Ademar, assim como cresceu o número de bairros urbanizados, a partir de 1949 até 1962 entre os quais: Morumbi, Vila Sônia, Jaguará, São Domingos, Jaguaré, Artur Alvim, Vila Jacuí, São Miguel, Itaquera, São Mateus, Sapopemba, Cursino, São Lucas, Aricanduva etc. podendo ser visualizado no quadro 6.



Quadro 5 - Área urbanizada na década de 20 da cidade de São Paulo

Fonte: <http://www.sempla.prefeitura.sp.gov.br>



Quadro 6 - Área urbanizada na década de 50 da cidade de São Paulo

Fonte: <http://www.sempla.prefeitura.sp.gov.br>

O quadro 7 refere-se aos parques, os itens estão listados à medida que aparecem no guia (de 1924, depois de 1954) como sugestões.

Somente o Parque Dom Pedro II e o Parque ou Vale do Anhangabaú localiza-se na região central. O Parque do Ibirapuera fora inaugurado no IV Centenário da cidade, o

Orquidário Silva Pinto, é de propriedade particular, não constando nenhuma outra informação, além da presente no guia, o Orquidário do Parque, atualmente Jardim Botânico de São Paulo completou 80 anos, em 2008 e o Parque do Jaraguá estava em construção no ano de 1953, conforme guia.

<b>Parques</b>	1924	1954
Parque Dom Pedro II	•	•
Parque da Independência	•	•
Parque Siqueira Campos	•	•
Parque da Cantareira	•	•
Parque Antarctica Paulista <sup>52</sup>	•	•
Parque Estadual Albert Loefgren (Horto Florestal)	•	•
Parque (Vale) Anhangabau	•	•
Parque Fernando Costa ou Parque da Água Branca <sup>53</sup>		•
Parque do Ibirapuera		•
Orquidário Silva Pinto (particular, localizava-se à Rua Bela Cintra)		•
Orquidário do Parque do Estado (atual Jardim Botânico)		•
Parque e Pico do Jaraguá		•
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>12</b>

Quadro 7 - Parques

<b>Praça</b>	1924	1954
Praça Antonio Prado	•	•
Praça da Sé	•	•
Praça Princesa Isabel	•	•
Praça do Patriarca	•	•
Praça João Mendes	•	•
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>5</b>

Quadro 8 - Praças

<sup>52</sup> O Parque Antarctica Paulista ficava no distrito da Água Branca e ocupava parte da área de vinte alqueires que em 1891 a companhia Antarctica fundada naquele ano, transformou em espaço público e de lazer aos seus funcionários. Nos anos de 1920 foi comprado pelo Esporte Clube Palestra Itália ([br.geocities.com/cervisiafilia/artcerv/pantarctica.htm](http://br.geocities.com/cervisiafilia/artcerv/pantarctica.htm)).

<sup>53</sup> O Parque da Água Branca está localizado à Avenida Francisco Matarazzo, 455 foi criado em junho/1929 (<http://www.agricultura.sp.gov.br/Parque%20da%20Agua%20Branca.asp>).

Quanto às praças, listadas no quadro 8, assim como os largos, localizam-se todos na região central. A Praça da República foi classificada como Jardim.

<b>Largos</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Largo de São Bento	•	•
Largo do Paissandu	•	•
Largo do Arouche	•	•
Largo de São Francisco	•	•
Largo do Palácio (1924) Pátio do Colégio (1954)	•	•
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>5</b>

Quadro 9 - Largos

Infere-se que atualmente existam mais praças, largos e jardins, se considerarmos o número de bairros e o crescimento ocorrido na cidade, contudo, consideramos aqui as citações dos guias analisados. Quanto às ruas do Triângulo foram citadas nos dois guias repetidas vezes, consideradas pontos de visita até os dias de hoje.

<b>Triângulo</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Rua Direita	•	•
Rua XV de Novembro	•	•
Rua São Bento	•	•
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>3</b>

Quadro 10 - Ruas do centro histórico.

<b>Jardins</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Jardim da República	•	•
Jardim da Luz	•	•
Jardim da Aclimação	•	
Jardim do Largo do Palácio (Pátio do Colégio)	•	•
Jardim do Largo da Liberdade	•	
Jardim do Largo do Coração de Jesus	•	
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>3</b>

Quadro 11 - Jardins

Os clubes esportivos e sociais aumentaram consideravelmente nos anos 30 e 40, a maioria deles localizavam-se às margens do Rio Tietê, época em que o esporte foi valorizado, houve a criação do Estádio Municipal do Pacaembu por Prestes Maia, sendo o futebol o esporte mais popular até os dias de hoje.

<b>Clubes esportivos e sociais</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Clube de Regatas Tietê	•	•
Associação Atlética de São Paulo	•	•
Clube Esperia	•	•
Sport Club Corinthians	•	•
Societá Sportiva Palestra Itália (atual Palmeiras)	•	•
Jockey Club Paulistano	•	•
Automóvel Clube de São Paulo	•	•
Automóvel Clube de Piratininga	•	•
Aero-Clube de São Paulo	•	•
Sociedade Hípica Paulista	•	•
Sociedade Paulista de Trote	•	•
Clube Atlético Ipiranga	•	•
Clube Atlético Paulistano		•
Clube Atlético Pinheiros		•
Clube de Xadrez de São Paulo		•
São Paulo Atlético Clube		•
Autódromo de Interlagos (Autódromo José Carlos Pace)		•
Estádio Municipal do Pacaembu		•
Associação Desportiva Floresta		•
Bridge Comércio Paulistano		•
Círculo Israelita de São Paulo		•
Clube Atlético Monte Líbano		•
Clube de Campo de São Paulo		•
Clube Comercial		•
Clube Ginástico Paulista		•
Clube de Golfe Anastácio		•
Clube Hípico Santo Amaro		•
Clube Piratininga		•
Clube de Tiro		•
Clube Português		•
Rotary Club de São Paulo		•
Sociedade Harmonia de Tênis		•
Tênis Clube Paulista		•
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>35</b>

Quadro 12 - Clubes esportivos e sociais.

O Teatro Municipal foi o mais citado, quer por sua arquitetura, ou atividades no ano do IV Centenário. O Teatro Brasileiro de Comédia, estreou em 1948, numa iniciativa do italiano Franco Zampari e sua última apresentação aconteceu em 1964. O teatro Cultura Artística, construído nos anos 47 a 50, funciona ainda, apesar do incêndio, ocorrido em

2008,<sup>54</sup>. O Teatro Santa Helena, localizava-se no Palacete Santa Helena, Praça da Sé, construído em 1925, foi destruído em 1971 e o Colombo no Largo da Concórdia, no Brás, construído 1908, apresentou o último espetáculo em 1966.<sup>55</sup>

<b>Teatros</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Teatro Municipal	•	•
Teatro Sant'Anna	•	•
Boa Vista	•	•
Apollo	•	•
Casino Antartica	•	•
Teatro Brasileiro de Comédia		•
Cultura Artística		•
Colombo		•
Recreio		•
Santa Helena		•
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>10</b>

Quadro 13 - Teatros

Quanto à relação dos cinemas houve considerável acréscimo nos anos 50, contudo, deve-se ao fato de estarem citados os cinemas localizados nos bairros, fora da região central. Grande parte deles localizava-se às Avenidas Ipiranga e São João, Silva (1924) contemplou em sua obra apenas os cinemas da área central. Como houve crescimento da indústria cinematográfica, apontado por Sevckenko (1992), o número de cinemas, considerando-se os localizados nos bairros da cidade, aumentou consideravelmente, atualmente as salas de cinema concentram-se nos *shopping-centers*.

<b>Cinemas</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Cine Avenida	•	
Cine República	•	
Cine Triângulo	•	
Cine Alhambra		•
Cine Art-Palácio		•
Cine Astória		•

<sup>54</sup> Conforme <http://www.culturaartistica.com.br/comunic.asp>.

<sup>55</sup> Conforme <http://www.almanack paulistano.com.br/brascine1.htm>

<b>Cinemas (continuação)</b>	1924	1954
Cine Áster		•
Cine Babilônia		•
Cine Bandeirantes		•
Cine Brás Politeama		•
Cine Broadway		•
Cine Brasil		•
Cine Cairo		•
Cine Califórnia		•
Cine Cambuci		•
Cine Capitólio		•
Cine Carlos Gomes		•
Cine Carrão		•
Cine Casa Verde		•
Cine Catumbi		•
Cine Climax		•
Cine Clipper		•
Cine Colonial		•
Cine Cruzeiro		•
Cine Esmeralda		•
Cine Espéria		•
Cine Estrela		•
Cine Eldorado		•
Cine Goiás		•
Cine Fênix		•
Cine Glória		•
Cine Hollywood		•
Cine Ideal		•
Cine Imperial		•
Cine Ipê		•
Cine Ipiranga		•
Cine Íris		•
Cine Itamaraty		•
Cine Jabaquara		•
Cine Jaraguá		•
Cine Jóia		•
Cine Jussara		•
Cine Leblon		•
Cine Lins		•
Cine Lux		•
Cine Marabá		•
Cine Majestic		•
Cine Marconi		•
Cine Marrocos		•
Cine Metro		•

<b>Cinemas (continuação)</b>	1924	1954
Cine Moderno		•
Cine Monark		•
Cine Mundi		•
Cine Nacional		•
Cine Normandi		•
Cine Oásis		•
Cine Oberdã		•
Cine Olimpia		•
Cine Ópera		•
Cine Paramount		•
Cine Paratodos		•
Cine Paulista		•
Cine Paulistano		•
Cine Pedro I		•
Cine Pedro II		•
Cine Pedro II		•
Cine Piratininga		•
Cine Plaza		•
Cine Recreio		•
Cine Rex		•
Cine Rialto		•
Cine Ritz		•
Cine Rio		•
Cine Rosário		•
Cine Roxy		•
Cine Sabará		•
Cine Samarone		•
Cine Santo Antonio		•
Cine São Bento		•
Cine Santa Cecília		•
Cine São Geraldo		•
Cine São Jorge		•
Cine São José		•
Cine São Luis		•
Cine São Paulo		•
Cine São Pedro		•
Cine Savoy		•
Cine Tucuruvi		•
Cine Universo		•
Cine Vila Maria		•
Cine Vitória		•
Cine Vogue		•
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>90</b>

Quadro 14 - Cinemas

Quantos aos monumentos citados, foram destacados nos dois guias, detalhadamente, sobretudo, no guia de 1953, que se preocupou em citar a representatividade histórica para a cidade, conforme conceitos de Choay (2006), destacados na pesquisa. Alguns destes monumentos já não existem, extinguidos pela ação do tempo ou do homem, contudo, ainda é possível encontrar nos dias de hoje, obras citadas no guia de 1953.

<b>Monumentos, estátuas, hermas, bustos e esculturas (continuação)</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Busto de Jesuíno F. Leite		•
Busto de Almeida Júnior		•
Busto de General San Martin		•
Marco Comemorativo aos Heróis da Laguna (ao Visc.Taunay e heróis da Laguna)		•
Placas Comemorativas no Jardim da Luz (placas em bronze da baía de Guanabara, Pão de Açúcar o Forte e uma caravela)		•
Placas comemorativas na Rua da Consolação (ao Barão de Ramalho)		•
Estátua de Davi		•
Estátua de Moisés		•
Esculturas Graças (duas mulheres nuas)		•
Estátua Leitura (mulher com livro)		•
Estátua Laocoonte (homem com crianças envoltos por uma serpente)		•
Estátua de Gladiador		•
Estátua de Hércules atacado por um leão		•
Estátua Discóbolo (homem arremessando um disco)		•
Estátua Semeador (camponês semeando)		•
Estátua Ascensão (mulher com cântaro)		•
Estátua Fauno (divindade campestre da mitologia romana)		•
Estátua Diana Caçadora		•
Estátua Depois do banho (mulher nua recostada)		•
Estátua Último acorde (mulher tocando instrumento)		•
Estátua Guanabara (mulher nua sentada apoiada sobre um braço)		•
Estátua Ubirajara		•
Estátua Índio Pescador		•
Estátua Índio Caçador		•
Estátua O Menino e o Tamanduá		•
Estátua Garoto com Cata-vento		•
Estátua O Espinário (menino sentado à procura de espinho no pé)		•
Estátua Garoto Brincando (sentado com um jabuti aos pés)		•
Estátua Leão (em atitude agressiva)		•
Estátua Leão Atacado (em luta com uma serpente)		•
Estátua Veado caçado		•
Estátua Contando a Férias (conhecido por Jornaleiro e o Engraxate)		•
Estátua A boneca		•
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>72</b>

Quadro 15 - Monumentos, estatuas, hermas, bustos e esculturas.

No que se refere aos museus eram poucos em 1924 e também em 1954, contudo, hoje podemos contar com um número bem maior de museus e espaços de entretenimento cultural como o Museu de Arte Moderna, Museu da Língua Portuguesa, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural São Paulo, Museu do Futebol, etc. Os museus citados em sua maioria localizavam-se nas proximidades do Centro.

<b>Museus</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Museu Paulista	•	•
Museu de Móveis e Trabalhos em Madeira	•	
Museu de Demonstração Secretaria de Agricultura	•	
Museu da Cúria Metropolitana	•	•
Museu de Arte Christan	•	•
Pinacoteca do Estado	•	•
Museu e Instituto Butantã	•	•
Museu de Arte de São Paulo		•
Museu de Caça e Pesca (Parque da Água Branca)		•
Museu Folclórico (Cons. Dramático Musical São Paulo)		•
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>8</b>

Quadro 16 - Museus

Os edifícios religiosos (inclusive de outros cleros) foram listados na tabela a seguir à medida que foram sendo citados nos guias com informações detalhadas. Contudo, o guia de 1954, traz na página 164, uma relação maior de nomes. Alguns destaques como a Catedral da Sé, o Mosteiro de São Bento, Igreja de São Gonçalo, Igrejinha dos Aflitos, não só pela representatividade na história como pela monumentalidade.

<b>Edifícios religiosos</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Catedral Metropolitana de São Paulo	•	•
Mosteiro de São Bento	•	•
Igreja de Santa Ifigênia	•	•
Igreja e Convento de São Francisco	•	•
Igreja e Convento do Carmo	•	•
Santuário do Sagrado Coração de Jesus	•	•
Basílica Nossa Senhora do Carmo	•	•
Igreja Nossa Senhora da Glória	•	•
Igreja da Consolação	•	•
Igreja de Santo Antonio	•	•
Igreja de São Gonçalo	•	•
Igreja da Boa Morte	•	•
Igrejinha dos Aflitos	•	•
Capela de Santa Cruz dos Enforcados	•	•

<b>Edifícios religiosos (continuação)</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Recolhimento da Luz	•	•
Igreja Methodista	•	•
Igreja Lutherana	•	•
Igreja Presbiteriana Unida	•	•
Primeira Igreja Presbiteriana Independente	•	•
Primeira Igreja Batista de São Paulo	•	•
Igreja Armênia de São Jorge	•	•
Igreja Ortodoxa	•	•
Igreja Nossa Senhora da Penha	•	•
Igreja Matriz do Braz	•	•
Igreja de São Cristóvão	•	•
Igreja de Santa Cecília	•	•
Igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração	•	•
Igreja e Convento dos Capuchinhos	•	•
Igreja do Imaculado Coração de Maria	•	•
Igreja Nossa Senhora do Ó	•	•
Igreja Nossa Senhora do Rosário	•	•
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>31</b>

Quadro 17 - Edifícios Religiosos

As Estações Balneárias encontraram-se listadas nos guias sendo que Silva (1924), citou apenas a Praia José Menino além da cidade de Santos. As cidades de Valinhos e Poços de Caldas são citados através de publicidade. Quanto ao guia de 1953, contemplou também estações balneárias da cidade de São Paulo como a Represa da Santo Amaro, litoral e estações climáticas referindo às cidades do interior como Águas de São Pedro, Campos de Jordão etc.

<b>Estações Balneárias e Climáticas</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Represa de Santo Amaro	•	•
Praia José Menino (Santos)	•	•
Valinhos (Fonte Sônia)	•	•
Poços de Caldas	•	•
Interlagos		•
Eldorado		•
Sete Praias		•
Estoril		•
São Vicente		•

<b>Estações Balneárias e Climáticas (continuação)</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Itanhaém		•
Ubatuba		•
Ilha Bela		•
Bertioga		•
Caraguatatuba		•
São Sebastião		•
Águas da Prata		•
Águas de São Pedro		•
Atibaia		•
Campos do Jordão		•
Clube dos 200		•
Rubião Júnior		•
Serra Negra		•
Termas de Ibirá		•
Termas de Lindóia		•
Termas de Santa Bárbara do Rio Pardo		•
Valinhos		•
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>26</b>

Quadro 18 - Estações balneárias e climáticas

Apesar do Guia de 1953 abordar cidades do interior de São Paulo, podemos perceber pelas tabelas que a diferença ocorrida no período de 30 anos foi muito grande, onde só se somavam e aumentavam os números, fossem eles de bairros, de linhas de ônibus de lugares para entretenimento, de prédios, (até mesmo o número das demolições aumentava a cada dia).

<b>Números totais</b>	<b>1924</b>	<b>1954</b>
Parques	7	12
Praças	5	5
Largos	5	5
Jardins	6	3
Clubes esportivos e sociais	12	35
Teatros	5	10
Cinemas	3	90
Monumentos, hermas, bustos e esculturas	25	72
Museus	7	8
Edifícios Religiosos	17	31
Estações Balneárias e Climáticas	4	26

Quadro 19 - Totalização das principais localidades da cidade para lazer e entretenimento.

## **Considerações finais**

Objetivou-se com essa pesquisa analisar dois guias impressos da cidade de São Paulo, com ênfase para as sugestões de visitação, lazer e entretenimento, em dois períodos distintos, porém, relevantes para a cidade. O primeiro guia (1924) registrou acontecimentos importantes na cidade que antecederam a data de sua publicação, tais como o evento da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal e o Centenário da Independência, embora não tenha sido mencionado o primeiro evento, por tratar-se de um guia para o viajante ou morador da cidade. O segundo (1953) insere-se na coleção de obras comemorativas do IV Centenário da cidade, um guia para enaltecer a cidade com muitas informações turísticas, dotadas de muitos números e elogios acerca do crescimento da cidade.

Embora, haja um período de 30 anos entre o primeiro e o segundo guia analisado, notou-se a grande transformação ocorrida na cidade. Não obstante, as datas tiveram influência na descrição de seus conteúdos, o primeiro guia analisado, o Guia Ilustrado do Viajante, do ano de 1924, é um manual de informações aos moradores ou visitantes, de toda a gama de serviços de utilidade pública, de lazer e entretenimento, além de apontar a riqueza da cidade de São Paulo, contemplada nas artes e na arquitetura, na cultura e nos esportes. No ano de 1924, as comemorações do Centenário da Independência ainda eram lembradas, data em que foram inaugurados monumentos e outras obras, quando houve a renovação do acervo do Museu Paulista, preparado por Affonso d'E. Taunay para o acontecimento. Silva faz descrições detalhadas enquanto informa e elogia o Museu Paulista, a Penitenciária de São Paulo e ao Parque da Cantareira, quando se reporta à vegetação, o que permite inferir que deseja mostrar toda a cidade como se fosse algo “estático”, que não se transformava no dia a dia.

O segundo guia, destacou, sobremaneira, o crescimento da cidade e de sua população, sua história, o aumento de edificações, pontes e similares, embora não tenha deixado de se referir aos monumentos, à educação e aos esportes, pois, tinha a necessidade de demonstrar a grandeza de São Paulo, em todos os setores, já que foi obra comemorativa do IV Centenário da cidade e tudo, nesta época, girava em torno do tema. Observou-se o detalhamento nas informações de todos os monumentos, sobretudo nas referências de sua representatividade para a história da cidade e do país.

Em toda a história das viagens, o homem se deslocou em virtude destes; monumentos ou ruínas que se tornaram atrativos construídos pelos antigos, ou criados propositadamente para este fim, nos tempos modernos, pelo quê os guias impressos são em parte responsáveis, informando sobre os mesmos e tornando-os conhecidos, sobretudo com o advento do turismo, sugerindo a sua preservação.

O centro histórico de São Paulo foi destacado nos guias, pelo Triângulo, formado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento. As igrejas, em grande número são comuns aos dois guias, ressaltadas como lugares de visitação, por sua arquitetura e obras de arte, assim como os cemitérios mais antigos de São Paulo, que também são sugestões de visitação no guia de 1953.

Quanto à hospitalidade, apesar dos guias mostrarem de maneiras diversas a cidade de São Paulo, tiveram em comum a mediação entre o espaço público e o indivíduo, morador ou visitante da cidade. Alguns aspectos ficaram claros, à medida que repetidas vezes foram dadas informações acerca do acesso aos locais (acessibilidade), percebe-se a intenção clara de “oferecer” a cidade ao estrangeiro, por todas as sugestões que permitiam ao visitante deslocar-se para satisfazer as necessidades advindas, considerando-se as dificuldades de adaptação e socialização na cidade, num primeiro momento: dos imigrantes e depois dos migrantes das diferentes regiões do país. Contudo nesta pesquisa foram feitas diversas abordagens acerca da hospitalidade. Associada à aspectos sociais ou religiosos, de compromisso com os deuses, na Antiguidade, ou nos tempos modernos, como *status*, porém em sua definição, encontraremos sempre um ponto em comum: a abertura para o acolhimento.

Mais do que o acolhimento, na hospitalidade urbana, sobretudo, quando nos referimos à uma cidade como São Paulo, é necessário que seja observado outro item como o “conceito de qualidade de vida” no qual estão agregados aspectos econômicos, ambientais, sociais e culturais

Os passeios sugeridos nos jardins, praças, parques, estações balneárias, além da valorização dos esportes e outros entretenimentos, aliados às sugestões de bibliotecas, museus, faculdades, institutos e hospitais, numa forma de atrair o estrangeiro, sugeriam acolhimento. Palavras como sustentabilidade ou turismo sustentável não faziam parte do vocabulário naquele período, como faz hoje; a preocupação era com a higiene da cidade e o clima, a construção de edifícios e o aumento da população e de automóveis.

O guia de 1924, embora tivesse sido escrito e editado numa época de menos recursos tecnológicos aproximou mais o indivíduo do espaço público com seus detalhes e minúcias,

como se estivesse falando com o leitor e explicando-lhe como funcionava a cidade, enquanto que o de 1953, preocupou-se em demonstrar os números da cidade que crescia a cada minuto, acabando por tornar-se a cidade que conhecemos hoje: nada acolhedora, considerando-se os aspectos abordados pelos autores acerca da hospitalidade urbana.

## Referências Bibliográficas

- AMARAL, Aracy. Artes plásticas na Semana de 1922. São Paulo: Editora 34, 1988.
- ARAÚJO, Maria Lucilia Viveiros. *Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do oitocentos*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das Viagens e do Turismo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Os Guias Turísticos em Berlim. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP* v. 17, nº 1, 2005.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao estudo do Turismo*. São Paulo: Papirus, 2003.
- BASTOS, Sênia Regina. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 1996.
- BASTOS, Sênia; CHOEFI, Amanda Girardi; RAMOS, Antonio Martins; ROSA, Priscila Helena. *O monumento a Carlos Gomes*. São Paulo, manuscrito, 1993.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER; Gaskel. *Pesquisa qualitativa em imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Odebrecht, 1994.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O museu paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BURNS, Peter M. *Turismo e antropologia: uma introdução*. São Paulo Chronos, 2002.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia de comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lugares burgueses*. São Paulo: Aleph, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.
- CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. A pesquisa em hospitalidade. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação*, Santos: 2007.
- \_\_\_\_\_. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de Carvalho. A arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. *Revista Cidade. Revista do Patrimônio Histórico Nacional /Secretaria Municipal de Cultura* Ano V, nº 5, São Paulo, 1998.
- CUNHA, Licínio. *Economia e Política do Turismo*. Alfragide: McGraw-Hill, 1997
- DIÊGOLI, Leila Regina. *Desenhos e Riscos de São Paulo: a estética dos espaços públicos do centro da capital paulista entre os anos 40 e 60 d do século XX*. São Paulo: PUC-SP (Tese de doutorado), 2001.
- \_\_\_\_\_. A arquitetura oficial e o Estado Novo. *Revista Cidade – Revista do Departamento de Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura* Ano III, nº 4, São Paulo, 1996.

- FREITAS, Sônia Maria de. *E chegam os imigrantes: o café e a imigração em São Paulo*. São Paulo: Edição da autora, 1999.
- GODBOUT, Jaques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GOETHE, Jonhann Wolfgang Von. *Viagem à Itália 1786-1788*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GRINOVER, Lúcio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, ano III, nº 2 p. 29-50, São Paulo: Anhembi-Morumbi, 2006.
- \_\_\_\_\_, Hospitalidade e qualidade de vida: instrumentos para a ação. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- GUERRIER, Yvonne. *Of guests, customers and consumers; images of hotels and restaurants, unpublished chapter to the hospitality research group*. University of Strathclyde, 1997.
- GUIA TURÍSTICO DA CIDADE DE SÃO PAULO. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.
- HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.) *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005
- LASHLEY, Conrad e MORRISON, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LOMONACO, Maria Aparecida. O Pátio do colégio: um lugar de muitas memórias. In: BUENO, Eduardo (org.) *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- LOFEGO, Silvio Luiz. *IV centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. A construção da memória na publicidade do IV centenário da cidade de São Paulo. *Revista Patrimônio e História UNESP – FCLAs – CEDAP*, vol. 2, nº 2. São Paulo: 2002,
- MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, vol. 6/7, número 007. São Paulo, 2003.
- MARTINS, Antonio Egidio. *São Paulo Antigo (1554-1910)*, São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MARTINS, José de Souza. *História e Arte no Cemitério da Consolação*. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria da Cultura, Serviço Funerário.n/d.
- MOLINA, Sérgio. *Turismo, metodologia para su planificación*. México: Trilhas. Universidad Anáhuac, 1997.
- MONTANDON Alain. Hospitalidade, ontem e hoje. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- MORGAN-PROUX, Catherine. A hospitalidade dos guias intérpretes e o desenvolvimento turístico duradouro. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano III, nº 2, 2º sem. 2006.

- MOTTA, Marly Silva da. *A Nação faz 100 Anos: A questão nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV – CPDOC, 1992.
- PADILHA, Oscar de la Torre. *El turismo: fenómeno social*. México: Fondo de Cultura Economica, 1994.
- RAFFESTIN, Claude. Réinventer l'hospitalité. *Communications Editions du Seuil* n° 65, p.165-174, 1997.
- REIS, Nestor Goulart. *São Paulo: vila, cidade, metrópole*. São Paulo: Qualis Editora e Comunicação, 2004.
- REJOWSKI, Mirian (org.). *Turismo no percurso de tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- SAES, Flávio. São Paulo republicana: vida econômica. In: PORTA, Paula (org.) *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amos à cultura. *Revista Brasileira de História São Paulo* vol. 22, n° 44. São Paulo, 2002.
- SCARRONE, Marcello. Doze horas numa diligência. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Edição n° 27, Dez. 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. A construção de uma Identidade Paulista. In: BUENO, Eduardo (org.) *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O sol do Brasil: Nicolas Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIGAUX, Gilbert. *History of Tourism*. Londres; Leisure Arts, 1965.
- SILVA, Jacyntho. *Guia ilustrado do viajante*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.
- SILVA, Siwla Helena. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 2007.
- SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian. *Turismo o Percurso do Tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- STIEL, Waldemar Correa. *História dos Transportes coletivos em São Paulo*, São Paulo, EDUSP. McGraw Hill do Brasil, 1978.
- STICKEL, Erico J. Siriuba. *Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- TELFER, Elizabeth. *Food for thought: philosophy and food*, Londres: Routledge, 1996.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Viagem na memória: Guia histórico das viagens e do turismo no Brasil*. São Paulo: Senac, 2002.
- TENÓRIO, Mauricio. Um cuauhtémoc carioca: comemorando o centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos históricos do Rio de Janeiro* vol.7, n° 14, 1994.
- URRY, John. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Nobel, 1996

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma aprendiz da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

YASOSHIMA, José Roberto e OLIVEIRA, Nadja da Silva. Antecedentes das viagens e do Turismo In: REJOWSKI, Mirian. *Turismo o Percurso do Tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

## Bibliografia

BASTOS, Sênia. Patrimônio cultural e hospitalidade: subsídios ao planejamento turístico. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2004.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER; Gaskel. *Pesquisa qualitativa em imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BUENO, Eduardo. *Os nascimentos de São Paulo*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* nº 23, 1994.

\_\_\_\_\_. Los usos sociales Del patrimonio cultural In: AGUILAR CRIADO, Encarnación. *Patrimonio Etnológico: Nuevas perspectivas de estudio*. Consejería de cultura. Junta de Andalucía, 1999.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org.) *Planejamento e gestão em hospitalidade*. São Paulo: Thomson, 2004.

FRUGOLI JR., Heitor *Centralidade de São Paulo: trajetória, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez, 2000.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

PIRES, Mário Jorge. *Lazer e turismo cultural*. São Paulo: Manole, 2001.

PRATS, Llorenç. *Antropologia y patrimônio*. Barcelona: Ariel, 1997.

RODRIGUES, Marly. *Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987*. São Paulo: Unesp, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

YAZIGI, Eduardo. *Esse estranho amor dos paulistanos; requalificação urbana, cultura e turismo*. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas*. São Paulo: Contexto, 2001.

## Fontes eletrônicas

<http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/afonsodtaunay.htm>

<http://www.infoescola.com/literatura/modernismo>

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MarcuVAg.html>

<http://suapesquisa.com/idademedia>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado\\_de\\_Utrecht](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Utrecht)

[www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br)

[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_alfredo\\_descragnolle\\_taunay.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_alfredo_descragnolle_taunay.htm)

[http://www.itu.com.br/colunistas.asp?cod\\_conteudo=7052](http://www.itu.com.br/colunistas.asp?cod_conteudo=7052)

<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1351/A-evolucao-da-internet-no-Brasil-e-a-dificuldade-de-sua-regulamentacao>

<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/1950>

[http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/3035\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/3035_1.asp)

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link>

<http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/afonsodtaunay.htm>

<http://www.jockeysp.com.br/historia.asp>

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=603>

<http://www.novomilenio.inf.br/festas/brasil1a.htm>

<http://www.trintahomenagens.com.br>

[br.geocities.com/cervisiafilia/artcerv/pantarctica.htm](http://br.geocities.com/cervisiafilia/artcerv/pantarctica.htm)

<http://www.agricultura.sp.gov.br/Parque%20da%20Agua%20Branca.asp>

[www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=166471](http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=166471)

<http://www.culturaartistica.com.br/comunic.asp>

<http://www.almanack paulistano.com.br/brascine1.htm>

<http://www.ibot.sp.gov.br>